Amanda Cavalcante Moreira

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria Ângela P. C. S. Bortolucci

Versão Corrigida

São Carlos
2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

C835t Cavalcante Moreira, Amanda
Teresina e as moradias da região central da cidade
(1852-1952). / Amanda Cavalcante Moreira; orientadora
Maria Ângela Pereira Castro e Silva Bortolucci. São
Carlos, 2016.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em
Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo --
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de
São Paulo, 2016.

1. Moradia urbana no Brasil. 2. Arquitetura
residencial teresinense. 3. Moradias em Teresina-PI. 4.
Arquitetura brasileira. I. Título.

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidato(a): Arquiteta e Urbanista Amanda Cavalcante Moreira

Título da dissertação: "Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)"

Data da defesa: 03/05/2016

Comissão Julgadora:

Resultado:

Profa. Dra. Maria Angela Pereira de Castro e Silva Bortolucci

(Instituto de Arquitetura e Urbanismo/USP)

APROVADA

Profa. Dra. Telma de Barros Correia

(Instituto de Arquitetura e Urbanismo/USP)

Aprovada

Profa. Dra. Luciana Pelaes Mascaro

(Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT)

APROVADA

Coordenadora e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: Profa. Dra. Cibele Saliba Rizek.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Você me deixa tonto, zonzo
Quase como louco de encantamento
Eu desanoiteço no seu todo de mulher
No verde dos seus olhos de menina
Seu olhar de querubina faz o sol me esquentar
E quando é noite a lua nina Teresina
Que desatina até o sol raiar

De manhã, eu olho pra Timom
E sinto o gosto bom do Parnaíba desaguar
Então eu choro transbordantemente
Que alegre enchente no meu coração
São dois rios lindos com as águas claras
Desse Parnaíba que não volta mais
Apenas olho minha Teresina
Como quem delira na beira do cais

Ai, troca, quem troca destroca
Minha Teresina não troco jamais
No troca-troca, quem troca destroca
Minha Teresina não troco jamais

[Teresina – Lázaro do Piauí]

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

“Existirmos: a que será que se destina?
Pois quando tu me deste a rosa pequenina
Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina
Do menino infeliz não se nos ilumina
Tampouco turva-se a lágrima nordestina
Apenas a matéria vida era tão fina
E éramos olharmo-nos intacta retina
A cajuína cristalina em Teresina”
[Cajuína – Caetano Veloso]

Á minha Teresina, que guarda em suas [e
também minhas tão queridas] casas tantos
saberes, histórias e memórias.

AGRADECIMENTOS

“Tudo o que se faz com amor
Adquire formosura
E se engrandece”
[JosémariaEscrivá]

Mais do que o resultado de anos de um intenso trabalho, todas essas páginas são fruto de um sonho que comecei a construir antes mesmo de saber o que ele me custaria. Vê-lo realizado só foi possível com o apoio e o esforço de tantas pessoas que sonharam junto comigo e agiram para que ele se materializasse. Agradecer nunca será suficiente para expressar toda a minha gratidão.

Agradeço à Professora Dr^a Maria ÂngelaBortolucci, minha orientadora no sentido literal da palavra, que, sempre tão presente e disposta, não hesitou em buscar respostas para as minhas tantas dúvidas e abraçou essa pesquisa, com tanta dedicação e comprometimento, desde que eu era apenas a menina do Piauí interessada em estudar em São Carlos. À Ângela, que foi mais sanou todas as minhas dúvidas e conduziu essa pesquisa com tanta dedicação e comprometimento.

À minha mãe, minha inspiração e meu exemplo de profissional, de aluna e de professora, por me ensinar que eu sempre posso dar o meu melhor. Ao meu pai,

pelo apoio e pela fortaleza. Aos dois, por sempre acreditarem que eu podia ir mais longe e sempre investirem na minha educação.

Ao Diego, por sempre fazer o caminho ficar mais fácil, por confiar tanto no meu trabalho e, principalmente, por viver essa dissertação como se fosse sua e nunca se poupar de me ajudar.

Aos amigos que o IAU me deu, em especial à Silvia, Mariana, Renatinha, Carol, Lay, Rodrigo Scheeren, Rodrigo Jabur e Andreia, por compartilharem as dores e as delícias desse mundo acadêmico e serem mãos sempre dispostas a ajudar. Aos demais companheiros de LCC, pelo apoio e companhia.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos piauienses em São Carlos, que foram família nessa terra distante. As minhas amigas e família, meu apoio, minha companhia do outro lado do teclado. Ao Vitor e a Lis, que várias vezes me acompanharam na busca sem fim pelas fontes. Sou só agradecimento a vocês.

Muitas foram as pessoas que contribuíram com os documentos e outras fontes para essa pesquisa, e foram essenciais para que ela se concretizasse. À turma 2009.1 de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Piauí, que gentilmente me cederam seus levantamentos; Aos proprietários das residências, que me permitiram o acesso e/ou me cederam informações importantes; Aos meus entrevistados, pela

paciência e disposição em responder às minhas inúmeras indagações, em especial ao meu avô, uma fonte inesgotável de conhecimento, de memórias e de história. À Hercília e à Rayla, que em momentos diferentes foram a ponte entre São Carlos e as minhas residências, e principalmente à Marina, ajuda mais do que essencial na reta final. Foram muitos os nomes e é impossível que eu cite todos eles... Mas todos que contribuíram com uma planta, uma imagem, uma informação... Foram de extrema importância para que essa dissertação se concretizasse. Muito Obrigada!

Agradeço às professoras Dr.^a Telma de Barros Correia e Dr.^a Luciana PelaesMascaró, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação. Finalmente, agradeço à FAPESP, que por meio do processo N° 2013/11071-6 possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

MOREIRA, A. C. **Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)**. 2016. 372 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.

Esta pesquisa trata da moradia urbana no Brasil, notadamente no período que vai da segunda metade do século XIX até meados do século XX, tendo como norte as transformações decorrentes da busca por modernidade, salubridade e conforto e sua relação com os estilos arquitetônicos adotados. Para tanto analisa as residências construídas na região central da cidade de Teresina, fundada para tornar-se capital do Estado do Piauí, o que, juntamente com fatores sociais e econômicos, limitações técnicas e condições climáticas locais, originou uma arquitetura de características muito peculiares. Busca, assim, compreender e caracterizar as transformações ocorridas, bem como a sua difusão na cidade, com foco nos agentes envolvidos nesse processo e na apropriação da sociedade teresinense das diversas tipologias residenciais. Toma por base principalmente documentação consultada em arquivos locais e particulares - como almanaques, jornais, relatórios, legislações e imagens de época -, levantamentos, entrevistas, além de bibliografia de historiadores locais, com destaque para Teresinha Queiroz, Monsenhor Chaves e Odilon Nunes. A fim de embasar as análises, busca ainda sustentação teórica em autores consolidados como Carlos A. C. Lemos e Nestor Goulart Reis Filho. Contribui, desse modo, para ampliar o conhecimento da produção de moradias urbanas em Teresina-PI, tão pouco presente na historiografia da arquitetura brasileira.

Palavras-chave: Moradia urbana no Brasil. Arquitetura residencial teresinense. Moradias em Teresina-PI. Arquitetura brasileira.

ABSTRACT

MOREIRA, A. C. **Teresina and the downtown dwelling of the city (1852-1952).** 2016. 372 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.

This research is about the urban dwelling in Brazil, notably from the second half of the 19th century until the beginning of the 20th century, guided by the changes that occurred due to the search for modernity, salubrity and comfort and their association with the architectonic styles adopted. For this purpose, the study analyses the houses built in downtown Teresina, city which was founded to become the state capital of Piauí, a fact which, together with social and economic factors, technical limitations and local climatic conditions, generated a very peculiar architecture. Therefore, this work aims to comprehend and characterize the transformation that happened, as well as how it spread through the city, focusing on the characters involved in the process and the appropriation of the residential typology by the society from Teresina. It is based on documentation found in public and particular archives, as almanacs, newspapers, reports, laws and images from the time, and also in interviews and researches, besides the bibliography of local historians, specially Teresinha Queiroz, Monsenhor Chavez and Odilon Nunes. In order to support the analysis, it finds theoretical basis on consolidated authors as Carlos A. C. Lemos and Nestor Goulart Reis Filho. As a result, contribution is given to amplify the knowledge of the urban dwelling in Teresina-PI, poorly present on the Brazilian architecture historiography.

KEYWORDS: Urban dwelling in Brazil; Residential architecture in Teresina; Dwelling in Teresina; Brazilian architecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Teresina com recorte espacial da pesquisa. Bairros: 1) Centro 2) Vermelha 3) N. S. das Graças 4) Piçarra 5) Frei Serafim 6) Cabral 7)Marquês 8) Mafuá 9) Matinha	34
Figura 2: Locação das edificações residenciais entre o início da formação da cidade até meados da década de 1950 na região central de Teresina.	37
Figura 3: Esquema das rotas de penetração no Piauí no século XVIII.	46
Figura 4: Povoamento e a urbanização no Brasil até meados do Século XVIII.....	48
Figura 5: Possíveis capitais da Província e a vizinha Caxias.....	52
Figura 6: <i>Miniatura do Plano de Therezina</i>	57
Figura 7: Pia batismal da Igreja do Amparo.	69
Figura 8: Reconstituição da fachada da Igreja através de imagens de baixa qualidade visual.	71
Figura 9: Mercado Municipal de Teresina em suas características originais.	73
Figura 10: Catedral de Nossa Senhora das Dores em 1926.....	80
Figura 11: Fachada da Igreja de São Benedito.....	81
Figura 12: Imagem de época da Igreja de São Benedito.	82
Figura 13: Imagem de época do Tribunal de Justiça de Teresina. Data imprecisa.	84

Figura 14: Ruas de Teresina nas primeiras décadas da cidade.....	91
Figura 15: Comendador Jacob Manuel d´Almendra. Autoria desconhecida.	92
Figura 16:Casa da Rua da Glória	93
Figura 17: Conjunto de casas de com influência da arquitetura colonial na cidade de Pedro II – Piauí.....	94
Figura 18: Casarão da Rua da Glória	94
Figura 19: Casarão da Praça Marechal Deodoro.	96
Figura 20: Casarão da Praça Marechal Deodoro, já descaracterizado em suas aberturas e pelo uso de toldos metálicos, mas com cornijas ainda visíveis.....	96
Figura 21: Portas e cancelas de corredores em residências em Pedro II – Piauí.....	97
Figura 22: Casa do Sr. Jacob Almendra, em 1916, enquanto palácio do governo.	98
Figura 23:Planta Baixa esquemática original do pavimento térreo da casa do Comendador Jacob Almendra	101
Figura 24: Planta Baixa esquemática do pavimento superior da casa do Comendador Jacob Almendra	101
Figura 25: Sobrado do Major Selemérico	103
Figura 26: Sobrado da Dona Auta	103
Figura 27: Planta esquemática da Fazenda Caro Custou.	105
Figura 28: Planta esquemática da Fazenda Espírito Santo.	106
Figura 29: Fazenda Serra Negra	107

Figura 30: Fazenda da Dona Alemã.....	108
Figura 31: Fazenda Olho D'água dos Pires.....	108
Figura 32: Varanda da casa da fazenda Abelheiras, Campo Maior, Piauí.....	110
Figura 33: Varanda da casa do Comendador Jacob Almendra.....	110
Figura 34: Varanda da casa da Rua Paissandú, 1012, Teresina.....	110
Figura 35: Vista externa da varanda de casa urbana situada em Amarante, Piauí.	110
Figura 36: Sobrado sem revestimento.....	112
Figura 37: Telhado de edificação situada em Oeiras, Piauí.....	114
Figura 38: Telhado de edificação situada em Amarate, Piauí.....	114
Figura 39: Vista do telhado sobrado do Dr. Jacob Almendra.....	114
Figura 40: Vista do telhado sobrado do Dr. Jacob Almendra (2).....	114
Figura 41: Forro em tábua de madeira superpostas.....	116
Figura 42: Forro com quadro treliçado.....	116
Figura 43: Piso em assoalho de madeira.....	117
Figura 44: Revestimento em pedra de juazeiro.....	118
Figura 45: Fachada principal da residência do Comendador Jacob Almendra. ..	119
Figura 46: Fachada lateral da residência do Comendador Jacob Almendra.....	119
Figura 47: Desenho de uma das bandeiras encontradas nas janelas da fachada frontal.....	121
Figura 48: Gradil do balcão fachada da edificação.....	122

Figura 49: Pedra lioz empregada na fachada.....	123
Figura 50: Bandeira em ferro fundido.....	123
Figura 51: Porta com bandeira em madeira.....	123
Figura 52: Vão interno da residência com simulacro de pilastras e capitéis	125
Figura 53: Composição da escada da edificação	125
Figura 54: Guarda corpo em madeira torneada.....	125
Figura 55: Busto do Barão de Gurguéia na Casa de Cultura.....	131
Figura 56: Casa do Barão de Gurguéia	132
Figura 57: Planta esquemática da casa do Barão de Gurguéia.....	133
Figura 58: Varanda da casa do Barão de Gurguéia.	134
Figura 59: Vista externa da varanda da casa do Barão de Gurguéia.	134
Figura 60: Pedra empregada no embasamento da construção.	136
Figura 61: Tijolo empregado na construção.....	136
Figura 62: Apoio em madeira lavrada a enxó.	136
Figura 63: Apoio em madeira lavrada a enxó (2).....	136
Figura 64: Telhado original da residência (1).	137
Figura 65: Telhado original da residência (2).	137
Figura 66: Vista aérea da residência do Barão de Gurguéia.....	138
Figura 67: Telha usada na cobertura da residência do Barão de Gurguéia, disponível na Casa da Cultura.	138
Figura 68: Piso em assoalho de madeira	139

Figura 69: Piso em assoalho de madeira usando tábuas claras e escuras.	139
Figura 70: Forro em tábuas de madeira.....	139
Figura 71: Porta da residência do Barão de Gurguéia	141
Figura 72: Porta da residência do Barão de Gurguéia	141
Figura 73: Porta da residência do Barão de Gurguéia	141
Figura 74: Fachada principal da casa do Barão de Gurguéia.....	142
Figura 75: Destaque de duas das janelas da fachada principal da Casa do Barão.	142
Figura 76: <i>Preço corrente dos gêneros do paiz</i>	144
Figura 77: Fachada principal da Casa Dôta. Data imprecisa.....	147
Figura 78: Fachada da Casa Dôta. Data imprecisa.	147
Figura 79: Planta baixa da Casa Dôta	148
Figura 80: Propaganda Casa Joca.....	149
Figura 81: Casa Joca. Data imprecisa.....	149
Figura 82: Linha do tempo das principais edificações analisadas.	153
Figura 83: Jardim da Praça Rio Branco.....	165
Figura 84: Palacete Municipal reconstruído.....	167
Figura 85: Jardim do Palacete Municipal.	167
Figura 86: Garagem municipal construída na administração de Thersandro Paz. 167	
Figura 87: Propaganda do Hotel 15 de Novembro.....	170
Figura 88: Casa Londres na América.....	172

Figura 89: Banco do Brasil	173
Figura 90: Usina elétrica	173
Figura 91: Rua Senador Teodoro Pacheco no final da década de 1930.	173
Figura 92: Propaganda de engenheiros atuantes em Teresina no ano de 1938..	174
Figura 93: Luís Mendes Ribeiro Gonçalves	176
Figura 94: Escola Normal de Teresina	179
Figura 95: Grupo escolar Demosthenes Avellino.	179
Figura 96: 25º Batalhão de Caçadores	179
Figura 97: Palácio de Karnak	179
Figura 98: Clube dos Diários	180
Figura 99: Liceu Piauiense	180
Figura 100: Elementos de ordem jônica.....	183
Figura 101: Elementos de ordem toscana	183
Figura 102: Entablamento	183
Figura 103: Janelas da Escola Normal (1)	184
Figura 104: Janelas da Escola Normal (2)	184
Figura 105: Sede do 25º Batalhão de Caçadores. Data imprecisa.....	185
Figura 106: Palácio de Karnak, data imprecisa.	187
Figura 107: Janela do Palácio de Karnak.	188
Figura 108: Portas do Palácio de Karnak.	188
Figura 109: Fachada principal da sede do Clube dos Diários.....	189

Figura 110: Interior da sede do Clube dos Diários.....	189
Figura 111: Escadaria do Liceu Piauiense	190
Figura 112: Detalhes da parede do auditório do Liceu Piauiense.	190
Figura 113: Residência do Dr. Eurípedes de Aguiar	192
Figura 114: Residência do engenheiro Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, na Avenida Frei Serafim.....	193
Figura 115: Trecho da Rua Senador Teodoro Pacheco, onde vê-se majoritariamente residências com características ecléticas.	197
Figura 116: Trecho da Rua 7 de setembro, em 1937, ladeada por residências com características ecléticas.....	197
Figura 117.....	198
Figura 118: Mapa do Perímetro Urbano de Teresina	200
Figura 119: Implantação da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar	203
Figura 120: Implantação da casa da Dona Carlotinha.....	203
Figura 121: Implantação da residência da Rua Desembargador Freitas, Nº 1057.	204
Figura 122: Sobrado do Coronel Luís Ferraz.	205
Figura 123: Sobrado da família Silveira.....	206
Figura 124: Residência com esquina chanfrada.....	208
Figura 125: Esquina chanfrada da casa da Dona Carlotinha.....	208
Figura 126: Planta Baixa da residência da Rua Desembargador Freitas, 1057...	211

Figura 127: Casa do Sr. Valter Alencar.....	213
Figura 128: Arco interno no corredor da residência do Sr. Valter Alencar	213
Figura 129: Porta interna no corredor, formando vestíbulo em residência de Teresina	213
Figura 130: Planta baixa esquemática da residência da Dona Carlotinha.....	215
Figura 131: Planta baixa esquemática da casa do Sr. Alberoni Borges Lemos	216
Figura 132: Escritório do Dr. Eurípedes de Aguiar.	220
Figura 133: Projeto de residência construída na Rua do Arouche, Nº 05, DE 1896, São Paulo.	222
Figura 134: Urinol de um dos quartos da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar	223
Figura 135: Planta baixa esquemática da casa do Dr. Eurípedes Aguiar.....	225
Figura 136: Figura de época do sobrado da família Ferraz.	226
Figura 137: Porão da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar, onde vê se o uso de tijolos em seu embasamento.	228
Figura 138: Casa da Rua Desembargador Freitas, nº 1029.	229
Figura 139: Casa da Rua Areolino de Abreu, 1634.....	230
Figura 140: Vista interna da cobertura da casa da Rua Areolino de Abreu, 1634	230
Figura 141: Casa da Rua Eliseu Martins, 1459.	230
Figura 142: Vista interna da cobertura da casa da Rua Eliseu Martins, 1459.	230
Figura 143: Residências construídas em Teresina em meados do século XX, apresentando platibandas com formas variadas.	233

Figura 144: Platibanda ornamentada com elementos florais.....	234
Figura 145: Platibanda ornamentada balaustrada.	234
Figura 146: Residências com porão alto construídas em Teresina em meados da década de 1930.....	236
Figura 147: Imagens da fachada da “Casa dos Azulejos”.	238
Figura 148: Barrado de azulejos da “Casa dos Azulejos”.	239
Figura 149: Casa da Rua Eliseu Martins, 1373.	241
Figura 150: Casa da Rua Senador Teodoro Pacheco, 892.....	241
Figura 151: Piso em ladrilho hidráulico da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar.....	242
Figura 152: Piso em ladrilho hidráulico da casa da Sr. Elvina Martins.	242
Figura 153: Piso em tábuas de madeira claras e escuras da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar.....	242
Figura 154: Piso em tacos de madeira da casa do Sr. Alberoni Borges.....	242
Figura 155: Pedra de Piracuruca na residência da Sra. Elvina Martins.	243
Figura 156: Forro da residência do Dr. Eurípedes de Aguiar.....	244
Figura 157: Casa do Sr. Benjamin Lima	244
Figura 158: Forro decorado com recorte na madeira para ventilação natural da casa do Sr. Benjamim Lima.....	244
Figura 159: Forro trabalhado com recorte na madeira para ventilação natural da residência do Sr. Valter Alencar.....	245

Figura 160: (a) Janela da casa do Sr. Alberoni Borges; (b) Janela da casa do Sr. Eurípedes de Aguiar; (c) Janela da casa da Dona Elvina Martins.	246
Figura 161: Vista interna das janelas da fachada da residência do Sr. Benjamin Lima.	247
Figura 162: Vista externa das janelas da fachada de uma residência do centro de Teresina.	247
Figura 163: Fachada de residência da região central de Teresina, onde vê-se suas portas e janela com vergas em arco flamígero.	248
Figura 164: Cama do quarto do casal da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar.	251
Figura 165: Cristaleira da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar.	252
Figura 166: Piano da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar.	252
Figura 167: Propaganda de venda de móveis Leando Martins.	253
Figura 168: Figura de época de peças do mobiliário da sala de jantar do sobrado do Sr. Antônio Lêoncio Ferraz, onde se vê também o piso de madeira em tábuas claras e escuras empregado.	254
Figura 172: Residência construída em Teresina na década de 1920.	255
Figura 173: Residência construída em Teresina na década de 1930.	255
Figura 174: Avenida Frei Serafim em 1939, já arborizada porém com poucos edifícios em sua extensão.	269
Figura 175: Praça Marechal Deodoro da Fonseca em 1939 em processo de calçamento.	268

Figura 176: Praça Marechal Deodoro da Fonseca em construção, em 1939.	268
Figura 177: Um trecho do Parque da Bandeira em 1941, onde vê-se a vegetação utilizada e a presença de aves.....	276
Figura 178 Um trecho do Parque da Bandeira em 1941, onde vê-se a arborização e a área destinada a estacionamentos Fonte: MONTEIRO, 1942b.....	276
Figura 179: (a) Escavação da Avenida Frei Serafim para construção da galeria de águas pluviais, no ano de 1941. (b) Construção da galeria de águas pluviais na Avenida Frei Serafim, em 1941.....	277
Figura 180: Calçamento da ala sul da Avenida Frei Serafim em 1941, onde ainda vê-se, a esquerda, uma residência pequena e simples.....	277
Figura 181: Pórtico em comemoração ao centenário de Teresina na praça Pedro II.	280
Figura 182: Desfile em comemoração ao centenário de Teresina, na praça Pedro II.	280
Figura 183: Fachada da “Casa da Dona Madalena”, construída em 1938, em seu projeto original.....	283
Figura 184: Fachada da casa da família de José Lincoln Correia., construída em 1954, em seu projeto original.....	284
Figura 185: Residência do Coronel Otávio Miranda projetada pelo mestre de obras Domingos Pinheiro da Silva	285

Figura 186: Propaganda de construtores e empreiteiros em atuantes em Teresina no ano de 1940.....	287
Figura 187: Projeto do Hospital Getúlio Vargas, cuja construção foi iniciada em 1938.....	289
Figura 188: Casa Anísio Brito – Arquivo Público do Piauí.	289
Figura 189: Propaganda do Sanatório Meduna.	290
Figura 190: Hospital Getúlio Vargas. Data Imprecisa.....	292
Figura 191: Detalhe da fachada do Arquivo Público do Piauí.	293
Figura 192: Ladrilhos hidráulicos encontrados no Arquivo Público do Piauí.....	294
Figura 193: Composições de pastilhas no Arquivo Público do Piauí.	294
Figura 194: Composição de ladrilhos no hall de entrada do Arquivo Público do Piauí.	Erro! Indicador não definido.
Figura 195: Vista aérea do Sanatório Meduna. Data imprecisa.....	296
Figura 196: Residência da Família do industrial Álvaro Freire, situada na Avenida Frei Serafim.....	298
Figura 197: Residência da avó do engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins, que teve a fachada projetada por em meados da década de 1930. Situada na Avenida Frei Serafim.....	298
Figura 198: Residência da família do comerciante João Carvalho, situada na Avenida Frei Serafim.	298

Figura 199: Residência da família do ex-governador Leônidas Melo, situada na avenida Frei Serafim.	299
Figura 200: Residência da família do advogado Ney Ferraz, situada na Avenida Frei Serafim.	299
Figura 201: Residência da família do médico Lineu Araújo, situada na Avenida Frei Serafim, no ano de 2006.	299
Figura 202: Residência da Família Lobão de Castro Lima, construída no início da década de 1950.....	300
Figura 203: “Casa cor de rosa”, residência construída pelo engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins para a sua família.	300
Figura 204: Praça Pedro II na década de 1940, ladeada por palacetes com feições neocoloniais. Era um local de sociabilidades muito valorizado na época.....	303
Figura 205: Imagem de desfile comemorativo de 07 de setembro no fim da década de 1940, onde vê-se a Avenida Frei Serafim com seus palacetes de feições neocoloniais.....	303
Figura 206: Linha do tempo das edificações mais importantes a serem analisadas no capítulo.....	305
Figura 207: Expansão urbana de Teresina até o ano de 1950.....	307
Figura 208: Implantação da residência da Rua Quintino Bocaiúva, Nº 567.	312
Figura 209: Implantação da residência da Rua Benjamin Constant, Nº1650.	313
Figura 210: Casa do comerciante João de Deus.	314

Figura 211: Vista aérea do quarteirão da casa do comerciante João De Deus – demarcada em amarelo – onde se vê o desalinhamento desta em relação à via, aos limites do lote e as outras residências.	315
Figura 212: Abundância de gradis na residência da Rua São João, nº 1111.	316
Figura 213: Gradis abundantes na fachada da residência da Rua Quintino Bocaiúva, 2515.	316
Figura 214: Detalhe do gradil na janela da fachada do palacete do Sr. China Freitas.	317
Figura 215: Detalhe do gradil trabalhado projetado com riqueza de detalhes para a residência da Rua Quintino Bocaiúva, 567.	317
Figura 216: Vista aérea da Avenida Frei Serafim (ao centro), onde vê-se a predominância de sobrados. Data imprecisa.	318
Figura 217: Sobrado construído no final da década de 1940 na Rua Coelho Rodrigues. Data imprecisa.	319
Figura 218: Sobrado construído na Rua Álvaro Mendes, nº 1888. Data imprecisa.	319
Figura 219: Sobrado construído no final da década de 1940 na Avenida Miguel Rosa.	320
Figura 220: Sobrado construído na década de 1940 na Avenida Miguel Rosa. Data imprecisa.	320

Figura 221: Vista da residência da Rua São João, Nº1111, com a garagem descolada do volume principal da edificação.	322
Figura 222: Planta Baixa esquemática da residência da Rua Dr. Arêa Leão, Nº 1820.	325
Figura 223: Planta Baixa esquemática da residência da Rua Quintino Bocaiúva, Nº 567.	326
Figura 224: Corte da residência da Rua Quintino Bocaiúva, Nº 567, apresentado em seu projeto original.	328
Figura 225: Pisos em ladrilho hidráulico encontrados na residência da Rua Barroso, Nº 632.	331
Figura 226: Piso em ladrilho hidráulico na “Casa da Dona Madalena”.	332
Figura 227: Piso de pastilha encoberto na residência da Rua Miguel Rosa, 332	
Figura 228: Forros em madeira trabalhados na residência da Rua Barroso, Nº 632.	333
Figura 229: Janelas da residência da Rua Miguel Rosa 3300.	335
Figura 230: Esquadrias da casa da Dona Madalena. (a) Porta com bandeira vazada (b) janela com bandeira em veneziana (c) janela curva.	335
Figura 231: Exemplares no estilo <i>missões</i> encontrados em Teresina.	340
Figura 232: Residências no estilo <i>Missões</i> . (a) Teresina (b) São Paulo.	342
Figura 233: Residência no estilo <i>Missões</i> construída pela família do médico Helvídio Aguiar na Avenida Frei Serafim.	343

Figura 234: Detalhe do painel de azulejos quadribolados na fachada da residência.	343
Figura 235: Exemplo da composição de quatro azulejos recorrente nas fachadas das residências da região central de Teresina.	344
Figura 236: Residência do engenheiro Luís Mendes Ribeiro Gonçalves em estilo normando.	346
Figura 237: Palecete com características da arquitetura Art Déco.	347
Figura 238: Residências com características missões extremamente semelhantes construídas na região central de Teresina.	348
Figura 239: Padrão de residências largamente difundidos na cidade.	348
Figura 240: Edificações semelhantes construídas já na década seguinte, evidenciando a manutenção da prática.	349
Figura 241: Detalhes da escada e do guarda corpo da residência da Avenida Frei Serafim, Nº 1656.	350
Figura 242: Detalhe da escada do palacete do Sr. Leônidas Melo.	351
Figura 243: Vitrô do palacete do Sr. Leônidas Melo, descaracterizado pelo uso de adesivos.	351
Figura 244: Guarda-Roupa integrante do mobiliário original da residência da Rua Quintino Bocaiúva, Nº 567.	352
Figura 245: Propaganda da loja de móveis Primos Stambowski, onde vemos a presença de móveis em linhas Art Déco.	353

LISTA DE ABREVIATURAS

CAB	Casa Anísio Brito
FUNDAC	Fundação Cultural do Piauí
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MP	Museu do Piauí
PMT	Prefeitura Municipal de Teresina
UFPI	Universidade Federal Do Piauí

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	30
Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).....	45
1.1 A fundação e a planta da nova capital	46
1.2 Mão de obra, os primeiros prédios públicos e as dificuldades econômicas e técnicas.....	61
1.3 As edificações residenciais de Teresina no século XIX	86
2.1 Aspectos de Teresina nas primeiras décadas do século XX.	156
2.2 Agentes disseminadores do ecletismo: engenheiros atuantes na cidade.	174
2.2.1 Luís Mendes Ribeiro Gonçalves	176
2.3 A arquitetura residencial em Teresina (1900-1938).....	196
O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).	261
3.1 Aspectos de Teresina entre 1939 e 1952	262
3.2 Engenheiros e mestres de obras atuantes na cidade.	282

3.2.1 Cícero Ferraz de Souza Martins	286
3.3 Análise das residências construídas em Teresina entre 1939 e 1952. ...	302

INTRODUÇÃO

“É velho vezo meu amar sensualmente
as linhas das casas, agradar-me de umas,
antipatizar-me com outras,
namorar algumas, desejar duas ou três
como se fossem vivíssimas personagens”
Mário de Andrade

No meu repertório de lembranças, não me recordo da primeira percepção de gostar tanto do lugar que eu morava. O fato é que o sentimento de pertencimento pela casa de paredes grossas estendia-se às ruas asfaltadas e movimentadas do Centro da cidade, que eu amava observar, ainda criança, no caminho até a escola. Junto com a consciência do meu lugar na cidade, aumentou o meu encanto pelos “centros”, com suas cores, efervescência e diferenças, parada sempre obrigatória nas cidades que tive a chance de conhecer. Assim, nada mais prazeroso do que estudar o “meu centro” – que me viu nascer e crescer e ocupa um lugar de destaque em minhas primeiras lembranças.

A união entre as graduações em Arquitetura e Urbanismo e Licenciatura Plena em História me deu, mais do que o referencial teórico para entender um pouco desses espaços, uma nova forma de ver esses locais – mais do que coloridos, vibrantes e efervescentes, são memória, são história, são identidade. A busca por recontar tudo isso começou ainda na graduação em Arquitetura e Urbanismo, quando eu percebi muitas diferenças entre as casas dos centros de Recife, São Luís, Parnaíba, e as geralmente mais acanhadas – mas não menos interessantes - casas do centro de Teresina, das quais eu já possuía consciência da importância. Até onde iam essas diferenças? Associando isso à percepção da situação de extrema descaracterização que mutilava – e mutila – com rapidez as edificações que ficaram apenas na minha memória, decidi estudar o centro da cidade, o que iniciei timidamente nos trabalhos finais das duas graduações e agora nos debruçamos com profundidade nesta dissertação. E por que as residências? É o que vamos tratar em seguida.

OS OBJETOS

A estreita relação com os aspectos sociais e culturais foi uma das grandes justificativas. Segundo Lemos,

Antes de tudo, o ato de morar é uma manifestação de caráter cultural e enquanto as técnicas construtivas e os materiais variam com o progresso, o habitar um espaço, além de manter vínculos com a modernidade também está relacionado com os usos e costumes tradicionais da sociedade (LEMOS, 1989, p. 7).

Dessa forma, a residência apresenta-se não só como uma manifestação arquitetônica, mas como um elemento próprio da cultura local. Além disso, as edificações residenciais absorvem e refletem bastante as mudanças da busca por modernização, e, no caso de Teresina, ainda sobrepõem-se em número às construções destinadas a outros usos, constituindo um elemento característico do centro da cidade. Exemplares do patrimônio histórico arquitetônico¹, estas edificações exibem valores estéticos, arquitetônicos e culturais de quando foram construídas, e são, portanto, testemunhos fiéis de toda uma época, contribuindo para consolidar a identidade do lugar.

Mas apesar de toda a importância já atribuída a essas edificações, em Teresina, diversos destes exemplares arquitetônicos cedem diariamente lugar a estacionamentos, letreiros publicitários, ou sofrem intervenções sem grande preocupação por parte dos seus agentes com a sua preservação. O centro da cidade, local que abriga a maior parcela dessas edificações, torna-se cada dia mais comercial, o que desencadeia juntamente com a especulação imobiliária, um processo de descaracterização extremamente rápido. Em concordância com Lemos

¹ Grande parte dessas residências encontram-se protegidas pela Lei nº 3.602, de 27 de dezembro de 2006, que apesar de terminar que os bens tombados não podem ser destruídos, demolidos ou mutilados, nem, sem prévio parecer do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Teresina e expressa autorização da Prefeitura Municipal, serem reparados, pintados ou restaurados, sob pena de multa de 100 % do valor da obra, não é suficiente para barrar essas descaracterizações (PMT, 2006).

(1987, p. 29), fez-se necessário então estudar, registrar e analisar esta arquitetura, antes que esse rápido processo de descaracterização torne inviável a sua percepção.

Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos, levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. É fazer levantamentos de construções, especialmente aquelas sabidamente condenadas ao desaparecimento decorrente da especulação imobiliária (LEMOS, 1987, p. 29).

Em um primeiro momento, definimos como objeto **as casas ecléticas da região central de Teresina**. Entretanto, diante de um limiar extremamente tênue de compreensão entre arquitetura neoclássica, eclética e neocolonial e da ausência de uma definição engessada de arquitetura eclética, acatamos a sugestão da banca de qualificação e resolvemos adotar **a produção residencial da região central de Teresina**, como sendo o objeto da pesquisa. Enquanto que o início do recorte temporal foi estabelecido pela fundação da cidade (1852), e o seu centenário (1952), que significou grandes transformações nessa arquitetura além de coincidir com as primeiras manifestações modernistas na cidade, como marco final.

O recorte espacial estabelecido por nós deu-se em função do crescimento urbano da cidade até o início década de 1950, tentando abarcar pelo menos a maior parte das residências construídas até então e de interesse à nossa pesquisa. Desse modo estabelecemos como recorte espacial o bairro Centro e os outros oito adjacentes a este, como mostra a imagem a seguir (

Figura 1).

Figura 1: Mapa de Teresina com recorte espacial da pesquisa. Bairros: 1) Centro 2) Vermelha 3) N. S. das Graças 4) Piçarra 5) Frei Serafim 6) Cabral 7)Marquês 8) Mafuá 9) Matinha
Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina. Manipulado pela Autora.

OBJETIVOS

Diante do que já foi exposto, estabelecemos os seguintes objetivos:

Geral

- Caracterizar e analisar a produção da arquitetura residencial da região central da cidade de Teresina entre os anos de 1852 e 1952, bem como compreender como se deu sua transformação.

Específicos

- Perceber e discutir o contexto histórico e os agentes que impulsionaram a transformação da arquitetura residencial da cidade de Teresina nesse período;
- Apreender as características mais recorrentes e as particularidades da arquitetura residencial da região central de Teresina.
- Investigar os vários agentes envolvidos nesse processo, sejam estes de ordem política, econômica, técnica, ideológica, social, cultural ou ambiental e a importância destes na determinação de suas características.
- Analisar as mudanças na produção da arquitetura residencial teresinense ao longo do tempo, percebendo suas modificações e os fatores responsáveis por estas.

LEVANTAMENTOS

Paralelamente à revisão bibliográfica, que permeou toda a pesquisa, fez-se necessário conhecer quais as edificações que o nosso recorte temporal e espacial abrigava e que seriam analisadas em nossa dissertação. Sendo assim, tendo como base parte da bibliografia estudada, algum levantamento documental e imagens antigas da região central de Teresina, percorremos todo o nosso recorte espacial a fim de mapear todas as residências construídas entre 1852 e 1952 com características ainda reconhecíveis. Inicialmente, sendo o nosso objeto de estudo apenas as residências ecléticas, mapeamos apenas essas edificações, o que se estendeu posteriormente para as residências das demais manifestações estilísticas construídas no nosso recorte temporal², resultando no mapa a seguir, no qual estão demarcadas cerca de trezentas residências provavelmente construídas entre o início da formação da cidade até meados da década de 1950 com características arquitetônicas ainda reconhecíveis (Figura 2).

² Esse levantamento e seus resultados encontram-se detalhados no artigo “A identificação do patrimônio residencial eclético da região central de Teresina”, apresentado no “XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado” e publicado em seus anais.

Figura 2: Localização das edificações residenciais entre o início da formação da cidade até meados da década de 1950 na região central de Teresina.

Fonte: Produzido por A. C. Moreira com base em mapa da Prefeitura Municipal de Teresina, 2014.

De posse desse levantamento, selecionamos as residências que seriam analisadas no decorrer da dissertação e iniciamos uma busca minuciosa por informações que pudessem enriquecer nosso acervo e subsidiar nossas análises. Destacamos, assim, os documentos encontrados na Casa Anísio Brito – Arquivo Público do Piauí, especialmente os Códigos de Posturas Municipais dos anos de 1854 e 1867, algumas Mensagens Governamentais e Relatórios de Governos; e as imagens antigas da cidade conseguidas na Fundação Cultural do Piauí – FUNDAC, que muitas vezes fundamentam nossas afirmações. Associados a esses dois arquivos, ressaltamos as buscas em livros, revistas locais, periódicos, jornais, artigos, teses e dissertações, que compuseram um valioso arsenal de informações a ser explorado e apropriado.

Uma das grandes dificuldades dessa pesquisa consistiu na dificuldade de acesso a informações relativas às residências, uma vez que Teresina passa por um momento de grande descaracterização do seu centro histórico e é notório o desinteresse dos proprietários na manutenção dessas edificações, o que quase sempre prejudicou nosso acesso a suas residências, por sempre nos associarem à alguma medida preservacionista. Outra dificuldade consistiu no fato de muitas residências já se encontrarem em avançado estado de descaracterização, além de não existir em nenhuma instituição da cidade um arquivo de projetos aprovados nesse período. Sendo assim, buscamos várias formas para conseguir desenhos de plantas e fachadas dessas edificações: no acervo da disciplina Técnicas Retrospectivas da

Universidade Federal do Piauí, com antigos proprietários das edificações; em escassas publicações que as continham; e finalmente, realizar levantamentos métricos e desenhos no AutoCAD. Buscamos conferi-los in loco sempre que possível e todas as plantas e fachadas apresentadas na dissertação foram redesenhadas para a manutenção de um padrão gráfico. Diante da dificuldade de estabelecer os usos originais dos ambientes das residências, optamos por nomear, nas plantas redesenhadas, apenas os ambientes que sabíamos acertadamente as suas funções, principalmente através das entrevistas e da conferência in loco das edificações que mantiveram uso residencial.

A DISSERTAÇÃO E SUA ESTRUTURA

Alinhando a pesquisa bibliográfica – da qual salientamos a contribuição de Reis Filho (1970), Lemos e Homem (2010) – com os documentos e levantamentos realizados, destacamos, além das transformações nessa arquitetura, a essencial importância do conhecimento do contexto histórico, social e econômico da cidade no período como também dos engenheiros e/ou mestres de obras que atuaram na cidade, produzindo essa arquitetura. Sendo assim, estruturamos a dissertação em três capítulos que abordam nossas análises relativas à produção residencial da cidade de Teresina entre 1852 e 1952, tendo os capítulos como limitadores dos espaços temporais delimitados por marcos, fatos ou ações que incidiram

diretamente nessa produção: Assim, o primeiro capítulo tem como marco inicial osurgimento da cidade de Teresina; o segundo capítulo tem como marco inicial o início do século XX, que coincide também com a efetivação de algumas políticas de melhorias na infraestrutura da cidade emudanças claramente apreensíveis na arquitetura residencial da cidade com o emprego de elementos mais fortemente associados ao ecletismo e, finalmente, o terceiro capítulo tem como marco inicial a promulgação do Código de Posturas de 1939, que está fortemente atrelado a muitas mudanças na arquitetura da cidade. Optamos por uma divisão em que privilegiamos o tempo e os fatos que incidiram na produção da arquitetura, em detrimento de uma estrutura baseada em características exclusivamente estilísticas. Acreditamos que assim foi possível avaliar mudanças e permanências no decorrer do tempo e perceber, além da forma, o que influenciou e refletiu a produção dessa arquitetura.

Capítulo 01

Tendo como norte o objetivo geral desta pesquisa percebemos que antes de tudo foi preciso conhecer o cenário e as condições que permitiram o início da constituição dessa arquitetura. Neste sentido, este é o teor abarcado no primeiro capítulo desta dissertação. Tendo sido Teresina foi criada em 1852 para ser a capital do estado do Piauí, descrevemos no primeiro item desse capítulo aspectos relativos à sua fundação e ao traçado que foi desenvolvido para a sua implantação.

As dificuldades econômicas e técnicas foram determinantes na definição das manifestações da arquitetura dos primeiros anos da nova capital. Neste capítulo, no item dois, as apresentamos como um fator importante para formação da arquitetura teresinense, por meio do exemplo dos primeiros prédios públicos, pela sua importância no cenário inicial de formação da cidade e relação com a arquitetura residencial em desenvolvimento. Finalmente, no item três, são analisadas, com base especialmente nos códigos de posturas e na bibliografia consultada, as residências construídas nos primeiros anos da cidade de Teresina que resistiram ao tempo e às descaracterizações, especialmente a casa do comendador Jacob Almendra, erguida entre os anos de 1857 e 1859, e a residência do Barão de Gurguéia, construída em 1870.

Capítulo 02

Nas primeiras décadas do século XX Teresina passou por uma série de transformações que buscavam imprimir à cidade as tão almejadas prerrogativas de civilidade e progresso e, paralelamente a essas mudanças, foi nesse período que a arquitetura residencial eclética se difundiu mais fortemente pela região central da cidade e, visando adequar-se a esses novos serviços, já se diferenciava das primeiras residências construídas. Dessa forma, o principal objetivo deste capítulo é descrever e analisar essa produção.

Para além de uma discussão e análise formalista dessas edificações – e sem deixar de dar a importância necessária – mostraremos como se refletia a incessante busca pela modernidade. Neste sentido, vale demonstrar a influência dos códigos de postura do município – especialmente os de 1905 e 1912, e a forma pela qual o Governo atuou na determinação destas características. Além disso, também demonstrar os vários agentes envolvidos no processo de disseminação dessa arquitetura, sejam estes de ordem política, ideológica, econômica, técnica ou cultural. Muitas das informações relativas aos fatores econômicos e políticos foram encontradas nos relatórios de governo pesquisados no Arquivo Público do Estado.

No segundo item são apresentados os construtores/engenheiros responsáveis por estas edificações, suas formações e influências, especialmente o engenheiro Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves. No item três, além de discutir as mudanças e as permanências nas características das residências analisadas, destacamos o alcance destas edificações: de fato, a arquitetura eclética tornou-se mais acessível frente aos primeiros anos, mas agora, quais as camadas que poderiam construir e habitar residências nesse formato? No decorrer da pesquisa e especialmente durante o processo de identificação destas edificações, nos ficou claro que essa ainda se manteve como uma arquitetura para poucos.

Capítulo 03

No capítulo 3, tratamos de vários fatos marcantes que aconteceram na cidade na busca pela modernização e que interferiram na arquitetura residencial produzida, especialmente a promulgação do Código de Posturas de 1939 e a criação do Plano Regulador de Teresina. Ambos foram frutos principalmente do trabalho do engenheiro Luís Pires Chaves, que agiu, dentre outros fatores, estimulado pela aproximação das festividades do centenário da capital. Frente à importância desse cenário e da sua relação com a arquitetura residencial, o apresentamos no primeiro item do capítulo.

Como um segundo aspecto, ressaltamos a importância dos engenheiros e mestres de obras no papel da difusão das características da arquitetura neocolonial – que, diante desse contexto, tornou-se predominante nas residências da cidade. Apresentamos no segundo item, especialmente, a trajetória do engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins e algumas de suas obras na cidade. Finalmente, no terceiro item, apresentamos uma análise das residências construídas entre 1939 e 1952, buscando as motivações das suas características e quais eram peculiares ou mais recorrentes.

Finalmente, essa dissertação busca mostrar que existe em Teresina uma arquitetura residencial de grande importância, distinta de outros estados e até mesmo das

outras cidades do Piauí, embora com notória influência destas. Dessa forma, estamos certos da importância desse trabalho pelo ineditismo em registrar e discutir as características dessas edificações, que rapidamente tornam-se apenas passado em nossas memórias.

Capítulo 01:Arquiteturas primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Mil oitocentos e cinquenta e dois
Eis a chapada inculta do corisco.
Habitação do passaredo arisco,
Que seria metrópole – depois.
Do matagal varrendo todo o cisco
A fim de uma cidade erguer, empôs,
Em dezesseis de agosto, alguns heróis
Traçam, aqui, o primitivo risco.
Fincou-se, então, o primeiro esteio
Daí surgindo o seu primeiro templo
Que a se multiplicar em outros veio
Dobraram-se os esforços, com ardor;
Cada operário era dedicação e exemplo,
Lutando com amor.
[Teresina: Felício Pinto]

1.1 A fundação e a planta da nova capital

Fundada em 1852 para se tornar a sede da Província do Piauí, Teresina foi a primeira cidade-capital planejada e construída no período do Império, como resposta a uma série de necessidades especialmente políticas e econômicas da região. Assim, sua fundação e formação envolveram motivos vários, que perpassaram desde fatores externos até especificidades locais, que trataremos neste item com o intuito de contextualizar a arquitetura produzida nas primeiras décadas.

Situado no nordeste do país, o Piauí teve de início como base de povoamento a pecuária extensiva em três frentes principais (Figura 3), o que fez com que a população – essencialmente diminuta – ficasse distribuída em pontos variados da província, o que gerou grandes dificuldades na sua administração e foi protagonista no momento da transferência da capital.

Figura 3: Esquema das rotas de penetração no Piauí no século XVIII.

Fonte: MIRANDA, 1938. Redesenhado pela autora.

Nunes³(2001, p. 45) descreve bem o cenário existente na primeira fase de colonização do Piauí:

[...] Não há órgão donde emane; já não há hierarquia. Aqueles currais, disseminados ao longo dos vales numa extensão linear de milhares de quilômetros, estão em seu primeiro estágio. Surpreendem-nos pela solidão em que viviam seus moradores, completamente desassociados, sem nenhuma solidariedade entre si. Cada fazendeiro é senhor em sua fazenda e tudo depende de seu esforço pessoal. Nem mesmo a solidariedade vicinal existe, porque não há vizinhança. As fazendas guardam entre si distâncias de 2, 4, 6, às vezes, 20 léguas de trilhas agrestes e hostis. E como vimos, tão pouca gente havia em cada uma. Seria o individualismo sua espontânea e natural concepção de vida. Vivia completamente isolado. Não tinha família. Não havia igreja; e também não havia foro. Completamente sem as peias da tradição. Torna-se-ia arbitrário, violento, adverso a qualquer disciplina que lhe fosse imposta. Que se poderia esperar dum mundo assim? O que iremos encontrar na primeira metade do século XVIII? Uma população sem vínculo de organização social e assim refratária à organização política.

O cenário descrito acima perdurou por quase cem anos na região, e só no fim do Século XVII o Piauí conseguiu ter sua primeira freguesia – a Vila da Mocha – fora da zona litorânea. A Figura 4 nos mostra o quadro da urbanização do Brasil permitindo perceber o quão era diminuta a área efetivamente ocupada do território piauiense

³ Odilon Nunes (1899-1989) é um dos mais importantes historiadores/escritores do Piauí, cujas obras retratam principalmente a história desse estado. Em suas várias obras, que foram reeditadas várias vezes pela sua importância, o autor alcança quase que uma exaustão documental em um esforço de contar a história do Piauí.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

até a segunda metade do século XVIII, **quando intensificou-se a criação de vilas** como resultado do esforço da política pombalina. No Piauí foram sete ao todo—Parnaguá, Jerumenha, Valença, Castelo, Campo Maior, Piracuruca e São João da Parnaíba, enquanto que a Vila da Mocha, em 1759, se tornou cidade e capital da província com o nome de Oeiras. Entretanto, apenas algumas décadas depois perderia esse posto de capital para a cidade de Teresina (NUNES, 2007).

Figura 4: Povoamento e a urbanização no Brasil até meados do Século XVIII.
Fonte:NOVAIS, 1997. Redesenhado pela autora.

Segundo Delson (1997), juntamente com a determinação para a construção das vilas Piracuruca e Mochahavia uma lei de planejamento com as instruções metodológicas para a criação de novas vilas, que estabelecia uma série de parâmetros a serem seguidos. A busca pelo cumprimento destes fez com que houvesse a reunião dos moradores locais destas para decidirem onde ficaria a praça central; como uma segunda providência houve a indicação do local para igreja, posteriormente a determinação para a locação da câmara, cadeia e outras edificações públicas e, finalmente, a ordem de que os lotes residenciais deveriam ser marcados em linha reta e ocupados por casas contendo o mesmo tipo de fachada. Tal conformação estabeleceria, futuramente, relações com o plano desenvolvido para Teresina.

Já no século XIX, segundo Chaves (1994)⁴, mesmo com o incremento populacional, comercial e econômico ocorrido em Oeiras, a cidade, apesar do esforço de seus habitantes, começou a mostrar-se incapaz de atender às funções inerentes a uma capital, desagradando os dirigentes da província e fazendo surgir muito cedo o

⁴ Joaquim Raimundo Ferreira Chaves (1913-2007), mais conhecido como Pe. Joaquim Chaves, ou Monsenhor Chaves, é um dos ícones da historiografia piauiense. A partir de obras diversas, abria novas possibilidades para a compreensão da história de Teresina e do Estado, tendo em vista que buscou nos arquivos a documentação necessária para essas narrativas. Sua produção historiográfica consta das seguintes obras: Subsídio para a História do Piauí (1952), O Índio no solo piauiense (1952), Como nasceu Teresina (1971), Campo Maior nas lutas pela independência (1971), O Piauí na Guerra do Paraguai (1972), O Piauí nas lutas da independência do Brasil (1975), Monumento do Jenipapo (1983), Apontamentos biográficos e outros (1981) e A escravidão no Piauí (1998).

desejo de mudança para um local mais apropriado. Chaves (1994, p.15 e 16) descreve ainda a visão de um antigo presidente da província, Zacarias de Góis e Vasconcelos⁵, externando uma posição que representava o pensamento de muitos outros políticos da época:

(...) A capital deve estar em local salubre, aprazível, abundante d'água, fértil, que ofereça vantagens nas comunicações com toda a província, principalmente com os pontos de maior comércio dela, assim como das províncias vizinhas. Enumera os elementos próprios de uma capital e conclui negando que Oeiras os possuía, ao menos em parte. Ela "não tem preponderância, achando-se sob a tutela de Caxias pelo comércio e pela indústria. Situada entre morros, é quase inabitável a cidade, porque o calor, que no clima do norte é tão intenso, torna-se aqui, por esta circunstância, ainda mais abrasador e insuportável: o local da cidade é tão pedregoso e, conseqüentemente, estéril, que não consente vegetação, de maneira que na estação calmosa dir-se-á morta a natureza, a não ser o riacho da Mocha, em cujas margens sempre verdejam, bem que raras algumas árvores".

Além dos motivos já acima citados, Façanha (1998)⁶ ressalta que os discursos também incluíam a necessidade de que o Piauí deveria ter uma capital em

⁵ Zacarias de Góis e Vasconcellos foi um influente político do Brasil Império. Foi nomeado para o cargo de Presidente da Província do Piauí em 1845, em 1848 foi nomeado presidente da Província do Sergipe. Integrou ainda a Câmara dos Deputados, iniciou sua projeção no cenário nacional, e exerceu diversos cargos políticos posteriores (PINTO E MIZUTA, 2011).

⁶ É Docente-Pesquisador do Curso de Geografia da UFPI desde 1991. Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia (UECE/1988), Especialização em Nordeste: questão regional e ambiental (UFC/1990), Especialização em Sensoriamento Remoto (UNESP/1991), Mestrado em

localização estratégica, que proporcionasse maior comunicação com os outros estados, não somente entre a capital e os outros municípios da província. Nunes destaca ainda o desejo de anular o domínio que a cidade maranhense vizinha – Caxias- exercia sobre o comércio do Piauí. Todo este impasse fez com que algumas cidades, ou regiões, fossem cogitadas para assumir a condição de nova capital do estado, como Parnaíba e um ponto situado na desembocadura do Riacho do Mulato, que hoje compreende a cidade de Regeneração (NUNES, 2007), indicadas no mapa a seguir (Figura 5 **Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Isso nos mostra que a mudança da capital foi uma ação duramente negociada e sobre essa questão, Chaves (1994, p.17) enfatiza que

Nesse vai e vem de escolha de local para a mudança, um nome surgiu em 1844 que teria influência decisiva no futuro. Refiro-me ao nome da Vila do Poti, escolhida pela lei de 3 de agosto daquele ano para sede da nova capital, logo que tivesse cômodos necessários para as repartições públicas.

Geografia (UFPE/1998) e doutorado em Geografia (UFPE/2009). Atualmente é professor Associado I da Universidade Federal do Piauí, tendo desenvolvido estudos na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, Geografia Regional, Geografia do Piauí e Ensino de Geografia. Sua tese, intitulada “A Evolução Urbana de Teresina: Agentes, processos e formas espaciais da cidade”, é uma grande referência local nos estudos urbanos de Teresina.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 5: Possíveis capitais da Província e a vizinha Caxias.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Apesar da excelente localização geográfica – no encontro dos rios Parnaíba e Poti, favorecendo a navegação fluvial e maior possibilidade de articulação com os outros núcleos da região (FAÇANHA, 1998) - a lei que fazia da Vila do Poti a nova da capital da província logo foi revogada. Por estar sujeita a inundações frequentes, a vila era insalubre e inadequada, tornando-se, conseqüentemente, inapropriada para ser a nova capital. O Conselheiro Saraiva, então presidente da província do Piauí, considerando a questão da salubridade já amplamente discutida, manifestou-se a

favor de uma área a poucos quilômetros dali, “situada a uma légua da barra do Poti, num recanto agreste da Chapada do Corisco, assim conhecida pela frequência de quedas de faíscas elétricas em circuito” (CHAVES, 1998, p. 31). Estando decidido o local que abrigaria a nova capital, Chaves (1994, p. 19) descreve os trâmites necessários e as primeiras ações para a efetivação da mudança:

(...) Venceu Saraiva: a maioria dos deputados é partidária da mudança. Instalam-se os trabalhos da Assembleia a 1º de julho e no dia 20 vai aprovada a lei da mudança conforme o desejo do Presidente. Por essa lei a Vila Nova do Poti ficava, desde já, elevada à categoria de cidade, com a denominação de Teresina⁷, e para esta cidade seria transferida a sede do governo da Província com todas as Repartições Públicas e a reunião da Assembleia Legislativa. A presidência estava autorizada a levar a efeito a transferência logo que julgasse conveniente; a obter por aluguel ou pela forma que mais convincente lhe parecesse os prédios necessários para as repartições públicas; a mandar construir estes prédios por administração, quando lhe parecesse conveniente; a mandar construir por administração ou arrematação, no local da nova cidade, uma cadeia, um cemitério e quaisquer outras obras que fossem necessárias e se harmonizassem com os recursos da Província; a proceder desapropriação dos terrenos que julgasse preciso para o assento e crescimento da futura capital, os quais seriam aforados pela respectiva Câmara Municipal em proveito de suas rendas; a passar logo para a cidade de Teresina o estabelecimento dos Educandos Artífices, que trabalhariam nas obras públicas compatíveis com os seus ofícios. Os empregados públicos vitalícios, ao se transferirem para a nova capital, teriam

⁷ Teresina recebeu essa denominação em homenagem à então imperatriz do Brasil, Teresa Cristina.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

uma ajuda para as despesas de viagem, arbitrada pelo presidente, levando-se em conta o número de pessoas de suas famílias e a categoria de seus empregos.

Dessa forma, em 16 de agosto de 1852, oficializou-se a transferência da capital de Oeiras para o novo local, fazendo com que a segunda metade do Século XIX significasse um período de grandes e verdadeiras mudanças na região: paralelamente ao ato de fundação de Teresina, repercutiam os enunciados de redenção do Piauí, e agora os tão repetidos discursos dos governadores em nome do progressismo tinham como grande protagonista a nova capital do estado.

Assim, durante a segunda metade do Século XIX, a cidade de Teresina dava seus primeiros passos na busca para oferecer os recursos necessários para o funcionamento de uma capital, e um dos mais importantes foi a concepção de um traçado. Nesse sentido, em 16 de setembro de 1851, quando a transferência da capital já estava em trâmite, o presidente da Província do Piauí solicitou ao Ministro e Secretário do Estado dos Negócios do Império um oficial do corpo de engenheiros a fim de que este tocasse as primeiras obras da cidade, o que lhe foi negado pela falta de recursos. A fim de suprir tal ausência, o presidente da província convoca João Isidoro da Silva França⁸ para ocupar o cargo, que era na

⁸ Pouco consta na vasta bibliografia piauiense consultada sobre o Mestre João Isidoro da Silva França, mas sabe-se que, além de projetista oficial da província e responsável pelo plano de Teresina, foi responsável pela execução e projeto de várias obras tanto na capital quanto no interior do estado. Nunes (2007, p.100), com base em documentos de 1848, 1852 e 1853, escreve "(...) João Isidoro da Silva França, mestre de obras em execução, português de nascimento, vaidoso, com

época o mestre de canteiros das obras públicas da província. Ele tornou-se também o projetista oficial da província e foi responsável pela concepção do plano da cidade (NUNES, 2007). Nesse sentido, Nunes e Abreu⁹ (1996, p. 96) escrevem que:

Esta proposta de mudança trouxe no seu bojo uma novidade, que foi o planejamento da estrutura da cidade, isto é, foi concebido um plano de construção da nova capital. Ao contrário de outras aglomerações urbanas que surgiam espontaneamente, o “plano” de construção de Teresina previa sua extensão, seu ponto central – a Igreja do Amparo – a partir do qual deveriam se orientar todas as outras medidas de demarcação da cidade de Teresina e o traçado das ruas em linha reta, cruzando-se umas com as outras, dando-lhe a forma de tabuleiro de jogo de damas.

ambição de distinção e que pedira naturalização de cidadão brasileiro e também mercê do Hábito da Ordem de Cristo. Já estivera em Valença {cidade situada no centro-norte do Piauí, a cerca de 200 quilômetros de Teresina} onde trabalhou em sua matriz. Prestaria agora relevantes serviços nos empreendimentos que se iriam iniciar”.

⁹Irlane Gonçalves de Abreu é doutora em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2014). Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (1983) Graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Faculdade Católica de Filosofia do Piauí FAFI (1968). Atuou como professora nas últimas séries do ensino médio e também no ensino superior, com destaque para a Universidade Federal do Piauí e Universidade Estadual do Piauí, onde ainda atua, nas seguintes áreas do conhecimento: Teoria da Geografia, Epistemologia da Geografia e do Meio Ambiente, Organização do Espaço Urbano e questões relacionadas ao espaço piauiense. Tem diversas obras publicadas nas áreas do conhecimento em que atua, com destaque para as obras “Geografia do Piauí” de 2011, “Teresina cidade verde”, e “Teresina, espaço e tempo: História”, de 2006.

O plano da cidade de Teresina concebido por Mestre João Isidoro França foi, segundo Nunes (2007), um borrão¹⁰ indicando o tamanho que deveriam ter os quarteirões da praça matriz, ruas, praças, cemitério e casa da pólvora. Além disso, estavam previstas 18 quadras no sentido Norte-Sul e 12 quadras no sentido Leste-Oeste (FAÇANHA, 1998), com ruas desenhadas para medirem 45 palmos em uma área que deveria medir 1500 braças para sul e 1500 braças para norte, sendo assim capaz de abrigar os prédios públicos, a população da Vila Nova do Poti e a população que presumidamente iria se transferir de Oeiras (SILVA, 2012). De posse deste desenho, Saraiva ainda fez algumas mudanças, descritas por Chaves (1994, p. 166-167), que resultaram no traçado exposto no documento do ano de 1955 intitulado *Miniatura do Plano de Therezina* (Figura 6):

Nessa planta fiz uma mudança e foi fazer sair na grande praça três ruas em lugar de duas, formando três quarteirões dos dois que existem na mesma planta. Os seis quarteirões da grande praça estarão ocupados por belas casas, antes do ano, porque pessoas muito abastadas vão principiar suas moradas e um desses quarteirões já tem todos os alicerces para uma grande propriedade, que seu dono promete acabar antes de seis meses.

¹⁰ Termo comumente usado no Piauí e empregado pelo autor para indicar um desenho rápido, um rascunho.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 6: *Miniatura do Plano de Therezina*
Fonte: Acervo do Museu do Piauí.

Apesar de aparentemente simples e despretensioso, o plano urbano¹¹ desenvolvido para Teresina revelou cuidados relativos a um planejamento prévio, como demonstra Silva (2012, p. 16)

O desenho da cidade denota um cuidado no planejamento. A fixação prévia do tamanho da cidade em 100 quarteirões, por exemplo, tem um significado importante em relação ao caráter científico da atividade urbanística. Relaciona-se à preocupação com aspectos técnicos, como densidade, superfície, fluxo, dimensões etc. No Plano Saraiva, as necessidades funcionais da cidade a ser construída eram compatíveis com a extensão territorial da nova capital; haja vista que os quarteirões desenhados são suficientes para abrigar os edifícios públicos, os habitantes da antiga Vila do Poti e a presumida população a ser transferida de Oeiras. A escolha do sítio é outro elemento que denota o caráter de planejado plano Saraiva. Constituiu-se em uma estratégia política de ocupação, peculiar da urbanística portuguesa. Ela ocorreu em função de sua relação com o território, mas também foi pensada em termos de condições de acessibilidade, de topografia e de clima.

Mesmo tendo sido criado já durante o império, esse plano demonstra fortes relações com o urbanismo colonial, e podemos assim estabelecer várias relações entre a determinação contida para o planejamento de vilas do Brasil colonial e o posterior plano para Teresina. A primeira delas é que, em ambas, fica clara a

¹¹ Consideramos a existência de um plano urbano para Teresina baseando-nos no conceito de Roberta Marx Delson (1997, p. 05) de Planejamento Urbano, que consiste em uma “abordagem do traçado de elementos arquitetônicos num centro habitado, sem consideração do seu tamanho ou função”.

relação com o aspecto retilíneo do urbanismo barroco. A praça recebe, tanto nas vilas coloniais quanto no plano para a capital um espaço de central importância, assim como a igreja. Uma das várias determinações contidas no plano de Teresina repetiu o que fora estabelecido para as vilas coloniais: a locação dos edifícios públicos da cidade. Na capital, ficariam ao redor da maior e mais importante praça da cidade – a Praça da Constituição- a sede do governo, o quartel, a igreja matriz, o fórum, o edifício do Tesouro e o mercado público. Finalmente, os lotes também foram demarcados de forma retilínea, e todos esses aspectos juntos objetivavam, assim como nas vilas, “criar uma comunidade de aparência ordenada que logo à primeira vista desse a impressão de que havia uma autoridade estabelecida” (DELSON, 1997, p. 19).

Além da relação com o urbanismo colonial já apresentada, segundo Silva (2012), somado ao fato de ser uma cidade planejada por um português, em terras de portugueses e habitada, inicialmente, por muitos destes, Teresina teve em vários aspectos de seu planejamento e construção fortes relações com o urbanismo português em sua vertente erudita. Assim como na urbanística portuguesa, a praça estava vinculada à formação da cidade; e em seu entorno, os prédios mais importantes da capital em um plano com traçado ortogonal, regular e simétrico; com ruas longitudinais e transversais unindo duas praças e ruas hierarquizadas por sua posição no plano, a légua foi usada como módulo de demarcação do território e até a direção dos ventos dominantes no traçado da cidade levou em

consideração a localização geográfica de Portugal (SILVA, 2002). A autora diz, ainda sobre isso, que esta relação com a urbanística portuguesa se manifesta ainda

através do procedimento que adota a quadrícula como base compositiva auxiliar do desenho e que se caracteriza por apresentar princípios compositivos, como modulação e sentido de regulação; considerar aspectos técnicos, como critérios funcionais; e por adotar uma estratégia política para ocupação do território (SILVA, 2012, p. 230).

Mas apesar de agregar características do urbanismo português em seus aspectos funcionais, dimensionais e morfológicos, também manifestaram-se na constituição do plano inicial de Teresina elementos que distanciaram-se do urbanismo português. Silva (2012) enumera alguns desses aspectos, como por exemplo, a influência política na concepção do traçado, a implantação no interior para o aproveitamento da navegabilidade do rio Parnaíba, a busca pela proteção contra enchentes que se percebe através da implantação das edificações longe das margens do rio.

A aproximação com a urbanística portuguesa e com as determinações para as vilas a serem construídas na província e, ao mesmo tempo, a busca em sanar as especificidades locais foram, de maneira conjunta, a forma encontrada para responder aos ensejos da constituição do traçado da cidade, e, como resultado dessa confluência, Teresina ganhava forma.

1.2 Mão de obra, os primeiros prédios públicos e as dificuldades econômicas e técnicas.

Além da confecção de um plano urbano para a cidade de Teresina, que, como demonstrado, ocorreram de maneira anterior a efetivação da transferência da capital, as providências para que as obras para que as obras na cidade pudessem ter início foram tomadas ainda no ano de 1850, com a chegada no mestre de obras João Isidoro da Silva França à região. Como uma das importantes medidas para que a cidade começasse a ser edificada, tendo a carência de recursos como principal determinante, o Mestre Isidoro França fretou uma barca, pela sua rapidez, economia e comodidade, a fim de que se fizesse o transporte de ferramentas, utensílios e trabalhadores livres e escravos até a Vila Nova do Poti, enquanto outros escravos seguiriam até lá por terra, fazendo a condução dos carros de boi que também seriam usados nas primeiras construções (NUNES, 2007)¹².

Dentre as informações fornecidas por Nunes (2007), consta a participação de trabalhadores livres e escravos na construção de Teresina: os escravos eram oriundos das Fazendas Fiscais ou Fazendas Nacionais¹³, que foram enviados antes

¹² Nunes fornece estas informações com base no documento identificado como L.212.99 Doc. De 20/11/1850, ao qual, lamentavelmente, não nos foi possível ter acesso porque encontram-se lacrados no Arquivo Público do Piauí – como muitos dos documentos desse período - por estar muito degradado.

¹³As fazendas fiscais ou fazendas nacionais se originaram a partir das grandes extensões de terra que eram de Domingos Jorge Velho. Quando ele faleceu, as fazendas passaram para o domínio da Companhia de Jesus e, quando foram expulsos, em 1759, as terras passaram à Coroa Portuguesa

mesmo da transferência da capital para que essa fosse erguida. Nascimento (2002, p. 18) também comenta a origem e o destino deles:

Os “escravos do fisco” deslocados para Teresina, em sua maioria, é provável que pertencessem à antiga inspeção real de Nazaré, que compreendia as datas de terras nacionais riberinhas do Parnaíba, na região compreendida hoje pela jurisdição municipal de Floriano. Consta que desceram o rio Parnaíba em barcos, outros por estradas, não se sabendo se voltaram às suas origens, ou se acabaram ficando na nova cidade, que, afinal, era sede do governo que sobre eles exercia controle e administração.

O regime de trabalho dos escravos das fazendas nacionais era diferente dos escravos privados, pois poderiam ser transferidos de uma fazenda para outra, e apesar do maior número exerceratividades relacionadas à pecuária, havia uma grande diversidade nas funções desempenhadas (FALCI, 2001). Desse modo, estes escravospuderam se adaptar com facilidade às novas circunstâncias: versatilidade quefoideterminante na sua participação e importância na construção de Teresina. Além disso, diante da precária situação econômica da província, buscou-se ao máximo a utilização de trabalhadores escravos para diminuir os custos das obras (CARVALHO, 2013). Esses negros atuaram, especialmente, como serventes, como comenta Carvalho (2013, p. 150):

e, em seguida, ao Império. Com a República, as Fazendas Nacionais ficaram em poder da União, que arrendou ou vendeu parte das terras que originaram vários municípios no atual Estado do Piauí (FALCI, 2001).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

[...] os negros escravizados possuíam, para a administração pública, uma habilidade específica apresentada como “servente” [...]. No caso dos trabalhadores escravizados, foram eles os responsáveis pelo corte e transporte de madeiras e palhas, pela limpeza dos terrenos, pelo transporte da água para o preparo da massa e para o consumo humano. Construíam galpões para armazenamento dos materiais e para a moradia, transportaram cal, madeiras, barro, telhas e pedras, auxiliaram os pedreiros e carpinteiros no preparo da argamassa e no assentamento de portas e janelas, cobriram telhados e cavaram as valas onde seriam construídos os alicerces. Ressaltamos que, no processo de inserção dos trabalhadores nestas obras, a sua função era limitada àquela de servente, embora houvesse a expectativa do trabalho especializado futuro. Como servente ou especializado, o trabalhador escravizado não possuía autonomia no processo de trabalho, no que diz respeito aos métodos de construção e tampouco em relação ao padrão de arquitetura ou urbanismo. Portanto, o escravizado limitava-se a reproduzir ordens e a executar os padrões pré-estabelecidos. Além do trabalho na construção civil, os escravizados nacionais eram a mão de obra utilizada em outras obras públicas.

Dessa forma, percebe-se que esses escravos atuavam nas mais diversas funções, sendo a eles restrito apenas a autonomia e poder de decisão. Outra importante categoria de trabalho utilizada na construção de Teresina foram os alunos do Estabelecimento dos Educandos Artífices¹⁴, uma das primeiras instituições a

¹⁴ O Estabelecimento dos Educandos Artífices foi criado no ano de 1847 como iniciativa do presidente da província Zacarias de Góis e Vasconcelos, que defendia a necessidade de uma instituição que representasse fonte de esperança não somente de um futuro melhor para meninos pobres e órfãos que ali encontravam “abrigo, proteção e ocupação honesta”, mas também uma forma de prevenir a proliferação de pessoas tendenciosas ao crime e aos vícios. Começou a funcionar dois anos mais

serem transferidas para a nova capital (CHAVES, 1994), o que denota a importância de seus alunos no processo de edificação da cidade.

Baseando-se em documentos da época¹⁵, Carvalho (2013) diz que, logo em seguida à transferência do estabelecimento dos Educandos Artífices para Teresina, este foi responsável por fabricar toda a mobília necessária para atender às sedes dos órgãos públicos, contribuindo assim para a criação da mínima infraestrutura ao funcionamento da nova capital. Raramente esses alunos exerceram serviços diretos nas obras públicas, com exceção dos aprendizes de pedreiros e alguns outros casos excepcionais. Diante disso, como fruto do estabelecimento desse contingente de mão de obra, Nunes (2007, p. 125) dispõe de uma detalhada descrição da cidade de Teresina tecida por Pereira da Costa na última década do século XIX:

A cidade é dividida em sete praças e 26 ruas, sendo 10 de norte a sul e 16 de leste a oeste, todas espaçosas, bem alinhadas e cortadas em ângulos retos, formados em geral de boa e elegante edificação. Os seus edifícios públicos são os seguintes: o Quartel da companhia de Infantaria, Hospital da Santa Casa de Misericórdia e Casa de Detenção, situados no Campo de Marte; Matriz de N. S. do Amparo, Tesouro Provincial, Paço da Assembleia, Palácio da Presidência, Tesouraria da Fazenda, Correio, Mercado, Câmara Fluvial no Parnaíba, situados na Praça da Constituição, a mais bela e notável da cidade, pela sua

tarde, ainda na capital em Oeiras, com o discurso oficial de que a instituição era o viveiro donde saíam os artistas, necessários à província, mas a partir das atividades exercidas por estes educandos, observa-se que o principal objetivo da instituição era a formação de mão de obra barata.

¹⁵APEPI. Relatório Presidencial de julho de 1854; e APEPI. Relatórios Presidenciais de 1853 a 1870.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

extensão, edificação e arborização, notando-se ainda, no centro da praça, uma coluna de mármore dedicada ao ex-presidente da província Antônio José Saraiva, a quem se deve a iniciativa da mudança da capital de Oeiras para Teresina; O quartel de Polícia, na Praça Aquidaban; a nova Igreja de São Benedito, o mais belo e elegante edifício da Província, na praça de mesmo nome; a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores e dois edifícios de escola pública na Praça Saraiva; a Secretaria de Polícia, na Rua da Palma; e o Cemitério Público, com uma capela, catacumba e alguns mausoléus, situado fora das raia da cidade, mas a uma pequena distância.

Em paralelo ao estabelecimento desse contingente de mão de obra, iniciou-se a construção da Igreja do Amparo, que seria a Igreja Matriz da nova capital e a primeira edificação de grande porte em Teresina foi um processo longo e que passou por uma série de etapas. De início, para que fosse possível sua execução, constituiu-se uma comissão com a finalidade principal de arrecadar recursos, fiscalizar a obra, fornecer ao mestre de obras materiais de construção e dinheiro para contratar os funcionários, dentre outras providências. Tomadas outras providências necessárias, em 25 de dezembro de 1850 foi lançada a pedra fundamental da igreja (NUNES, 2007 e CARVALHO¹⁶, 2013).

¹⁶Genimar Machado Resende de Carvalho é historiadora (UESPI) e mestre em História do Brasil (UFPI). Sua obra *Construtores e aprendizes: cativos da Nação e educandos artífices nas obras públicas da construção de Teresina (1850-1873)*, é fruto da sua dissertação de mestrado, que escreveu com base em documentos que retratam a construção das primeiras edificações de Teresina.

Como condições para sua construção, o presidente da província estabeleceu que deveria comportar entre 800 e 1000 pessoas e não possuir local para enterrar cadáveres. Não se sabe ao certo o número de escravos que trabalharam durante a obra, mas ainda em dezembro de 1850 já havia nove carpinteiros, seis pedreiros, além de policiais e serventes no local, e o primeiro responsável foi o Mestre João Isidoro França, como já afirmado anteriormente, o então projetista oficial da província (NUNES, 2007).

Mas apesar de ser uma obra de grande importância para a cidade, foi interrompida várias vezes pela ausência de recursos ou de materiais – o que denuncia a extrema carência de recursos: logo que a obra teve início, chegou a ficar 35 dias parada por falta de cal. A construção da igreja foi constantemente permeada pela falta de materiais, de ferramentas, de mão de obra. Nesse processo marcado pela descontinuidade, em abril do ano de 1852 foi concluída a capela-mor e uma das sacristias e iniciada a execução da nave (NUNES, 2007 e CARVALHO, 2013).

Mesmo tendo sido concluída uma parte da igreja – que era cada vez mais cara e demorada – os problemas em torno dela resistiam, e passaram a surgir defeitos construtivos que inicialmente foram relacionados à má qualidade do solo. Durante o ano de 1855 as obras foram interrompidas diversas vezes, e, cada vez que isso acontecia, os trabalhadores livres iam trabalhar em outras construções ou eram

dispensados e os escravos eram empregados na extração de matéria prima (CARVALHO, 2013).

Apesar de, inicialmente, ter sido atribuído à qualidade do solo os problemas estruturais da igreja, cinco anos depois do início da obra começa a ficar evidente a necessidade de um engenheiro para acompanhá-la.

Baldoíno José Coelho, em seu relatório [...] reclamou que a província necessitava de profissionais especializados para dirigir as obras públicas. Para o presidente, a falta destes profissionais refletia-se na imperfeição das obras concluídas ou em andamento. (CARVALHO, 2013, p. 48).

Nesse cenário, o então mestre de obras públicas Isidoro França deixa o cargo, que pouco depois é ocupado pelo engenheiro Alfredo de Barros de Vasconcelos, que descreve todos os problemas da matriz em um minucioso relatório transcrito por Chaves (1988, p. 23-24):

A pouca observância dos princípios da arquitetura, fez com que, na construção desse edifício, se cometessem faltas, que afetam tanto a regularidade como a solidez. Desnecessário é falar do exterior, pois que o seu aspecto desagradável é a mais evidente prova da falta de proporção. No interior, a irregularidade se acha combinada com a má distribuição; pois que, além de não terem os cubículos, existentes perto da entrada, a menor utilidade, são prejudiciais por obstarem a que hajam galerias laterais com a comunicação ao corpo da igreja, o que muito facilitaria serviço interior, de mais, os sobrados que dão entradas às tribunas para nada podem ser aproveitados, pela exiguidade das suas

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

dimensões, e, finalmente, as sacristias, posto que bastante compridas, todavia não tem a altura conveniente. A capela-mor é demasiadamente acanhada; o arco cruzeiro tem muito pouco vão, o que não permite que, das tribunas, se veja o altar e torna necessário fazer o púlpito volante. A solidez ainda é inferior à regularidade; algumas das paredes tem desaprumamento e outras rachado; no número destas as duas laterais das torres, as quais não podendo suportar o seu próprio peso, por certo não suportarão o das torres. – 1º o não se terem construído os alicerces como exigem os terrenos frouxos como aquele em que assenta esse edifício; 2º o emprego de má argamassa, por mal entendida economia; 3º a colocação das linhas de atracar, por baixo dos frechais; 4º o emprego de maus operários. O madeiramento está muito bem aparelhado e solidamente atracado, porém, o sistema adaptado não foi o mais conveniente por não permitir a colocação das cambotas ao lugar competente, para dar ao teto a forma curvilínea e obrigar a prender as suas extremidades muito abaixo aos frechais, o que diminuindo a altura própria a este gênero de construções, diminui o seu efeito arquitetural. Apesar de tudo quanto deixo dito, não deve haver receios de pronta ruína, porque, tendo as paredes inclinadas para dentro, são sustentadas pelo madeiramento, que, além de pressão vertical, exerce um empuxo horizontal que de alguma maneira neutraliza tal estado. Porém como pode acontecer que, ou pela ação do peso ou pelas infiltrações d'água no terreno, em que se assentam os alicerces, possam ela tomar uma nova posição de equilíbrio menos estável, acho conveniente proceder-se a dois ou três exames anuais, afim de não ser comprometida a vida dos que aí se possam achar em ocasião de missa ou de festividade religiosa. Provindo a falta de solidez dos alicerces, nunca se poderá aplicar remédio eficaz e terá a Província de fazer avultadas despesas em contínuos reparos; por isso sou de opinião que, por economia, não se deve fazer as torres, fazendo apenas um a construção fachada simples e

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

guardando a construção de uma nova matriz para quando a província tiver meios suficientes de concluir de uma só vez.

Chaves (1988) demonstra ainda a existência de outros relatórios falando do estado precário da igreja, como o do presidente da província João de Oliveira Junqueira, que em 1857 falou do seu aspecto deselegante e da péssima qualidade construtiva. Mas, na contrapartida de todos os problemas apresentados, quase uma década depois do início da construção, no ano de 1858 a igreja foi dada como concluída, faltando apenas alguns detalhes decorativos (NUNES, 2007), que foram concluídos nos dois anos seguintes e tiveram como nome de maior importância o pintor maranhense João Bendseil (CARVALHO, 2013).

Sendo sua história marcada por desabamentos e concertos, quase nada nos restou para uma análise de suas características internas, a exceção da pia batismal em mármore (Figura 7), que apesar de notória simplicidade, acompanhava o modelo deste elemento nas igrejas do século 19.

Figura 7: Pia batismal da Igreja do Amparo.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

A partir da imagem a seguir (Figura 8), podemos apreender as principais características da fachada da igreja e sua relação com o processo construtivo da igreja, expresso especialmente na simplicidade de suas formas. Carente de elementos decorativos, a igreja é marcada por forte horizontalidade; seu telhado é encoberto por uma platibanda arrematada por cimalha com frisos lisos e frontão triangular, com as empenas também marcadas por frisos e na sua extremidade superior, uma cruz indicando o caráter religioso da edificação. Nas laterais da igreja existem duas pilastras marcando a fachada da igreja, e acima da cimalha, um pináculo em cada uma das laterais. A igreja apresenta ainda três portas, com molduras e vergas em arco abatido, sendo a central em maiores dimensões. Apresenta ainda cinco janelas, sendo três centralizadas, com molduras e vergas em arco abatido, e duas menores, nas laterais, localizadas onde se situariam as torres da igreja. As aberturas da igreja são diminutas frente ao tamanho de sua fachada, o que faz com que não haja uma relação de proporcionalidade e harmonia entre essas.

Figura 8: Reconstituição da fachada da Igreja através de imagens de baixa qualidade visual.

Fonte: Acervo Pessoal A. C. Moreira.

A construção da Igreja de Nossa Senhora do Amparo denuncia vários aspectos da maneira como se iniciou a construção de Teresina. A carência de recursos, fossem estes materiais ou financeiros, foi uma constante na primeira década da capital, que não contava com um contingente fixo de profissionais especializados e dependia fortemente de capital particular para edificar a cidade, demonstrando a fragilidade financeira da província. Essas características se apresentaram, em maior ou menor grau, também nas demais edificações construídas na nova capital.

De essencial importância para o bom funcionamento da cidade, as obras do Cemitério Público também se iniciaram antes da efetivação da transferência da Capital. Apesar da simplicidade construtiva do que exigia, apenas no ano de 1859

as obras foram concluídas – o que evidencia a precariedade técnica e financeira local - e em seguida este recebeu uma capela e jardins (CHAVES, 1988).

Ainda de forma paralela as obras da Igreja do Amparo e do cemitério, esteve a construção do Mercado Municipal, que iniciou-se em três de outubro de 1854, em um terreno cuja escolha deu-se por ser plano, pela proximidade com o rio Parnaíba, por onde chegavam os mantimentos, e por estar em frente a mais importante praça da cidade e consequentemente próximo ao estado do Maranhão. Dois anos depois a obra foi interrompida, pelas dimensões exageradas de sua planta, que geraria muitas despesas aos cofres públicos em detrimento de edifícios mais urgentes à cidade. Diante disso, ficou em total abandono até o ano de 1877, quando a construção foi retomada. Em meio à problemas construtivos, dificuldades técnicas e financeiras, o edifício (Figura 9) foi entregue à população no ano de 1890 (CHAVES, 1988).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 9: Mercado Municipal de Teresina em suas características originais.

Fonte: Acervo FUNDAC.

Nunes (2007, p. 268) tece uma descrição dessa edificação estabelecendo uma relação de semelhança com os outros mercados construídos na mesma época na província, onde percebemos uma tentativa de alinhar a cidade ao contexto local:

Quatro acessos axiais, bodegas nas periferias, avarandado aberto voltado para um pátio interno, onde ambulantes montam suas tendas e tabuleiros e onde por vezes se cavou um poço central. Com alpendre aberto sobre colunas no contorno externo [...] Nessas obras a estrutura é de carnaúba e as alvenarias de tijolo queimado. As diferenças entre esses prédios ficam basicamente por conta dos dimensionamentos e do acabamento dos vãos, ora de vergas retas, ora em arco pleno, ou ainda mistas.

Percebemos ainda que o mercado apresentava em sua fachada algumas características remetentes ao clássico, o que de certa maneira confirma a existência das primeiras experiências ecléticas na cidade. É importante ressaltar que apesar das obras do mercado terem se iniciado no ano de 1856, foram finalizadas apenas no ano de 1890 – quando já havia uma maior disponibilidade de recursos e de mão de obra, o que pode justificar sua superioridade construtiva, que apesar das modificações extremadas, fez com que ele perdurasse até os dias de hoje.

A primeira instituição hospitalar destinada a atender as pessoas mais pobres da cidade de Teresina encontra suas origens ainda na antiga capital, que abrigava o Hospital de Caridade, que foi transferido e começou a funcionar em 1º de janeiro de 1854, devido à ausência de uma edificação própria, na parte do quartel que já estava concluída. Sendo edificações com fins totalmente distintos, Chaves (1988), com base em documentos de 1861 do então presidente da província Manuel Antônio Duarte, diz que o edifício era muito ruim, necessitava de muitos reparos, além de equipamentos básicos necessários para o bom funcionamento de um hospital, como camas e colchões. Contextualizando essa informação, Fonseca Neto (2012, p. 33) esclarece que

Na segunda metade do século XIX, a cidade de Teresina enfrentava numerosos problemas com a saúde pública. A situação sanitária da nova capital não era muito lisonjeira, tendo como consequência o surgimento de várias doenças que se instalavam principalmente nas cercanias da população mais pobre, vitimada pelo desprezo

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

das autoridades locais. O tifo, a tuberculose, o sarampo, as sezões, dentre outras doenças, invadiam a população citadina, que todos os anos sofria com pesadas e duradouras epidemias, fruto da miserabilidade em que viviam. Era relativamente elevado o índice de mortalidade. Numa sociedade elitista, com uma minoria privilegiada por fatores históricos e sociais, a urgência de um estabelecimento hospitalar chamava a atenção. No Brasil, essa ação remonta ao período colonial, através das “Santas Casas de Misericórdia”, com características semelhantes às portuguesas.

Diretamente relacionado à citação de Fonseca Neto, na tentativa de melhorar a péssima situação no atendimento aos enfermos pobres da cidade, o mesmo presidente, com o apoio de outras pessoas, resolve fundar, em 8 de dezembro de 1861, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, instituição que teria a despesa compensada pela extinção do hospital de caridade, cujas funções e receita seriam transferidas para esta (CHAVES, 1988). Dessa forma, em 17 de agosto do mesmo ano, o hospital de caridade foi substituído pela Santa Casa de Misericórdia, instituição sem recursos próprios, que dependia exclusivamente dos subsídios do governo, e já criada tendo como principal determinante a carência de recursos: pouco ou quase nada foi melhorado no prédio em que foi instalada (CARVALHO, 2013 e CHAVES, 1988).

Em virtude de toda a precariedade que encontrava-se no prédio que abrigava a Santa Casa de Misericórdia, no ano de 1864 ficou evidente a necessidade da construção de uma sede própria para que o hospital pudesse exercer bem as suas

funções, tendo em vista que até mesmo uma reconstrução do edifício era inviável, pelos defeitos decorrentes da má qualidade da construção. Nos anos seguintes, a carência de recursos, utensílios e acomodações para os enfermos foi uma constante nos relatórios e discursos dos governadores da província: no ano de 1870, a Santa Casa de Misericórdia ainda precisava de muito para ser um bom hospital (CHAVES, 1988).

Baseando-se nas necessidades da instituição, no ano de 1872, o então presidente da província Dr. Manoel do Rego Barros de Souza Leão ordenou a construção de um edifício apropriado para instituição. Chaves (1988, p. 40) transcreve o que Souza Leão diz a respeito:

O edifício em que está situado o hospital a cargo da respectiva irmandade, acha-se muito deteriorado, tornando-se urgentes alguns reparos e tendo-se encarregada uma comissão de examinar seu estado, foi esta de parecer que era impossível qualquer conserto, pois que, tocando-se em parte do edifício, podia resultar o seu desabamento total. Tendo-me representado a junta administrativa a esse respeito, demonstrando a necessidade de construir novo prédio, ordenei ao inspetor do tesouro provincial, que anunciasse por editais que receberia propostas para semelhante fim de acordo com a planta organizada. [...] Apesar de não ser satisfatório o estado financeiro da província, julguei indispensável mandar contratar esta obra, pois é de urgente necessidade um edifício para o hospital da santa casa de misericórdia, onde possam ser tratados os membros da classe mais indigente, que, sem este recurso, morreriam à mingoa.

Baseando-se em relatório presidencial de fevereiro de 1872, Carvalho (2013) diz que na contrapartida do que foi decretado pelo então Presidente da Província, a administração seguinte entendeu que não era possível que a obra fosse realizada, não só pela insuficiência de recursos, mas também pela ausência de engenheiros na cidade para acompanhar as obras que seriam construídas na capital. Visando corrigir este problema, o presidente cogitou solicitar a permanência do engenheiro Gustavo Dott – que frequentemente prestava serviços à província – na capital, pois o fato deste residir no Maranhão dificultaria o acompanhamento dos trabalhos e poderia onerar as obras, mas esta solução não foi adotada. A partir desse fato, percebemos mais uma vez o quanto a ausência de profissionais especializados para acompanhar as obras da nova capital foi uma constante no processo de sua construção e determinante na formação de suas características.

No ano seguinte o prédio onde funcionava o hospital desabou, que acabou sendo transferido para uma casa particular, tornando ainda mais urgente a construção do novo edifício para abrigar a Santa Casa de Misericórdia. Nesse sentido, no mesmo ano, foi solicitado pelo então governador da província a planta e o orçamento para a construção de um prédio com os compartimentos necessários para o seu bom funcionamento.

Mas apesar da urgência em construir o hospital, as obras foram interrompidas pela carência de recursos, algo que foi recorrente na história da construção de Teresina. No ano de 1878, o então presidente da província escreveu sobre essa situação:

[...]edifício que ainda se acha incompleto e que com o levantamento de algumas paredes para fechar uma das varandas laterais, o aumento da cozinha, o assentamento do portão da frente e outros pequenos serviços de mais urgente necessidade, em cujo trabalho foram aproveitados os emigrantes, pode-se prestar-se àquele fim. Assim aumentado o edifício, terá tido uma utilidade mais duradoura as despesas que se fez (CHAVES, 1988, p. 45)

Dessa forma, no edifício da Santa Casa de Misericórdia, mais uma vez se repetiu a situação tão presente nas construções mais importantes de Teresina - as interrupções por falta de verbas, a incompletude dos edifícios, a -, que fizeram com que a Santa Casa de Misericórdia tivesse o seu funcionamento muito aquém do necessário (CARVALHO, 2013).

O segundo templo católico edificado em Teresina foi a igreja de Nossa Senhora das Dores, cuja construção foi iniciada no ano de 1865, quando a Igreja Matriz da cidade, a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, já não conseguia abrigar a população de fiéis da cidade, que no ano de 1866 já contava com o contingente populacional de 15.401 pessoas. Com a construção dessa igreja, estabeleceu-se uma nova freguesia na capital (PIAUHY, 1866; ANDRADE, 2014).

Segundo Andrade (2014), dois anos após o início da obra ficou pronta sua Capela-Mor, mais baixo e acanhado que o corpo da igreja, que ficou pronto em 1870. No início do ano seguinte, a poucos dias do fim do prazo da entrega da obra, que já tinha as duas torres prontas, parte do prédio desabou, e em seguida desabaram mais uma torre e parte do corpo da igreja. Ainda durante o ano de 1871 iniciou-se sua reconstrução, com reparos especialmente nas fundações.

Em um pequeno intervalo de tempo a igreja foi inaugurada (Figura 10), e a partir do percurso construtivo desta podemos perceber, mais uma vez, a carência técnica e construtiva das edificações teresinenses construídas até então, que refletiram claramente na simplicidade da forma da sua fachada, que em muito se assemelhava à Igreja do Amparo: o novo templo era carente de elementos decorativos e marcado por forte horizontalidade; apresentando telhado com platibanda arrematada por cimalha com frisos lisos e frontão triangular. Assim como a primeira da cidade, esta igreja apresenta ainda três portas, com molduras e vergas em arco abatido, sendo a central em maiores dimensões; e cinco janelas, sendo três centralizadas, com molduras e vergas em arco abatido, e duas menores, nas laterais, localizadas abaixo das torres da igreja.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Cathedral de Nossa Senhora das Dóres — THERESINA

Figura 10: Catedral de Nossa Senhora das Dores em 1926.

Fonte: Acervo FUNDAC

Como um terceiro e importante templo católico construído na cidade de Teresina nas primeiras décadas de sua fundação temos a Igreja de São Benedito. Construída já no final do século XIX, o local escolhido para a mesma foi uma região denominada Alto da Jurubeba, de onde se podia ter uma boa visibilidade da região e já era ligeiramente afastado do núcleo inicial da cidade, região que poucas décadas depois passaria a abrigar a Avenida Frei Serafim, um dos maiores símbolos de progresso e civilidade na cidade de Teresina (MARTINS, 1917).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 11: Fachada da Igreja de São Benedito.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 12: Imagem de época da Igreja de São Benedito.
Fonte: Acervo CAB.

A responsabilidade pela construção da Igreja de São Benedito foi de Frei Serafim de Catânia – também arquiteto graduado em Milão (BARROS, 2009), que foi ao Piauí para reconstruir a Igreja de Nossa Senhora das Dores, mas no momento de chegada do Frei na Província, em 1874, o Visconde de Gurguéia já tinha sido contratado para exercer tal função e as obras já estavam em andamento. Diante da chegada do Frei e da necessidade de se erigir um novo templo na cidade, optou-se pela construção da citada igreja, e o Frei Serafim foi o encarregado desta (MARTINS, 1917; MATOS, 2011).

Assim como todas as edificações descritas até aqui, a Igreja de São Benedito contou com a mão de obra de escravos, escravos libertos e seus descendentes, especialmente por terem na região o seu local de oração. Mais uma vez, todo o material usado na construção da igreja foi encontrado na região, especialmente no Rio Poti, que fornecia uma argila de melhor qualidade para a confecção de tijolos (MONTEIRO, 1987).

Percebemos assim a grande adesão às características do ecletismo na igreja, que perpassa desde a configuração da planta até uma abundância de elementos decorativos em sua fachada. Ressalta-se ainda a superioridade construtiva da edificação, e, portanto, a importância de ter um erudito no comando da obra, e também o alcance de uma grande quantidade de recursos através das doações, o que também está diretamente relacionado a uma melhor qualidade da edificação.

Atribui-se ainda ao final do século XIX a construção da sede do Tribunal de Justiça da cidade, que se localizava na lateral direita da Igreja do Amparo e foi inaugurado durante o ano de 1891, como resultado de uma obra sem grandes intercorrências, que eram comuns nas mais importantes obras das primeiras de fundação da capital. As feições do edifício (Figura 13), associadas aos outros já apresentados, evidenciam que no final do século XIX o ecletismo já era, majoritariamente, o estilo adotado nos mais cuidados prédios públicos da cidade. Ressalta-se ainda o emprego dos arcos ogivais nas vergas das esquadrias – que nesse caso

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

apresentaram molduras com fasquias arqueadas, que se tornaram característica recorrente na arquitetura civil de Teresina.

Figura 13: Imagem de época do Tribunal de Justiça de Teresina. Data imprecisa.
Fonte: Acervo FUNDAC.

Diante dos prédios construídos apresentados e dos demais presentes em Teresina, percebemos que a arquitetura eclética, até o final do Século XIX e início do Século XX, fixou-se na cidade de uma maneira bem mais distinta do que as primeiras manifestações desta na cidade. Houve ainda grandes avanços construtivos, e a principal prova disso é que várias dessas construções conseguiram chegar aos dias

atuais. Esse processo é fruto, especialmente, do contato com outras regiões, proporcionado pela navegação do rio Parnaíba e principalmente do enriquecimento econômico local, fruto principalmente do extrativismo e exportação da borracha de maniçoba, cera de carnaúba, algodão e babaçu, (QUEIROZ, 2006). Essa ascensão econômica gerou mudanças em vários fatores no estado, inclusive na arquitetura e no urbanismo. Sobre esse período de transição, Silva Filho afirma que

É nesse quadro do final do Século XIX, nesse momento de transição dos costumes e das formas de produção que, gradativamente, os centros urbanos foram assimilando novos padrões, espelhados em modelos difundidos no litoral. Depois do boi, o ciclo econômico da carnaúba foi promissor para o desenvolvimento das áreas urbanas. O comércio da cera expandiu construções de função exclusivamente comercial, enquanto a casa de moradia e comércio, a exemplo das fazendas, absorveu as mudanças decorrentes do extrativismo vegetal, sem maiores adaptações. Nesse contexto, o intercâmbio comercial proporcionou a implantação do ecletismo (SILVA FILHO, 2007, p. 18-19).

Finalmente, no final do século XIX a cidade de Teresina contava com um repertório eclético já significativo, resultado de todas as suas particularidades que, em conjunto, foram responsáveis pelas suas características, que acabaram refletidas também na arquitetura residencial da cidade.

1.3 As edificações residenciais de Teresina no século XIX

Paralelamente a todo o processo descrito acima, as edificações residenciais começaram a ser construídas ainda antes da transferência da capital. Mas apesar da intrínseca relação entre a construção da cidade e dessas edificações, em nosso levantamento de campo e na bibliografia consultada não identificamos nenhuma das casas que foram edificadas nesse primeiro momento e poucas construídas no século XIX resistiram no tempo. Dessa forma, buscamos neste capítulo discutir e analisar as características das residências mais antigas, edificadas ainda no Século XIX, tendo como base principalmente duas edificações: a casa do Comendador Jacob Manuel Gayoso e Almendra, cuja construção iniciou-se em 1858, e a casa do Barão de Gurguéia, cuja construção foi iniciada em 1870.

Fato diretamente relacionado à edificação das residências teresinenses do século XIX, é que cerca de dois anos após a fundação da nova capital, a administração da Província publicou a Resolução de Nº 391, onde estabeleceu várias disposições policiais a favor da Câmara Municipal de Teresina. Nela estava contida uma série de normas relativas à construção na cidade, e certamente foram determinantes na composição das características das residências que seriam construídas em Teresina, de acordo com o exposto nos artigos a seguir:

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Art. 1º. Ninguém edificará, ou reedificará qualquer prédio *nes'a* Cidade sem previa licença da *Camara* Municipal. Aos contraventores multa de 25 mil réis, e demolição da obra á sua custa na parte, que *offender* ao alinhamento.

Art. 2º *Aquelle*, que tiver licença, para edificar, solicitará o alinhamento do piloto respectivo, que o dará na presença do Fiscal, e Secretario da Cama. Aos contraventores multa de vinte mil réis.

Art. 3º A pessoa à quem tiver dado algum terreno, *devo-lo-há* demarcar no prazo de 30 dias. Aos infratores a pena do perdimento do terreno.

[...]

Art. 5º É *prohibidaa* construção de casas de palha nas praças e ruas desta cidade, e quem as tiver deverá *cobril-as* de telha, ou demoli-as no *praso* do um *anno*, depois da publicação destas posturas, dando-lhes a necessária elevação que será de vinte palmos nas ruas das praças e de dezoito nas demais. Aos contraventores multa de 30\$000 réis, e demolição, da obra á sua custa.

Art. 6º As portas e *janellas* exteriores de todas as casas deverão ao menos ter *aquellas* onze palmos de altura e cinco e meio de largura, e estas sete palmos de altura sobre cinco de largura, *comprehendendo-se* nas dimensões somente o espaço. Aos *infractores* multa de vinte mil réis, e obrigação de reparar o defeito á sua custa no *praso* de trinta dias.

Art. 7º. *Ninguem* poderá fazer *meiaguas* de frente para qualquer das praças desta Cidade, sem que *sejão* de *cumieira*, observando-se em tudo mais as disposições dos artigos 5 e 6. Aos contraventores multa de trinta mil réis e demolição da obra.

[...]

Art. 17º As casas, que se edificarem no recinto da Cidade terão uma calçada de pedra, ou tijolos, na largura de seis palmos. Os donos das casas já edificadas, que tiverem calçadas mais estreitas farão *acrescental-as* quanto seja necessário, para a mesma

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

largura, e os das que ainda não tiverem calçadas, serão obrigados a *mandal-as* fazer conforme esta postura, dando-se para isso, quanto as casas edificadas, o *praso* de *dousannos*. Aos *infracctores* dez mil réis de multa e satisfação das *despezas*, que se fizerem com a calçada.

[...]

Art. 67º Chegando ao conhecimento da *Camara*, por meio de *participação* do Fiscal ou Piloto ou qualquer particular, que alguma casa se acha construída fora do alinhamento dado, irá ela pessoalmente *inspeccionar* tal casa, e achando-a assim, ordenará logo a demolição do edifício na parte, que *offender* o alinhamento (MARANHÃO, 1854, p. 51-60).

Percebemos o caráter da arquitetura que a administração, através da sua agência que se manifestava especialmente na forma de lei, queria constituir, além da relação dessa legislação com os códigos de postura promulgados em outras regiões do país na mesma época: segundo Andrade (1984) e Bortolucci (1991) os códigos de posturas do século XIX abordavam o quadro físico urbano, o domínio edificado, a higiene e a salubridade preventivas, os serviços urbanos, o quadro administrativo e as finanças municipais, e mesmo no quadro heterogêneo do Brasil, as variações se davam geralmente apenas pelas peculiaridades locais e buscavam refletir as ideias e pensamentos vigentes. Ainda sobre isso, Bortolucci (1991, p. 202) diz que “Muitas incoerências ficaram evidentes nestes códigos, onde, não raro, as medidas impostas atenderam mais às finalidades estéticas do que outras prementes e necessárias”.

Apesar de ser uma cidade recém criada, a legislação decretada em Teresina acompanhou toda essa tendência, e mesmo não tendo a resolução de Nº 391 o nome de “Código de Posturas do Município”, ela apresentava uma estrutura semelhante, inclusive sendo dividida em: Título I, que não tinha um título específico, mas tratava das edificações em geral; Título II, “Sobre aferições, pesos e medidas, casas de commercio e outros estabelecimentos”; Título III, “Sobre matadouros, açougues e talhos públicos”; Título IV, “Sobre *Devagação* de *animaes* bravos *damnados*, *carreiras*, e *esquipamento a cavallos*”; Título V, “Sobre a venda dos gêneros corrompidos”, Título VI, “Sobre cemitérios, enterros e aberturas de sepulturas”, Título VII, “Dos empregados da *Camara*”, Título VIII, “Dos Guardas *Municipaes*” e, finalmente, as “*Disposições Geraes*”. Esse formato alinha a resolução Nº 391 aos códigos de postura que eram promulgados no Brasil.

As semelhanças entre os códigos de posturas do país e a resolução promulgada em Teresina no ano de 1854 não ficaram restritas à estrutura. Bortolucci (1991, p. 203-204), ao falar dos códigos de postura da cidade de São Carlos, diz que

Algumas preocupações foram sempre constantes nos códigos desde o início, como foi o caso da altura das construções, que já aparece codificada no ano de 1866. Eram “18 palmos de altura, sendo térrea, e a de sobrado 36” (art.3) [...] Restrições à execução de telhados sempre existiram e chegaram a ser bem severas. Nos códigos mais antigos, a proibição era apenas para a execução de “construções de meia-água”, nas frentes dos lotes. E para a cobertura de “capim ou sapé”.

A resolução N°391 promulgada em Teresina alinhava-se com todos esses aspectos, e mesmo fazendo parte de um contexto distinto da cidade de São Carlos, até mesmo a altura exigida para as construções de ambas era a mesma, o que demonstra a existência de um padrão e que Teresina, mesmo recém-fundada, buscava acompanhar.

Tendo sido as construções das residências iniciadas ainda antes da fundação da cidade, Nunes (2007) escreve, baseando-se em documentos¹⁷, que no ano de 1854 a cidade já apresentava boas construções ao redor da Praça da Constituição e da Praça Saraiva, e também na Rua da Glória, Rua Grande e Rua Bela (Figura 14). Na contrapartida dessas “boas construções”, havia muitas cabanas nas regiões circunvizinhas, principalmente à beira do rio e numa região conhecida como Barrocão, também próxima ao rio e fora do núcleo central, considerada periférica. Dessa forma, percebe-se que a resolução de N°391, com seu artigo que proibia a construção de casas cobertas de palha nas ruas e praças da cidade, mantendo o conveniente distanciamento destas edificações, onde desde o início as melhores construções estavam situadas ao redor de praças e ruas do seu núcleo central, enquanto as edificações mais pobres situavam-se em áreas desvalorizadas e periféricas, como citado anteriormente. Vemos assim que essa resolução refletiu fortemente na arquitetura produzida em seus mais variados aspectos, inclusive na

¹⁷ Arquivo Público do Piauí, Maço 377, Doc. De 29/08/1854.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

localização, ao tempo em que definia que, nas ruas delimitadas pelo plano, apenas as edificações cobertas de telhas e medindo pelo menos 18 palmos de altura poderiam ser construídas; ao redor de praças, exigia-se a medida de pelo menos 20 palmos de altura.

Figura 14: Ruas de Teresina nas primeiras décadas da cidade
Fonte: TITO FILHO, 1989. Revisto e redesenhado pela autora.

Segundo Nunes (2007, p. 105-106),

Nos últimos dias de abril de 1851, vinte e um proprietários deram começo à construção de casas residenciais, entre os quais estava Manuel Domingues, com a iniciativa de quatro edificações, enquanto outros já se preparavam para ingressar no esforço da cooperação. Saraiva rejubilava-se sobremaneira com a promissora ocorrência, e contratava cinco oleiros que partem imediatamente para a Vila Nova com a instrução a João Isidoro a fim de que

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

façam forno de oleiro e se providencie a disposição de lenha de modo a não faltar material de alvenaria.

Não encontramos registros das residências construídas por Manuel Domingues Gonçalves Pedreira, importante político da época. Mas assim como ele, diversos outros particulares construíram casas que seriam vendidas, alugadas ou até mesmo emprestadas para as sedes do governo. Dentre estes estava o Comendador Jacob Manuel d'Almendra¹⁸ (Figura 15), que chegou a construir doze residências na capital recém criada (BARBOSA, 1991).

Figura 15: Comendador Jacob Manuel d'Almendra. Autoria desconhecida.

Fonte: Acervo Edson Gayoso¹⁹.

¹⁸ Jacob Manuel d'Almendra, de origem portuguesa, foi para o Piauí aos oito anos de idade com o tio que seria padre da diocese de Campo Maior. Mais tarde, estabeleceu família na província e não regressou para seu país.

¹⁹ Descendente do comendador Jacob Almendra em sua quinta geração, apresenta este desenho em entrevista em vídeo concedida à TV Cidade Verde, intitulada "Conheça a história da Família D'Almendra e do Museu do Piauí", de 12 de agosto de 2012. Disponível em <http://cidadeverde.com/noticias/110555/conheca-a-historia-da-familia-dalmendra-e-do-museu-do-piaui>.

Figura 16: Casa da Rua da Glória
Fonte: BARBOSA, 1991. Redesenhado pela autora.

Dentre as residências construídas pelo comendador Jacob Almendra que conseguimos algum registro, a mais antiga é uma casa que situava-se na Rua da Glória (Figura 16), cujo ano de construção, 1856, estava registrado porta de entrada (BARBOSA, 1991). Em virtude das descaracterizações e da posterior demolição desta edificação, pouco foi possível apreender sobre as suas características internas, mas, pela forma da sua fachada, associadas às residências

construídas na província no mesmo período, é provável que tivesse um corredor central que daria acesso aos outros cômodos.

Na fachada desta residência está estampada a simplicidade das casas influenciadas pela arquitetura tradicional que caracteriza ainda nos dias de hoje a arquitetura de outras cidades da província (Figura 17): decoração restrita às molduras das janelas, com vergas em arco abatido e cornija no beiral discretamente decorada com frisos.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 17: Conjunto de casas de com influência da arquitetura colonial na cidade de Pedro II – Piauí.

Fonte: Google Maps, 2012.

Na mesma rua que a casa anterior, o Comendador Jacob Almendra construiu outra residência (Figura 18), em um lote de esquina, maior e mais imponente (BARBOSA, 1991).

Apesar de apresentar características construtivas

próximas à edificação

anterior, essa registra um número maior de esquadrias e todas tinham vergas em arco pleno, com bandeiras ornadas com pinázios formando desenhos florais.

Figura 18: Casarão da Rua da Glória

Fonte: BARBOSA, 1991. Redesenhado pela autora.

Todos esses elementos reunidos eram uma forma de imprimir à residência certo cuidado e distinção, diante dos poucos recursos e técnicas disponíveis na cidade.

Outra das residências para venda ou aluguel construídas pelo comendador Jacob Almendra que encontramos registro foi o Casarão da Praça Marechal Deodoro (Figura 19) – à época, Praça da Constituição, no mesmo logradouro que o comendador construiria seu sobrado. As características perceptíveis dessa edificação repetem em sua maioria as edificações anteriores, sendo a verga da porta em arco abatido, enquanto as das janelas eram em arco pleno, e a cimalha mais bem trabalhada (Figura 20). Essa residência foi emprestada por dois anos, gratuitamente, para a administração da província, para que servisse de sede do governo provincial (BARBOSA, 1991), pois nos primeiros anos da fundação da capital as instituições funcionaram em prédios construídos por particulares, alugados ou emprestados.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 19: Casarão da Praça Marechal Deodoro.

Fonte: BARBOSA, 1991. Redesenhado pela autora.

Figura 20: Casarão da Praça Marechal Deodoro, já descaracterizado em suas aberturas e pelo uso de toldos metálicos, mas com cornijas ainda visíveis.

Fonte: BARBOSA, 1991.

Observando a fachada dessas residências e a arquitetura residencial praticada no interior da província, é muito provável que estas possuíssem um corredor de entrada segundo a descrição e Silva Filho (2007, p. 55),

[...] a casa tradicional fez do corredor de entrada , dividido ao meio, uma espécie de antecâmara ou vestíbulo, separando física e visualmente o setor íntimo do espaço de receber. Na maior parte, a divisão é feita por uma arcada provida de cancelão, composto de folhas venezianas e almofadas baixas na metade inferior e com remate superior em madeira recortada ou em torneados delgados. É limitado por paredes de meia altura, ou que se elevam à cumeeira, dando-lhe sustentação.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Silva Filho (2007) afirma também que alguns corredores eram separados apenas pelo arco aberto, desprovido de qualquer tipo de vedação ou anteparo, oferecendo menos privacidade a seus moradores, e exemplifica estas diversas configurações com imagens de residências do interior da província (Figura 21).

Figura 21: Portas e cancelas de corredores em residências em Pedro II – Piauí.
Fonte: SILVA FILHO, 2007.

O fato de Teresina ser uma capital planejada e dispor de uma grande área a ser construída muito provavelmente foi determinante na definição de alguns aspectos da arquitetura residencial que se constituiria na cidade. Ao observar as casas de aluguel assinaladas acima, mesmo que destinada ao uso de terceiros, verificamos que foram construídas em lotes com testadas de grandes dimensões, imprimindo,

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

assim, um caráter fortemente horizontal na arquitetura residencial de Teresina, contrariando o que acontecia de forma recorrente nas cidades brasileiras, como demonstra Vauthier (1975, p.33):

As quadras nas cidades brasileiras dividem-se por um grande número de habitações independentes. Seja por tradição da mãe-pátria, seja por necessidade da construção local, essas habitações são estreitas e longas. Cada casa ocupa sobre a rua apenas uma largura de 5 a 8 metros; as que ultrapassam essa dimensão constituem fenômenos.

Figura 22: Casa do Sr. Jacob Almendra, em 1916, enquanto palácio do governo.

Fonte: Acervo CAB.

Ainda tratando das residências construídas pelo comendador Jacob Almendra, constatamos que no ano de 1858 iniciou-se a construção do sobrado que serviria de residência para a sua família, na região mais nobre da cidade, a Praça da Constituição, onde também estavam sendo construídos o Mercado Municipal e a Igreja do Amparo.

Atribui-se o início da construção do edifício ao proprietário da mesma, que faleceu no ano de 1859 e não chegou a ver o sobrado finalizado. Ainda no século XIX, foi

alugado para o governo provincial. Em 1892, foi comprado para sede do governo, uso que perdurou até 1926, quando passou a abrigar o Tribunal de Justiça e desde 1980 tornou-se o Museu do Piauí.

Um primeiro aspecto observado nesse edifício foi a sua implantação, que se adéqua à definição de Reis Filho (1970) sobre a relação da casa urbana com o lote ainda do período colonial, onde a residência era implantada nos limites do terreno: na casa do comendador Jacob Almendra, apesar de ter sido construída em um momento posterior, os limites da residência coincidiam com os limites do lote, configurando assim forte reminiscência da arquitetura tradicional.

Na planta baixa desta residência²⁰ (Figura 23 e Figura 24) observamos parte das características que Barreto²¹ (1975, p. 201-202) define como a casa piauiense do início do Século XIX:

Nas regiões que pudemos observar, a planta da casa piauiense é sistematizada. É a *morada inteira* do Maranhão, adaptada às exigências e recursos do Piauí. Mas, apesar da planta baixa ser do Maranhão, a casa é do Piauí. Em geral as casas são de um só

²⁰Em nossos levantamentos nos foi dado acesso apenas à planta baixa do pavimento térreo acertadamente original dessa residência. A planta baixa do pavimento superior, apesar de não ser original, pela configuração das paredes certamente apresenta grandes semelhanças com esta.

²¹Paulo Thedim Barreto (Rio de Janeiro, 1906/1973) foi um arquiteto e professor que durante a fase heróica do SPHAN atuou como um dos primeiros técnicos do órgão. Dentro de suas atividades, percorreu o Brasil em busca de monumentos arquitetônicos e, no ano de 1938, percorreu grande área do Piauí, o que resultou no tombamento de monumentos vários. Dentre a sua produção textual, destaca-se o artigo *Casas de Câmara e Cadeia*, publicado no nº 11 da revista do SPHAN.

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

pavimento; é raro encontrar-se de dois e três. A arquitetura é pura expressão popular. A planta tem por origem, o tipo maranhense de *porta e janela*, cuja evolução compreende os tipos de *meia morada* e *morada inteira*. A planta geralmente é em forma de L; algumas vezes em U. A superposição da planta de *morada inteira* originou os sobradões de azulejo de São Luís, cujas fachadas posteriores se nos apresentam totalmente de madeira. A *morada inteira*, esparramada, é a casa do Piauí: cômodos maiores, paredes mais grossas; tudo aumenta e se abaixa. A *morada inteira* no Maranhão é vertical; no Piauí – horizontal [...] A *morada inteira* participa do corredor central e quarto e sala se repetem de ambos os lados com a mesma disposição anteriormente descrita. A varanda aumenta sobremaneira de comprimento. A nova sala algumas vezes é quarto de hóspedes. A varanda é sempre larga; é a sala de jantar do sul, é a casa de se estar. Quando há necessidade de maior número de cômodos a “puxada” se prolonga, eles são aí distribuídos, a cozinha recua e surge o “*correr*”, elemento de circulação ligado à varanda. No final, o *correr* se alarga novamente para criar a cozinha, que é a parte da varanda que foi para trás. É o mesmo o aspecto exterior da cozinha, *correr* e varanda. Aumentando, ainda, o número de cômodos, aparece do lado oposto uma nova “puxada”, com um outro *correr*: - é a planta em U.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 23: Planta Baixa esquemática original do pavimento térreo da casa do Comendador Jacob Almendra

Fonte: Acervo MP. Redesenhada pela autora.

Figura 24: Planta Baixa esquemática do pavimento superior da casa do Comendador Jacob Almendra

Fonte: FURTADO E ABREU, 2013. Conferida e redesenhada pela autora.

Estimuladas pela descrição de Barreto (1975), que afirma que era raro encontrar na Província casas com dois ou três pavimentos, investigamos e verificamos que, mesmo nas cidades mais antigas do interior da província, os sobrados eram exceções e, quando existiam eram destinados ao uso oficial, como Sobrado do Major Selemérico (Figura 24), construído em 1845 em Oeiras para abrigar o Palácio do Governo, e o Sobrado dos Ferraz, o mais antigo da mesma cidade, destinado a ser casa de câmara e cadeia (PIAÚÍ, 2009). Na cidade de Parnaíba, a mais rica e próspera da província, os sobrados também eram exceção e até a primeira metade do Século XIX foram construídos nesta apenas cinco sobrados (CRUZ e SILVA, 2014), sendo apenas três deles com uso exclusivamente residencial, como o Sobrado de D. Auta (Figura 26). Alinhado com o que acontecia no restante da província, a casa do comendador Jacob Almendra também era uma exceção. Ainda que não tenhamos encontrado registros oficiais, existe em Teresina o consenso de que a residência em análise foi o primeiro sobrado da cidade: de fato, em nossa pesquisa de campo nenhum sobrado residencial foi detectado e também não há nada a respeito de sobrados nos registros das edificações públicas construídas na década da fundação da capital.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 25: Sobrado do Major Selemérico
Fonte: PIAUÍ, 2009.

Figura 26: Sobrado da Dona Auta
Fonte: PIAUÍ, 2009.

Assim como na descrição da casa piauiense apresentada por Barreto (1975), a planta da casa do Comendador Jacob Almendra tem forma de L e sua volumetria é marcada por forte horizontalidade, mesmo sendo uma edificação com dois pavimentos – estabelecendo clara relação com as grandes dimensões dos lotes na província, já discutidas acima. Ainda em concordância com Barreto, a varanda possui grande comprimento e nos fundos, *“como uma parte da varanda que foi para trás”*, surge a cozinha.

Barreto (1975) atribui ao Maranhão a origem da *morada inteira* tão difundida e marcante no Piauí. De fato, a relação que o autor estabelece entre as residências do Piauí e do Maranhão mostra-se muito valiosa por nos direcionar às semelhanças e diferenças na ocorrência da mesma tipologia em lugares tão próximos. Porém,

antes da difusão da moradia urbana no Piauí – e evidentemente da *morada inteira* – o principal ícone da edificação residencial no estado era a casa de fazenda, que naturalmente estabeleceu grandes influências na casa urbana da província, notadamente nas primeiras edificações residenciais construídas na capital, como é o caso da residência do Comendador Jacob Almendra. Silva Filho (2007, p.73 e 74) tece uma descrição detalhada das características arquitetônicas da casa de fazenda piauiense:

Casas de almas desprendidas, acolhedoras, belas pela arquitetura almagamada na fisionomia do sertão, numa paisagem transfigurada de esperança, num estilo de vida escorado nos currais de carnaúba. Despojada de qualquer aparato ornamental, expressam toda a pureza e rusticidade [...] Os recursos materiais, a herança tecnológica e o impulso lúdico da alma sertaneja traduzem uma noção de harmonia e equilíbrio, forjada nas tramas de carnaúba e relho cru. A estrutura é o ornamento, a essência que assinala essa particularidade regional e confere estabilidade arquitetônica. Coberturas, alpendres, sistemas construtivos, além do arranjo setorial, espelham a autonomia do espírito rural.

Apesar do distanciamento em vários aspectos entre a casa urbana de Teresina e a casa de fazenda piauiense, estas encontram na planta baixa uma de suas grandes semelhanças formais. Segundo Silva Filho²² (2007), as casas de fazendas da

²² Olavo Pereira da Silva Filho empreendeu vasta investigação em edificações piauienses em levantamento que teve início no ano de 1987, sendo que destes, cerca de 60 foram imóveis rurais. Pelas evidências e relatos que encontrou, acredita-se que as configurações relatadas tiveram origem ainda no início dessa tipologia, mas em virtude das descaracterizações e da ação do tempo, só foi possível apreender as principais características de fazendas construídas a partir do Século XIX.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

província apresentavam com maior frequência configuração da planta em L – a mesma empregada na casa do Comendador Jacob Almendra – em algumas, a configuração retangular e mais raramente em T, além de outras configurações esporádicas. No sentido de ilustrar essa relação, apresentamos a planta baixa de duas casas de fazenda (Figura 27 e Figura 28), onde percebemos a semelhança com a casa urbana que começava a se delinear em Teresina.

Figura 27: Planta esquemática da Fazenda Caro Custou.
Fonte: SILVA FILHO, 2007.
Redesenhado pela autora.

Figura 28: Planta esquemática da Fazenda Espírito Santo. Fonte: SILVA FILHO, 2007. Redesenhado pela autora.

Percebemos que a planta da casa do Comendador Jacob Almendra possui grandes aproximações com as casa de fazenda, apresentando esquemas semelhantes de distribuição dos cômodos, preservando o corredor central ladeado pelos quartos, que leva aos fundos da edificação onde se localizam a varanda de refeições, a área de serviços e a cozinha. Como principal mudança, a supressão do alpendre, uma constante brasileira na casa rural (LEMOS, 1993), mas que não teve espaço na casa urbana teresinense. Todas essas características nos levam a acreditar que a casa de fazenda, não a morada maranhense como afirma Barreto (1975), foi o embrião da casa urbana do Piauí.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

As semelhanças existentes na planta baixa não se estenderam ao aspecto externo da edificação, pois como demonstram as imagens a seguir, a casa de fazenda apresentava altura reduzida, era desprovida de elementos decorativos e a cobertura tinha grande impacto na visibilidade da volumetria estabelecendo, nesses aspectos, boas semelhanças com a casa dos primeiros colonizadores da província, os bandeirantes paulistas.

Figura 29: Fazenda Serra Negra
Fonte: PIAUÍ, 2009.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 30: Fazenda da Dona Alemã
Fonte: PIAUÍ, 2009.

Figura 31: Fazenda Olho D'água dos Pires
Fonte: PIAUÍ, 2012.

A varanda de refeições, elemento comum entre a casa de fazenda e a casa urbana que se estabelecia em Teresina, tem um papel de protagonismo na mesma. Lemos (1993, p.103) retrata-o muito bem:

A casa remediada ou rica tradicional tinha o seu centro de interesse situado na grande sala familiar, na varanda também chamada de sala de jantar. A sala-praça, passagem obrigatória entre a rua e a cozinha ou o quintal. A sala onde desembocava o corredor vindo da rua, por onde transitava a criadagem, carregando os potes de água, a lenha dos fogões, os mantimentos, os animais domésticos. Sala onde a família ficava reunida, nas horas de lazer e nos momentos de trabalho caseiro. Sala íntima, antes de tudo, local de acesso às alcovas escuras e, portanto, local de passagem obrigatória dos urinóis pejados dos excretos noturnos.

Pelo fato de ser uma edificação de dois pavimentos, a casa do Comendador Jacob Almendra distancia-se da descrição de Lemos no tocante à relação da varanda de refeições com a área íntima. Mantém-se, entretanto, a varanda como espaço de sociabilidade, desde a casa de fazenda até as edificações construídas posteriormente em Teresina e também no restante da província. Desse modo, muito provavelmente na casa do Comendador Jacob Almendra também tenha mantido a mesma função. Nas características construtivas da varanda – que eram basicamente as mesmas na casa de fazenda (Figura 32), na casa do Comendador Jacob Almendra (Figura 33), em outras edificações construídas em Teresina (Figura 34**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) e no interior da província (Figura 35) – o conforto térmico foi o principal determinante. As varandas de refeição eram repletas de aberturas, com esquadrias que permitiam a regulação de entrada de ar e luz, proporcionando uma ótima sensação de bem-estar para quem as utilizava.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 32: Varanda da casa da fazenda Abelheiras, Campo Maior, Piauí.
Fonte: CARVALHO, 2012.

Figura 33: Varanda da casa do Comendador Jacob Almendra
Fonte: Acervo Pessoal A. C. Moreira

Figura 34: Varanda da casa da Rua Paissandú, 1012, Teresina.
Fonte: SILVA FILHO, 2007.

Figura 35: Vista externa da varanda de casa urbana situada em Amarante, Piauí.
Fonte: Acervo Pessoal A. C. Moreira.

As características da varanda da casa do Comendador Jacob Almendra, tão similares a outras ocorrências recorrente na província, evidenciam que na cidade recém fundada estava se constituindo uma arquitetura que materializava a tradição do interior do Piauí, que se utilizava majoritariamente de referências locais.

O sistema construtivo usado na casa do Comendador (Figura 36) foi o mesmo empregado nos edifícios públicos da capital: embasamento em pedra argamassada e paredes de adobe – que certamente foi produzido no local, pela existência de diversas olarias que se estabeleceram na região para suprir a necessidade de erguer uma cidade inteira. Estas paredes possuíam grande espessura, que variava entre 0,70m e 1,50m, o que mais uma vez favoreceu o conforto térmico na edificação, e eram revestidas por argamassa de barro e cal. Todas essas características proporcionaram e significaram total adequação ao artigo N°5 da resolução N°391, que determinava a proibição da construção de casas de palha nas praças e ruas desta cidade, e exigia que as casas construídas nas ruas das praças tivessem pelo menos dezoito palmos de altura – o que só foi possível graças à técnica construtiva associada ao material usado.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 36: Sobrado sem revestimento.

Fonte: Acervo CAB.

Sobre a cobertura das edificações piauienses do início do Século XIX, Barreto (1975, p. 205) afirma que “O madeiramento é de tronco de carnaúba²³ ao natural; o ripamento do mesmo material. O Piauí não conhece a tesoura. A telha canal é a

²³ Palmeira abundante no Norte e Nordeste do Brasil, muito usado no Piauí, Ceará e Maranhão em construções rústicas ou populares. Fornece madeira maciça, de cor verde-escura, muito utilizada em peças do madeiramento do telhado e esquadrias. Nas antigas construções era muito empregada na gaiola das casas feitas de taipa. Suas folhas são usadas em coberturas, cercas e esteiras. É aproveitada pela indústria da construção na fabricação de cera para madeira e isolante térmico para cabos (ALBERNAZ E LIMA, 2000).

única aplicada”. Silva Filho (2007) discorda de Barreto (1975) ao afirmar que existiam tesouras nas edificações do Piauí do Século XIX, mesmo que essas fossem mais raras e encontradas principalmente nas capelas das fazendas. Em contrapartida, os levantamentos e descrições do mesmo autor demonstram concordância com Barreto (1975) ao relatar o emprego da carnaúba na casa de fazenda e na casa urbana piauiense, o que também pudemos confirmar através dos nossos levantamentos.

O emprego dos troncos de carnaúba como principal material estruturante dos telhados foi uma solução construtiva adotada na província inteira, especialmente por cobrir grandes vãos, tanto nas casas rurais quanto nas urbanas, como exemplificam as figuras Figura 37 e Figura 38. Dessa forma, mais uma vez, Teresina, com as características de sua arquitetura ainda sendo delineadas, seja pela disponibilidade de materiais ou de mão de obra, repetiu o que era comum no *Piauí*: no sobrado do comendador Jacob Almendra, o madeiramento do telhado do sobrado foi todo feito em troncos de carnaúba – as partes que apresentam outros materiais são substituições, e não existe em nenhuma parte da edificação quaisquer tipo de tesoura, como é perceptível através das figuras Figura 39 e Figura 40.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 37: Telhado de edificação situada em Oeiras, Piauí.

Fonte: SILVA FILHO, 2007.

Figura 38: Telhado de edificação situada em Amarate, Piauí.

Fonte: SILVA FILHO, 2007.

Figura 39: Vista do telhado sobrado do Dr. Jacob Almendra

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 40: Vista do telhado sobrado do Dr. Jacob Almendra (2)

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Percebemos, assim, que o material construtivo do telhado da casa do comendador Jacob Almendra apresenta semelhanças com os das casas de fazenda e das casas

urbanas do início do século pelo seu material construtivo. Por outro lado há certo distanciamento em relação aos aspectos construtivos. Provavelmente em virtude de dificuldades técnicas, os telhados das edificações do início do século alcançavam grandes alturas em sua cumeeira – o que de fato favorecia o conforto térmico – mas chegavam a medir cerca de 1,50m de altura na ponta do beiral, como mostram as imagens das fazendas²⁴ já apresentadas. No sobrado do Dr. Jacob Almendra, esse problema construtivo foi sanado, e apesar de sua cumeeira ainda alcançar uma grande altura, o problema da altura diminuiu ao final deste foi corrigido. Dessa forma, a partir das imagens e descrições apresentadas, percebemos total adequação ao artigo de N°7 da resolução de N°391, que proibia a construção de “*meiaguas*” nas ruas das praças.

O edifício sofreu uma série de reformas ao longo dos anos, especialmente em virtude da variedade de usos que abrigou, o que dificultou a identificação de seus componentes construtivos originais. Mesmo assim, identificamos dois tipos de forros do século XIX na edificação (Figura 41 e Figura 42), sendo um em tábuas de madeira superpostas (saia e camisa) e outro em tábuas de madeira superpostas com quadro treliçado no centro. Não sabemos exatamente quais cômodos da edificação eram forrados ou não, mas juntamente com a existência de forro com quadro treliçado - que permite a ventilação por convecção – e de diversos cômodos

²⁴ Ver imagens 16 e 17.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

sem forração, percebemos demonstra a intenção de possibilitar uma temperatura mais agradável no interior da residência, o que foi constante desde a conformação da sua até os seus componentes construtivos.

Figura 41: Forro em tábua de madeira superpostas
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 42: Forro com quadro treliçado.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Também não foi possível avaliar quais eram os pisos originais e quais são frutos de intervenção. Houve no Século XIX no Piauí uma aplicação em larga escala de ladrilho hidráulico e de assoalho de madeira (nos cômodos mais nobres, a exemplo da sala de estar e do escritório), mas nesta edificação não há sinais de que o ladrilho hidráulico tenha sido usado. Hoje, os pisos são de assoalho e rodapé de madeira (Figura 43) e de cerâmica de barro cozido e polido, sendo neste caso certamente uma substituição.

Figura 43: Piso em assoalho de madeira
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Vale ressaltar o piso da calçada desta edificação feito em Pedra Juazeiro²⁵, (Figura 44), que é acertadamente original e representa mais uma vez total adequação ao artigo de número 17 da resolução N°391, que estabelecia que as casas edificadas no recinto da cidade deveriam ter uma calçada de pedra ou de tijolos na largura de seis palmos. A largura da calçada também estava de acordo com essa norma e juntamente

Figura 44: Revestimento em pedra de juazeiro.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

com os fatores já apresentados demonstram a influência da legislação na determinação das características da arquitetura que se estabeleceu em Teresina durante o século XIX.

Nas fachadas da edificação (Figura 45 e Figura 46), os elementos decorativos eram escassos e manifestavam-se segundo um padrão, adequando-se à descrição de Rodrigues (1945, p. 174):

²⁵ A Pedra Juazeiro é largamente extraída na região da cidade de Juazeiro no Piauí, situada a cerca de 164 quilômetros de Teresina, e é largamente empregada na construção civil como material de revestimento. Foi extraída inicialmente de forma artesanal/familiar e atualmente isso acontece principalmente por meio de grandes empresas, que exportam para países diversos.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

A fachada da casa antiga era em geral lisa; quando enfeitada, despretensiosa e discreta, pela disposição de seus vãos, percebe-se-lhe quase sempre a divisão. Sobrados com a porta no centro, e janelas distribuídas simetricamente, na maioria com sacadas, tendo apenas molduras sobre as janelas superiores, constituem a grande maioria das casas de destaque. Guarnecem-nas, além da cornija do beiral, às vezes com friso e arquitrave, um listel à altura do piso do sobrado, acompanhando o alinhamento das sacadas. No chão, ligeiro ressaltado indica embasamento.

Figura 45: Fachada principal da residência do Comendador Jacob Almendra.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 46: Fachada lateral da residência do Comendador Jacob Almendra.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Complementando a descrição acima, os poucos elementos decorativos das fachadas da casa do comendador Jacob Almendra possuíam inspiração neoclássica, cujas características Reis Filho (2007, p. 124-124) comenta:

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Todavia, no caso das residências mais comuns dos centros maiores, como nas províncias, as condições de técnica executiva, materiais, projetos e mão de obra apenas em raras oportunidades vinham possibilitar um atendimento fiel aos padrões da academia. As construções, aproveitando mão de obra escrava, eram rudimentares. Os elementos estruturais, sempre grosseiros, construídos de taipa de pilão, adobe ou pau-a-pique – portanto de terra – não permitiam o uso de colunatas, escadarias, frontões ou quaisquer tipos de soluções mais complexas. Nessas condições, as características neoclássicas ficavam restritas apenas a elementos de acabamento das fachadas, com importância secundária, como as platibandas, com seus vasos e suas figuras de louça ou as portas e janelas arrematadas com vergas de arco pleno, que vinham substituir os arcos de centro abatido, de estilo barroco. Em muitos casos, as vergas eram retilíneas, arrematadas por uma cimalha saliente ou por um pequeno frontão. A solução mais comum, porém, era sempre em arco pleno. Era comum também conservar com vergas retilíneas as portas e as janelas da fachada, tratando-se em arco pleno apenas a porta principal, de modo a destacá-la do conjunto [...] Era também frequente que as bandeiras destas, em lugares de vidros, tivessem grades de ferro forjado, com desenhos e a data da construção na parte central. Por facilitar o arejamento, era esta solução a mais utilizada para lojas e armazéns, mesmo nos exemplos mais modestos, das construções dos mestres portugueses.

A residência do Sr. Jacob Almendra se enquadra em muitos aspectos à descrição de Reis Filho. Com as paredes majoritariamente em adobe, as características neoclássicas ficaram restritas a poucos ornamentos das fachadas: o acabamento do telhado em beira-e-bica deu lugar à cimalha em alvenaria; as pilastras marcando

as fachadas; e, adequando-se completamente à descrição, as portas e janelas externas da edificação – todas originalmente em madeira - tiveram seus vãos arrematados em arco pleno com bandeiras em grades de ferro forjado com formatos distintos²⁶, todas garantindo iluminação e ventilação permanentes, como demonstra a Figura 47. O gradil trabalhado – também em ferro forjado - do balcão do pavimento superior (Figura 48), que se estende por quase toda a fachada frontal protagoniza a ornamentação.

Figura 47: Desenho de uma das bandeiras encontradas nas janelas da fachada frontal
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira. Desenho da autora.

²⁶ Muitas destas encontram-se atualmente substituídas por bandeiras em madeira.

Figura 48: Gradil do balcão fachada da edificação.

Fonte:Acervo pessoal A. C. Moreira.

Ainda tratando das esquadrias voltadas para o exterior da edificação, eram todas, janelas e portas, em madeira com duas folhas de abrir. No balcão do pavimento superior fora usada a pedra lioz(Figura 49: Pedra lioz empregada na fachada.Figura 49), material importado de Portugal e largamente usado nos sobrados maranhenses (MARTINS, 2013), mas também em menor grau em outros edifícios da província, como na Casa Grande de Parnaíba, revelando o desejo de empregar materiais mais nobres – mesmo que de forma contida, regrada - e consequentemente ter uma residência mais sofisticada. As portas do interior da edificação, eram, assim como as externas, em duas folhas de abrir, sendo que parte delas apresentavam bandeira em ferro fundido (Figura 50), que também garantiam iluminação e ventilação permanente, e parte bandeira fixa em madeira (**Erro! Fonte de referência não**

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

ncontrada.), certamente, nos cômodos onde se desejava maior privacidade, ainda que acarretando prejuízo no conforto térmico.

Figura 49: Pedra lioz empregada na fachada.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 50: Bandeira em ferro fundido.

Fonte: Acervo pessoal Moreira A. C.

Figura 51: Porta com bandeira em madeira.

Fonte: Acervo pessoal Moreira A. C.

○ emprego desses materiais e técnicas evidencia uma característica que se estabeleceu na arquitetura local: usar materiais mais caros, expostos a fim de dar à edificação uma aparência mais nobre e sofisticada, como manifesta-se no uso da pedra lioz no balcão da fachada. Além disso, assinala a dificuldade existente na província de incorporar as “novidades” relativas ao trabalho com os materiais, que se manifesta no sobrado através do uso de elementos de ferro forjado e ferro fundido: ferro forjado – mais bem trabalhado e cuidado – no exterior na edificação; e ferro fundido nas áreas internas dessa.

No interior da residência, os elementos decorativos ficaram restritos aos simulacros de capitéis e pilastras em alguns dos vãos (Figura 52) e à composição dos corrimãos da escada, torneados em madeira, e também do guarda-corpo, que produzem refinamento e um bom efeito visual ao conjunto que se sobressai de forma marcante (Figura 53 e Figura 54) no cenário local. A carência de elementos decorativos do interior dessa edificação – que tornou-se uma das características da arquitetura residencial urbana do centro de Teresina do século XIX - certamente esteve associada à falta de mão de obra especializada e de materiais: faltavam até os materiais básicos mesmo nas construções mais importantes da cidade, o que fez dessa uma característica comum às edificações religiosas, oficiais ou civis da cidade.

Figura 52: Vão interno da residência com simulacro de pilastras e capitéis
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 53: Composição da escada da edificação
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 54: Guarda corpo em madeira torneada
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Quase uma década depois da construção do sobrado do comendador Jacob Almendra, no dia 11 de abril de 1867, foi promulgado o código de posturas da capital. Na impossibilidade de acessar essa lei em sua totalidade, encontramos fragmentos e artigos vários, além de um resumo em Chaves (1994), suficientes para verificar que poucas alterações foram estabelecidas com relação à legislação anterior. Segundo Chaves (1994, p. 39-40):

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Os terrenos cedidos na décima urbana²⁷ seriam edificados no prazo de dois anos, findo o qual o dono começaria a pagar os foros no duplo por mais um ano [...] Os terrenos concedidos e não edificados deveriam ser limpos todos os meses do dia 27 ao último, pelos donos, sob pena de multa de 2\$000, imposta no 1º do mês seguinte e cobrada imediatamente por via executiva [...] As ruas seriam limpas todos os sábados, até as 7 horas da manhã, pelos respectivos habitantes e pelos donos de terrenos não edificados, sob pena de multa de 500 réis, por cada vez, e perda do terreno na quarta infração, em se tratando de terrenos não edificados. Os donos das casas eram obrigados a caiá-las, exteriormente, uma vez ao ano, sob pena de multa de 3\$000, e o duplo na reincidência. Era proibida expressamente a escavação de barreiros ou outra qualquer, ainda mesmo no interior das casas, salvo se se tratasse da edificação de poços. O artigo 42 era taxativo: “Não se permite edificação ou reedificação de casas de palha dentro dos limites da décima urbana.”

Os trechos acima demonstram uma grande aproximação entre o código de posturas de 1867 e a resolução decretada em 1854, sendo a maior parte das determinações relativas às construções mantidas, mas à elas acrescentadas novas exigências relativas à aparência das edificações, o que implicaria em uma fisionomia mais cuidada para cidade. Um exemplo para esta afirmação era a obrigatoriedade da caiação anual nas edificações exigida na lei. Reiterava-se, ainda, a proibição da edificação de casas cobertas de palha, que tinha na saída dos limites da área central da cidade a sua forma de resistência.

²⁷ A área da cidade na qual era aplicável o imposto denominado *Décima Urbana* era assim conhecida.

Três anos depois da promulgação do código de posturas de 1867 foi expedido um novo código, comum às cidades de Teresina, Parnaíba²⁸ e Valença²⁹, o que era comum ocorrer no país como uma tentativa de uniformizar as práticas e estabelecer na sociedade como um todo especialmente um conceito de civilidade.

O Código de Posturas de 1870 era composto por 17 capítulos, intitulados: Posturas da Câmara Municipal de Teresina; Medição e alinhamento dos terrenos concedidos; Edificações; Trânsito Público; Limpeza dos terrenos, ruas, praças e casas dentro do quadro da décima urbana; Aguadas e lavagem; Mercado Público; Matadouro público, salgadeiras, depósito, curtume de peles e couro; Animais; Estrada; Incêndios; Vagabundos, embriagados, tumultos, escravos abandonados à caridade pública e vestuário dos que transitam pelas ruas; Porto, passagem, plantio de árvores e conservação das existentes; Do cemitério; Jogos, fogos e armas proibidas e, finalmente, Disposições gerais. Reunidos, todos esses capítulos originaram um código mais abrangente do que a resolução que deu origem ao anterior (PARTE OFFICAL, 1870).

Na contrapartida da maior abrangência desta lei de 1870, no capítulo relativo às edificações, apesar de muitos artigos se repetirem em relação à lei de 1867,

²⁸ Cidade situada ao norte do estado do Piauí, a cerca de 340 quilômetros de Teresina, fundada no ano de 1762.

²⁹ Cidade situada no sudeste do estado do Piauí, a cerca de 190 quilômetros da capital, fundada no ano de 1762.

percebemos um retrocesso nas exigências para a construção de edificações na resolução de 1954. No capítulo três do código de posturas de 1870, lemos:

Art. 7º Ninguém poderá edificar no quadro da décima urbana sem previa licença da câmara, pela qual se pagará a quantia de cinco mil réis.

Art. 8º Os terrenos concedidos dentro do quadro da décima urbana começarão a ser edificados no prazo de um ano devendo a edificação ficar concluída no prazo de cinco. Os prazos tanto para começo da edificação, como para a conclusão desta se contarão da data de concessão. Os infratores no primeiro caso pagarão multa de vinte mil réis e no segundo a de trinta.

Art. 9º O foreiro que dentro do prazo de cinco anos não tiver concluído a edificação do seu terreno, pagará de então em diante os respectivos foros na razão de dois mil réis por braça até o cumprimento fiel e completo do artigo antecedente.

Art. 10º é permitido ao foreiro traspassar o seu terreno, obrigando-se o novo possuidor a satisfação dos mesmos foros, que na ocasião tiver a câmara direito à perceber.

Art. 11º Qualquer prédio, que desabar, terá para sua reedificação o mesmo prazo dos artigos oitavo e nono, e seu dono ficará sujeito em tudo mais as penas, cláusulas e condições expressas nos mesmos artigos.

Art. 12º. Entende-se por começo da edificação a feitura dos respectivos alicerces, e reunião de materiais que indiquem a continuação da obra projetada; é por edificação completa a conclusão do exterior da obra, inclusive a calçada, assim como a fachada da altura de paredes regulares de casas com telhas, janelas ou portas fictícias.

Art. 13º Todos os proprietários de casas na cidade são obrigados a fazer uma calçada na frente das mesmas com a largura nunca menor de seis palmos. Esta disposição com relação aos edifícios existentes se cumprirá dentro do prazo de três anos da data de

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

publicação destas posturas, ficando proibido para feitura da mesma calçada o emprego da pedra conhecida pelo nome de pedra de jacaré. Os infratores pagarão a multa de dez mil reis por cada ano que decorrer além do prazo marcado.

Art. 14º As calçadas acompanharão o terreno, quer nos seus declives quer nas suas elevações; e nunca terão mais que um palmo de altura.

Art. 15º As calçadas atualmente existentes, que se acharem fora das condições do artigo precedente serão concertadas pelos respectivos proprietários, de conformidade com o mesmo artigo, dentro do prazo de um ano da data de publicação das presentes posturas. Findo esse prazo o contraventor pagará multa de dez mil réis por cada ano que decorrer de então até a conclusão da calçada (PARTE OFFICIAL, 1870, p.01).

Apesar de ser um código mais recente, o que implicaria em uma maior quantidade de determinações e exigências, nos artigos acima, apesar de exigirem um maior cuidado com a calçada, não era feita nenhuma exigência relativa às dimensões das janelas e nem determinava com exatidão a altura das edificações, o que não só acontecia na resolução anterior como abordava de maneiras distintas as edificações nas ruas comuns e nas ruas de praças. Não se fazia, ainda, exigências com relação à forma dos telhados e nem abordava com tanta clareza quanto no momento anterior o problema que tanto incomodava os governantes – as casas de palha, o que demonstra uma tolerância a esse aspecto, certamente necessária, pelo menos nesse momento.

Mas apesar dessas mudanças no Código de Posturas, que poderiam originar alterações nos aspectos construtivos das edificações que a partir de então seriam

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

construídas, o que conseguimos perceber nas residências construídas com características ainda apreensíveis foi uma adequação das determinações contidas ainda na primeira resolução, como demonstra a análise da residência a seguir.

No ano de 1870 iniciaram-se as obras da residência do Barão de Gurguéia³⁰(Figura 55), um importante exemplar da arquitetura das primeiras décadas de Teresina. Até os dias atuais essa residência abrigou usos diversos: depois de servir de residência para a família do Barão, foi instalado um seminário entre os anos de 1906 e 1911. Em 1913, a residência foi vendida para a diocese, que manteve o mesmo uso do prédio. Após abrigar vários usos ligados a igreja católica, foi comprada pelo Estado e passou a ser sede do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas no Piauí e Colégio Estadual Pedro II. Em 1994 foi inaugurada nesta edificação a Casa da Cultura de Teresina³¹,uso que mantém até hoje.

Figura 55: Busto do Barão de Gurguéia na Casa de Cultura
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

³⁰ João do Rego Monteiro (1809-1897) - Barão de Gurguéia, foi um influente político e fazendeiro que atuou no estado do Piauí.

³¹ Casa da Cultura é um espaço cultural mantido pelo governo do Piauí que objetiva preservar, promover e divulgar a cultura do Estado, através de visitas e consultas ao acervo museológico, às fontes de pesquisa bibliográficas e arquivísticas, proporcionando formação cultural e lazer por meio de cursos, oficinas de arte e outras atividades culturais.

Figura 56: Casa do Barão de Gurguéia

Fonte: Acervo FUNDAC.

Assim como as melhores casas construídas pelo comendador Jacob Almendra, a casa do Barão de Gurguéia também foi edificada em uma das ruas da Praça Saraiva, onde estava sendo erguida a Igreja de Nossa Senhora das Dores. A localização dessa residência confirma a afirmação de Nunes (2007), que diz serem atribuídos logradouros privilegiadas às melhores construções da cidade, e a implantação repete o esquema da casa do comendador Jacob Almendra, com alinhamento nos limites do terreno.

A planta baixa da casa do Barão de Gurguéia também apresenta configuração em “L”, assim como a casa do comendador Jacob Almendra. Percebemos um distanciamento desta em relação à casa colonial e também em relação à casa

defazenda pela supressão do corredor a partir do qual distribuía-se os cômodos. Agora, ao entrar na edificação, o entrante deparava-se com um amplo estar.

Figura 57: Planta esquemática da casa do Barão de Gurguéia. Fonte: FMC, 2015.

Ao contrário do que afirma Lemos (1993) sobre as casas do vale do Paraíba do século XIX, quando “A classe alta, no entanto, abandonou a varanda promíscua para assumir o esquema circulatório erudito, aprendido nas viagens das entre-safras a Paris”, em Teresina percebemos a permanência deste cômodo com um importante espaço de sociabilidade. Diferente da edificação anterior, apesar de

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

primar pelo conforto através do emprego de largas e numerosas aberturas, estas não apresentam esquadrias para a regulação da entrada de luz e vento, apenas um fechamento fixo em madeira torneada, como demonstram as imagens a seguir.

Figura 58: Varanda da casa do Barão de Gurguéia.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 59: Vista externa da varanda da casa do Barão de Gurguéia.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

A existência do porão alto na casa do Barão de Gurguéia significou uma grande inovação na arquitetura residencial teresinense, especialmente por não o termos encontrado em edificações anteriores a ela. Reis Filho (1970, p.40) relata a presença deste em casas construídas entre 1800-1850 em outros centros, o que faz dessa temporalidade uma particularidade local:

Um novo tipo de residência, a casa de porão alto, ainda "de frente da rua", representava uma transição entre os velhos sobrados e as casas térreas. Longe do comércio, nos bairros de caráter residencial, a nova fórmula de implantação permitiria aproximar as residências da rua, sem os defeitos das térreas, graças aos porões mais ou menos elevados, cuja presença era muitas vezes

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

denunciada pela existência de óculos ou seteiras com gradis de ferro, sob as janelas dos salões.

A existência do porão na casa do Barão de Gurguéia representou uma série de implicações nas características dessa residência, dentre elas a existência de uma escadaria na fachada da edificação para vencer o desnível entre a rua e a residência, que era representativa do distanciamento que aos poucos se construía entre a casa e a rua, entre o social e o privado. Percebemos ainda a importância da Casa do Barão de Gurguéia como precursora na aplicação do ecletismo, em que o porão alto representou uma das suas mais importantes implicações: a busca por salubridade.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Apesar de apresentar um sistema construtivo com embasamento em pedra argamassada (Figura 60) e paredes em adobe (Figura 61), a existência do porão alto exigiu o emprego de vigamento em madeira lavrada a enxó como apoio para o pavimento térreo (Figura 62 e Figura 63), solução semelhante à que seria empregada em um sobrado. As dimensões reduzidas do tijolo empregado, em contraponto com a largura exagerada das paredes, nos mostra que foi resultado da sua forma de assentamento.

Figura 60: Pedra empregada no embasamento da construção.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 61: Tijolo empregado na construção.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 62: Apoio em madeira lavrada a enxó.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 63: Apoio em madeira lavrada a enxó (2).
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

No telhado da casa do Barão de Gurguéia percebemos grandes diferenças em relação ao da edificação anteriormente analisada. A primeira delas diz respeito à própria estrutura. Na casa do Barão a estrutura do telhado foi executada em tesouras (Figura 64 e Figura 65), até então pouco empregadas na província. Além disso, o seu madeiramento é todo em madeira lavrada, em detrimento dos troncos de carnaúba. Isto, juntamente com o emprego da tesoura, se constituiu grande mudança na forma de construir na cidade.

Figura 64: Telhado original da residência (1).
Fonte: Acervo FMC.

Figura 65: Telhado original da residência (2).
Fonte: Acervo FMC.

Considerando que o início da construção da edificação deu-se no ano de 1870, é provável que ao seu término já estivesse em vigência o Código de Posturas promulgado em novembro daquele ano, onde não existiam quaisquer exigências

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

relativas a telhados. Entretanto, a imagem aérea da edificação (Figura 66) mostra que sua cobertura era feita em várias águas, formando um telhado bastante movimentado, e conforme a Figura 67, era feita em telha cerâmica capa-canal.

Figura 66: Vista aérea da residência do Barão de Gurguéia
Fonte: Acervo FMC.

Figura 67: Telha usada na cobertura da residência do Barão de Gurguéia, disponível na Casa da Cultura.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

A diversidade de usos e a quantidade de reformas pelas quais esta edificação passou implicou na perda de muitos dos seus elementos construtivos originais ou mesmo na dificuldade de identificação dos mesmos. Dentre todos os revestimentos, identificamos apenas dois que seriam muito possivelmente originais, ambos assoalhos de madeira, sendo um deles com tábuas claras e escuras (Figura 69) e os dois arremate em rodapé, resultando em aspecto muito próximo ao da casa do comendador Jacob Almendra.

Figura 68: Piso em assoalho de madeira
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 69: Piso em assoalho de madeira
usando tábuas claras e escuras.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Apenas um forro original foi identificado (Figura 70), certamente no ambiente que serviu de sala de estar, justificando o emprego de um acabamento mais nobre e cuidadoso. Ao contrário da edificação analisada anteriormente, não verificamos a existência da criativa solução para proporcionar melhor conforto térmico.

Figura 70: Forro em tábuas de madeira
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Mais uma vez constatamos a questão já discutida anteriormente quanto ao desejo de produzir uma edificação de boa e rica aparência, mesmo em um quadro de tanta escassez e dificuldades. Na casa do Barão de Gurguéia, na contrapartida do emprego da rudimentar madeira lavrada a enxó na estrutura do telhado – que

ficava pelo menos socialmente oculta – foram empregados no piso e no forro materiais nobres e sofisticados, ratificando mais uma vez essa preocupação.

Ainda tratando dos elementos construtivos desta edificação, é importante destacar que na grande maioria dos arremates de janelas e portas foram empregados arcos ogivais (Figura 71Figura 72Figura 73). Segundo Barreto (1975, p. 209), o arco ogival foi largamente utilizado em Teresina a ponto de se tornar uma das características de sua arquitetura

A fôrma em ogiva e suas variantes, dos vãos de portas e janelas, são os elementos construtivos-decorativos que chamam atenção para quem salta em Teresina. Grande parte das casas adota esse elemento, que está espalhado pelo Estado todo, mas que em Teresina se consagrou. A ogiva. encontramos em quase todos os Estados do norte,. porém em nenhum deles se fixou. São poucas as construções no gênero. [...] O arquiteto Luiz Saia, do Departamento de Cultura da Prefeitura da cidade de São Paulo, com quem já havíamos estado em Teresina, informou-nos que em Caxias, no Maranhão, viu farta aplicação da ogiva.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 71: Porta da residência do Barão de Gurguéia

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 72: Porta da residência do Barão de Gurguéia

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 73: Porta da residência do Barão de Gurguéia

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Pela proximidade geográfica e também pelas fortes relações, especialmente as comerciais, estabelecidas entre a cidade de Teresina e a maranhense Caxias – núcleo urbano anterior a esta capital, é possível, alinhando-nos com a posição de Barreto (1975), que a ogiva teresinense tenha encontrado em Caxias a sua principal fonte de referência. Na casa do Barão, além dos vãos do interior da residência, as janelas da fachada da edificação também foram coroadas por arcos ogivais, o que, juntamente com o porão alto e o acabamento do telhado em cimalha conferiam à edificação (Figura 74) uma aparência própria do ecletismo, que afinal começava a se estabelecer mais fortemente nas residências da cidade.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 74: Fachada principal da casa do Barão de Gurguéia

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Nesta imagem em destaque das janelas da edificação – a única em que podemos apreender as características originais – verificamos que as bandeiras apresentavam um cuidadoso trabalho, especialmente nos pinázios que formavam as bandeiras. As janelas eram compostas por duas folhas de

Figura 75: Destaque de duas das janelas da fachada principal da Casa do Barão.

Fonte: Acervo FUNDAC. Editada pela autora.

abrir envidraçadas, sendo a parte inferior em venezianas, que permitiam a passagem permanente de ventilação sem que houvesse a violação da privacidade no interior da residência. Ainda observamos que continham parapeito em ferro.

Assim como na casa do Comendador Jacob Almendra, seguindo a restrição no uso de elementos decorativos, encontramos na casa do Barão as molduras nos vãos das portas e das janelas e as pilastras com simulacros de capitéis, reiterando essa carência de decoração nas residências construídas em Teresina.

Além dos aspectos das edificações, já discutidos por meio de diversas fontes, tivemos a oportunidade de ampliar o conhecimento dos materiais construtivos mais frequentemente usados nas residências do século XIX, através de uma tabela informativa de preços de diversos gêneros básicos comercializados na província durante o ano de 1876 disponível na *Revista Mensal*³²(Figura 76), um periódico local de circulação mensal que apresentava anúncios e notícias de temas variados.

³² Alguns números dessa revista encontram-se disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira.

PREÇOS CORRENTES DOS GENEROS DO PAIZ.			
Assucar branco, primeira qualidade.	1 @ ou 15 kilos .	4\$000 a	4\$500
Assucar . . . segunda . . .	idem . . . idem .	3\$000	3\$500
Araruta	1 @ ou 15 kilos .	5\$500	6\$000
Arroz pilado	idem . . . idem .	1\$300	2\$000
Arroz com casca	quarta de 50 litros	1\$000	1\$200
Aguardente	2 litros ou 1 frasco	300	400
Azeite de côco	idem—idem . . .	800	1\$000
Azeite de maucana	idem—idem . . .	800	1\$000
Algodão em rama	15 kilos	4\$000	4\$400
Algodão ensacado	idem	4\$600	5\$000
Café do Ceará, primeira qualidade .	idem	12\$000	13\$000
Couros de boi, salgados ou espichados	1 kilo	200	220
Couros de dito, verde ou em sangue	idem		400
Couros de capoeiro em c. bello . . .	um	1\$000	1\$200
Couros de cabra, cortidos	idem	200	500
Cabellos de gado vacum e cavallar	15 kilos	7\$500	8\$000
Cal. no porto	quarta de 50 litros	800	1\$000
Cal nos armazens	idem—idem . . .	1\$500	1\$800
Farinha de mandioca	idem—idem . . .	1\$000	1\$200
Feijão	quarta de 50 litros	2\$500	3\$000
Fumo de corda	1 @ ou 15 kilos .	9\$000	12\$000
Milho	quarta de 50 litros	1\$000	1\$200
Mel de abêlhas	2 litros ou 1 frasco	600	800
Rapaduras	carga ou um cento	5\$000	3\$000
Sabão do Sítio	caixa de 40 libras	5	5\$000
Sal. no porto	quarta de 40 litros	1\$400	1\$800
Sal. nos armazens	idem—idem . . .	2\$500	3\$000
Sêbo em rama	1 @ ou 15 kilos .	4\$000	5\$000
Solla	um meio	1\$500	2\$000
Tapióca	quarta de 50 litros	4\$500	5\$000
Vilas de carnaúba	malheiro	16\$000	18\$000
Vellas de sêbo	um cento	1\$000	1\$500
Madeiras: champrões de piquy ou aroeira	um	1\$000	2\$000
Toros de cedro	idem	2\$000	3\$000
Carnaúbas para caibros	uma	320	400
Esteio de aroeira	um	3\$000	8\$000
Estacas de unha de gato	cento	1\$500	2\$000
Linhas de pão d'arco	uma	3\$000	10\$000
Palha de palmeira	cento	1\$500	2\$000
Ripas de carnaúba	duzia	600	800
Taboas de cedro	idem	5\$000	12\$000
Taboas de bacury	idem	12\$000	20\$000
Supplemento.			
Adobes—no barreiro,—milheiro		8\$000—10\$000	
Telha—na olaria,—idem		20\$000—25\$000	
Tijollos de alvenaria—idem,—idem		12\$000—15\$000	
Ditos de ladrilhos—idem,—idem		18\$000—20\$000	

Figura 76: Preço corrente dos gêneros do paiz

Fonte: REVISTA MENSAL, 1876.

Conforme pudemos observar na tabela, os materiais básicos empregados nas construções eram o adobe, a telha de barro, os tijolos de alvenaria e os de ladrilho, sendo todos fabricados no local: o primeiro nos barreiros e os três últimos nas olarias. Mesmo apresentando vários tipos de madeira para emprego em construções, a carnaúba se destaca com os menores valores, o que, juntamente com sua qualidade construtiva, justifica seu largo emprego nas construções locais. Essa tabela, além de confirmar o que foi constatado na análise das edificações residenciais, também evidencia que esse panorama não ficava restrito a estas, mas se estendia às demais edificações construídas na capital.

Como mais uma manifestação da arquitetura residencial local, incluímos a *residência e comércio*. Apesar de não ser uma tipologia tão recorrente em Teresina quanto na vizinha São Luís, a *residência e comércio*³³ também foi encontrada ainda no Século XIX, como por exemplo a “*Casa Dôta*” e a “*Casa Joca*”, em que percebemos uma clara relação com as características das edificações estritamente residenciais: a *residência e comércio* teresinense, mesmo quando construída já para esse fim, manifestou-se muito mais como uma adaptação da função residencial. Isso se evidencia com clareza no exemplo da “*Casa Dôta*”. Mas além de representantes dessa tipologia, juntamente com outras casas de comércio, a “*Casa Dôta*” e a “*Casa Joca*” representaram modernidade e sofisticação para a cidade, por

³³Apesar desta tipologia não ser o objeto principal da nossa pesquisa, se justifica a sua inclusão ainda que rapidamente pela sua relação com as demais residências analisadas.

revenderem grande variedade de artigos finos e importados, até então, raros no comércio local.

Construída no final da década de 1890 pela família de Aphrodisio Thomaz de Oliveira, a “Casa Dôta” (Figura 77 e Figura 78) apresentava características semelhantes às edificações residenciais apresentadas até então – repleta de aberturas em arco pleno, com esquadrias de madeira compostas por duas folhas de abrir e bandeiras vazadas para permitir uma melhor ventilação dos cômodos. O uso de pilastras marcando as fachadas e, especialmente, a platibanda coroada com pinhas em um estabelecimento que adquiria grande importância na cidade representa a consolidação de uma nova forma de construir, que se mostrava como a arquitetura adequada para suprir os ensejos da cidade que se edificava e desejava se impor.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 77: Fachada principal da Casa Dôta.

Data imprecisa.

Fonte: Acervo IPHAN

Figura 78: Fachada da Casa Dôta. Data

imprecisa.

Fonte: SILVA FILHO, 2007.

Na planta da “Casa Dôta” percebemos uma configuração ainda atrelada à arquitetura colonial, na qual a parte ocupada como residência apresentava o esquema praticado na região – um corredor central, ladeado por cômodos e que dava acesso à varanda de refeições. Nos fundos, a despensa e a cozinha, e, como um “anexo” desta edificação, toda a lateral da edificação era destinada à função comercial, conforme a planta a seguir (Figura 79):

Figura 79: Planta baixa da Casa Dôta

Fonte: SILVA FILHO, 2007. Editada e redesenhando pela autora.

Apresentando a mesma tipologia da Casa Dôta, outra importante *residência e comércio* no cenário local, fundada em 1897 conforme propaganda do estabelecimento, (Figura 80) foi a Casa Joca(Figura 81). Apesar da impossibilidade de acesso à conformação interna dessa edificação pelo seu avançado estado de descaracterização, suas características apreensíveis através de imagens de fachadas demonstram, no fim do século XIX, uma forte adesão às particularidade do ecletismo, de forma que até então não tinha sido vista.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Figura 80: Propaganda Casa Joca.
Fonte: O COMMERCIO, 1907.

Figura 81: Casa Joca. Data imprecisa.
Fonte: CASA JOCA (1910-2015), 2015.

Implantada numa esquina, a edificação ainda apoiava-se sobre todos os limites do lote. No encontro entre as duas laterais foi criada uma aresta, exigência presente em muitos códigos de posturas do século XIX, mas que não encontramos na legislação teresinense. Nessa aresta, delimitada por pilastras, encontrava-se a porta principal e, acima, um frontão circular coroado por pináculo. O telhado da edificação era todo ocultado por uma platibanda decorada com balaustrada e as aberturas marcadas por pilastras, e as paredes eram ornadas com bossagens, compondo uma decoração mais rica e elaborada do que as edificações anteriormente analisadas.

As discussões e análises das residências construídas no século XIX e dos fatores relacionados a estas apresentados aqui nos levam a uma série de constatações envolvendo peculiaridades da arquitetura residencial eclética que estava se desenvolvendo em Teresina. Por ter sido fundada e construída para ser uma capital, a cidade apresentava um quadro econômico, social e cultural muito peculiar, que se materializou numa arquitetura de formas simples, com escassez de elementos decorativos e marcada pela busca de soluções construtivas condicionadas ao uso de materiais locais, como a carnaúba, resultando numa produção de caráter único e muito adaptada ao lugar.

Reconhecemos que a casa teresinense se inspirou no padrão formal das residências do interior da província, que teve como embrião a casa de fazenda. Dessa forma, as residências construídas nas primeiras décadas na capital apresentavam distribuição espacial semelhante às primeiras edificações de função residencial construídas no Piauí, mesmo sendo distintos o modo de vida em cada uma delas. Mas essa relação não foi a única determinante na forma das residências de Teresina: a carência quase que absoluta de infraestrutura também esteve diretamente relacionada à conformação da planta e também aos aspectos construtivos destas edificações. A inexistência de água encanada na cidade até o início do século XX, por exemplo, fez com que inexistissem os banheiros no interior das residências, quando no século XIX essa já era uma realidade praticada nos centros maiores.

A grande dimensão dos lotes foi um outro fator que determinou a conformação da arquitetura residencial teresinense e consequentemente da sua paisagem urbana. Ao contrário do que aconteceu em muitas das capitais brasileiras, pelo fato de Teresina ter sido fundada com esse fim, havia grande disponibilidade de terras e os terrenos distribuídos pela administração apresentavam grandes dimensões – como foi visto nas casas apresentadas neste capítulo – o que fez com que as edificações tivessem uma forte horizontalidade e os sobrados fossem escassos.

Foi possível perceber através do estudo destas edificações o quanto a busca por conforto térmico foi importante e valorizada – o que certamente fez com que o fator clima também fosse determinante nessa arquitetura: a ausência de forração em grande parte dos cômodos, o grande número de aberturas, as bandeiras vazadas em portas de janelas, os forros com abertura para ventilação – todos esses aspectos constituíram uma arquitetura que mostrou ter encontrado as soluções apropriadas frente às imposições do lugar. E é preciso lembrar também as incipientes condições de navegação no rio Parnaíba. Todos esses fatores associados fizeram da arquitetura residencial teresinense do século XIX ainda muito próxima da arquitetura praticada no período colonial. Além da configuração da planta baixa e da implantação, que manteve-se alinhada aos limites dos lotes até o fim do século XIX, a adoção das características disseminadas pelo ecletismo nas fachadas dessas residências deu-se de maneira lenta e gradual, como mostra a linha do tempo a seguir. O ecletismo só passou a ser predominantemente praticado na cidade na virada para o século XX, quando, como no exemplo da *Casa Joca*, materilizou-se uma arquitetura representativa do *status* dos seus ocupantes através da forma exterior – a fachada, a mais importante manifestação eclética (FABRIS, 1993).

Figura 82: Linha do tempo das principais edificações analisadas.
Fonte: Desenhada por A. C. Moreira a partir de informações apresentadas no capítulo.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

Arquitetura das primeiras décadas de uma capital planejada (1852-1900).

Capítulo 02: A difusão do ecletismo (1900-1938).

No princípio
Era e não era
Homens
Vieram de onde
Não se existia
Fazendo
Existir tudo o que
Não se imaginava
Comercializaram sangue e suor
Na beira do Cais
Brincaram a malandragem
Ao longo da Paysandu
Plantaram a fé
No alto da Jurubeba
Sonharam sonhos de conquista
Beberam o vinho da liberdade
Transpuseram a outra dimensão
Troca-troca(ram)
O retrato por outro
E inventaram
A outra Mesopotâmia
Entre o Parnaíba e o Poty
[Teresina: Mesopossonhos. Ivanildo de Deus]

2.1 Aspectos de Teresina nas primeiras décadas do século XX.

Passados pouco mais de cinquenta anos de sua fundação, no início do século XX, Teresina ainda apresentava um aspecto que seria típico de uma cidade do período colonial, com poucos edifícios dispersos em ruas estreitas, constantemente sujas e com a circulação intensa de animais – demonstrando ainda um forte laço da cidade com o meio rural, mesmo sendo marcada pela vocação urbana –, uma situação não muito distante da de outras várias cidades do nordeste brasileiro (NASCIMENTO, 2002). Na contrapartida desse cenário, foi nessa transição, entre o final do século XIX e início do XX, que as novidades e os impactos causados foram marcantes na cidade de Teresina, que era o principal alvo dos investimentos públicos e privados da província, acontecendo em meio a muitas dificuldades de toda ordem (QUEIROZ, 1994 e CASTELO BRANCO, 2002). Esses investimentos foram a materialização de um período que se inicia por volta de do fim da década de 1870, configurando

Uma época de tentativas de ordenação do espaço urbano, quando o seu ar típico de cidade “ordeira” e “pacata”, como registra a memória oficial, se altera com a instalação de novos habitantes migrantes nordestinos e do interior do Piauí, contribuindo para aumentar os conflitos sociais na cidade. Vimos, portanto, o momento em que a cidade se envolve no imaginário progressista da elite, quando se aguçavam as contradições sociais presentes em uma estrutura provinciana. O espaço urbano teresinense tornou-se, então, uma evidência da preocupação de uma elite com a

manutenção da ordem, expressa nos relatórios policiais, Mensagens e Relatórios dos governantes, Códigos de Posturas, dentre outros (ARAÚJO, 1995, p. 15).

Segundo Araújo (1995), esse período estende-se de 1877 até 1914, mas, compreendemos que foi de certa forma intensificado na virada do século, que oferecia perspectivas de modernidade à nação brasileira, havendo assim uma maior difusão dos ideais progressistas (ARAÚJO, 1995). Desse modo, estabelecemos como limite temporal deste capítulo o intervalo entre os anos de 1900 e 1938, quando o poder público passou a intensificar a atuação na remodelação da cidade visando seu centenário, com a promulgação do Código de Posturas de 1939 e a remodelação da Avenida Frei Serafim, protagonista do crescimento da cidade no sentido Centro – Leste.

A partir de um folheto comemorativo do cinquentenário da capital, Queiroz (2004) nos fornece uma série de informações sobre o aspecto urbano da capital no início do século, quando apresentava uma área edificada de dois quilômetros quadrados aproximadamente, com edificações distribuídas em dezesseis ruas principais, onze ruas transversais, sete praças e uma avenida, além dos arredores. Existiam, nesse perímetro, cerca de 600 casas, mas fora dele, o número de casas cobertas de palha era bem superior: cerca de 1800 distribuíam-se em ruas que chegavam a quilômetros de extensão. No primeiro ano do século XX, a população estava em torno de 45.136 pessoas (SANTANA, 1964), e os jornais da época eram claros ao

apontar com indignação os mais variados problemas urbanos e a postura governamental frente a estes:

É profundamente *contristador* o abandono em que se vão as cousas publicas nesta desolada capital. O governo, que não se interessa pelo bem público, deixa que se arruíne as obras de maior utilidade, por falta de simples reparos, pouco dispendiosos. As rampas e *taluds* do nosso formoso *Parnahyba* estão em deplorável ruína e dentro em pouco tempo *desapparecerão* completamente por causa da proverbial incúria do governo, que só tem economia para zelar serviços importantes com este e que tanto nos custaram em tempos idos. [...] O mercado sujo, com talhos nauseantes, é outro prédio que devia merecer a *atenção* do governo municipal tão vigilante e enérgico na arrecadação dos impossíveis impostos, que são a pagina mais triste e vergonhosa da história desta *olygarchya* e que um dia teremos de escrever com franqueza, com todos os documentos, com toda lealdade (DE RELANCE, 1902, p. 01)

Complementando as queixas à administração com relação aos serviços urbanos, ainda no jornal O Estado, de 03 de janeiro de 1903, a matéria *Impostos Municipaes* // dizia

As rendas *municipaes* foram assim distribuídas: Iluminação pública. Sobre este serviço todas as censuras são lícitas. Todas as suposições permitidas [...] E a iluminação, sem diminuição de *despeza*, é tão ruim como d'antes, e com o mesmo nº. *decandieiros* velhos e feios! Limpeza publica: 5:500\$ por um serviço tão pessimamente feito; tão descuidado como nunca foi e *peior* jamais o será!! É um serviço nominal (OS IMPOSTOS MUNICIPAES, 1903, p. 01)

As críticas à aplicação dos impostos por parte da administração da província e à qualidade dos serviços públicos repete-se em várias edições dos jornais, e, associado ao primeiro trecho apresentando, vemos uma pequena amostra dos inúmeros problemas urbanos que a cidade enfrentava e de como ela se apresentava no início do século XX. Complementando as reportagens acima, Queiroz (2004, p. 23) descreve as tantas carências de infraestrutura e serviços urbanos da capital do estado:

Na primeira década do Século XX, Teresina não dispunha de qualquer equipamento urbano que a definisse como uma cidade moderna. Ausência total e absoluta de calçamento, água tratada e canalizada, transporte público, luz elétrica, esgoto, telefone, etc. As pretensões de modernização e de alteração na estrutura urbana ainda não passavam de projetos que só puderam tornar-se factíveis a partir do momento em que a integração comercial do estado ocorreu.

Diante desse cenário, Araújo (1995, p. 31), ao falar sobre as primeiras décadas do século XX, diz que

No que tange ao Piauí e, particularmente, a sua capital, Teresina, este período não passou de um sonho daqueles que estavam vivendo novos tempos – o “progresso”. Na verdade, esta elite constituía um pequeno número daquelas pessoas que se vestiam com artigos de luxo chegados da França, como sedas, veludos, leques de madrepérola, gravatas, perfumarias e joias de outro, vendidos nas casas de comércio das ruas Bella (hoje Senador Teodoro Pacheco) e Imperatriz (hoje Rui Barbosa). Parafraseando o jornalista Arimathéa Tito Filho, podemos dizer que em Teresina

“tudo começava a ter cheiro de França”. Com efeito, nas residências de luxo dessa elite usavam-se escarradeiras de porcelana, ervilhas e enlatados.

Dessa forma, nas primeiras décadas do século XX, foi difícil para as elites locais conciliarem seu imaginário progressista diante de uma realidade social desafiadora e marcada pela pobreza extrema (ARAÚJO, 1995). Ainda assim, era presente na cidade um discurso de modernização, construído e reproduzido pelos políticos e intelectuais, que associavam marcos no cotidiano da cidade à ideia de progresso e tentavam criar a todo custo meios para que Teresina pudesse adquirir um aspecto de cidade moderna. E isso incluía desde a tentativa de modificação dos antigos hábitos fortemente arraigados – como mostra Queiroz (2008, p. 17) – até modificações, mesmo que na infraestrutura urbana da cidade:

As novas formas de civilidade a muito custo vinham sendo introduzidas na cidade. Crianças e adultos estavam sempre, pelo menos na avaliação dos redatores dos jornais, precisando de corretivos e de ajustes de maneiras. Precisavam aprender a manter as distâncias sociais, a frequentar de modo adequado os eventos, a bater palmas - aplaudir é também um saber, uma arte - a receber, a comportar-se à mesa, enfim. a não "avançar". Os adultos deveriam deixar as crianças em casa à noite., delimitando° assim um espaço para os adultos, ensinando. a não roubar objetos das toaletes alheias e outros vários aprendizados do jogo social e da etiqueta moderna. A toda hora os redatores puxavam a orelha da sociedade local, indicando reiteradamente as novas normas de civilidade.

Essas regras de civilidade que se buscavam disseminar tinham como uma de suas facetas o bom viver urbano em Teresina. Nesse sentido, um importante instrumento foi o Código de Posturas do município em 1905, que buscou o enfrentamento de uma série de problemas que a cidade precisava corrigir, especialmente esses hábitos da população, sendo decisivo na possibilidade de uma nova organização do ambiente urbano. A tentativa de estabelecimento de um controle social era uma das mais fortes vertentes deste código de posturas, que em seus artigos deixava clara a intenção de direcionar os costumes da população para as práticas consideradas civilizadas, especialmente nos artigos que proibiam barulhos, gritarias, batuques e até mesmo o toque do sino da igreja. Estabeleciam ainda outras regras, como demonstram os artigos a seguir:

Art. 101. É proibido sob pena de dez mil réis de multa:

§1º Proferir nas ruas e lugares públicos palavras obscenas;

§2º Escrever ou desenhar nos muros e paredes dos edifícios palavras ou figuras imorais ou obscenas;

§3º Distribuir jornais ou qualquer impresso e gravuras de desenhos ofensivos à moral e à decência;

§4º Praticar em público atos ou gestos reputados imorais e indecentes;

§5º Andar em público em completa nudez ou com trajes indecentes;

§6º Tomar banhos nos portos e fontes públicas ou despidos na margem do rio Parnaíba, dentro dos limites da zona urbana, das seis horas da manhã às seis da noite (TERESINA, 1905, p. 26).

Outra vertente muito clara no Código de Posturas de 1905 era a busca pela higienização da cidade, procurando regulamentar desde o destino dos resíduos até o abate de animais e sua comercialização nos mercados. Segundo Araújo (1995),

Os códigos de postura afetavam sensivelmente a vida dos teresinenses, sobretudo da população pobre, nos seus hábitos, costumes, lares e na sua cultura, muito embora houvesse momentos de tensão entre as autoridades políticas e aqueles que desobedeciam às normas, gerando agressões físicas e prisões.

Ainda assim, concordamos com Fontineles Filho (2008), quando afirma que estas medidas não foram suficientes para assegurar todas as transformações necessárias para a salubridade e higiene da cidade, pois encontramos com frequência nos jornais da época fortes críticas à gravidade da situação.

Ainda assim, o poder público atuou na busca pelo progresso da cidade executando melhorias nos edifícios públicos e nos ambientes urbanos, ainda que nem sempre fosse realizado o que de fato fosse necessário. A ausência de abastecimento d'água foi o primeiro grande problema que se tentou enfrentar e a iniciativa foi de início de particulares, que não foram capazes de executar tal serviço. Então, a solução veio por meio da associação do estado com capitalistas locais e resultou na inauguração do serviço no ano de 1906, durante o governo de Álvaro Mendes, finalmente oferecendo a uma pequena e privilegiada parcela da população uma alternativa de enfrentamento dos longos períodos de estiagem (QUEIROZ, 1994 e FONTINELES FILHO, 2008). O serviço foi regulamentado apenas em 1907, através

da Lei de Nº 445 de 09 de julho de 1907, cujo teor demonstrava o pouco alcance desse serviço na capital (PIAUHY, 1907).

Ainda na mesma década, o serviço Telefônico de Teresina foi realizado pelo comerciante João Maria Broxado. Inaugurado em 13 de junho de 1907, contava, inicialmente, com apenas 22 aparelhos, que foram comprados por órgãos governamentais, comerciais, industriais e também por particulares (QUEIROZ, 1994).

Como um fato marcante e de grande importância para o estabelecimento da modernidade em Teresina, destacamos a instalação da iluminação pública elétrica, que até então era alvo de recorrentes reclamações pela sua precariedade. No ano de 1910 governo iniciou os estudos preliminares para tal serviço e a implantação em 1911, que foi concluída em 1914 e privilegiou apenas as áreas mais nobres da cidade – continuando, assim, a ser alvo de críticas recorrentes (QUEIROZ, 1994).

Baseando – se em textos e documentos da época³⁴, Queiroz (1994) nos diz que além dos serviços d'água, da iluminação elétrica e dos telefones, que já tinham sua instalação iniciada na cidade, outros melhoramentos eram necessários para sua modernização. Algumas dessas solicitações relacionavam-se às condições de

³⁴ Queiroz (1994) utiliza, para construir tais afirmações, os seguintes documentos: “Aos domingos”. **Pátria**. Ano IV, nº 252. Teresina, 14 de janeiro de 1906; “Rampas”. **Pátria**. Ano I, nº 16. Teresina, 15 de fevereiro de 1903; “Terrível Incêndio”. **Piauí**. Ano XII, nº663. Teresina, 16 de Outubro de 1902.

higiene e salubridade, como a coleta de lixo urbano e proibição da criação de animais no centro da cidade, o que remetia ao código de posturas. Com o apoio das novas noções bacteriologistas e higienistas, procurava-se a razão do desenvolvimento das doenças periódicas e estabeleciam-se medidas para que estas fossem erradicadas: mas as proposições municipais não eram obedecidas, e criavam-se porcos nas ruas e quintais; o abastecimento d'água continuava insuficiente e parecia que as medidas existiam para não serem cumpridas. Além disso, junto com a extrema pobreza que assolava a capital – que tornou –se ainda mais extrema no ano de 1913, com a queda da exportação de maniçoba e falência do estado - outro problema era marcante: a enorme quantidade de casas de palha eram frequentemente assolada por incêndios que afligiam não só seus moradores, mas também os de áreas adjacentes. Reunidos, todos esses fatores demonstravam o quanto era distante essa tão sonhada modernidade que se buscava construir.

No relatório de governo do ano de 1916 apresentado por Thersandro Gentil Pedreira Paz³⁵, percebemos várias das nuances apresentadas, especialmente o conflito entre a grave situação econômica e o desenvolvimento de melhoramentos para a capital. Thersandro Paz inicia seu relatório tratando das obras

Figura 83: Jardim da Praça Rio Branco

Fonte: PAZ, 1917

públicas, dentre estas, o Jardim da Praça Rio Branco (Figura 83). Nas palavras do prefeito, fica bem claro o desejo de colocar Teresina no rol das cidades modernas e prósperas e o alinhamento com os ideais ecléticos evidenciadas por Fabris (1993), deixando muito evidente a busca pela espetacularização do espaço urbano quando concentra toda a sua atenção nos elementos que compunham esse cenário:

Tenho a grata satisfação de levar ao vosso conhecimento que já se acha concluído o jardim público, cuja construção havia sido iniciada na Praça Rio Branco. *Excellent* e moderno logradouro, capaz de figurar em qualquer cidade adiantada, é uma obra que bem compensa o sacrifício feito pelo município e bem merece o zelo e o carinho do público que o frequenta assiduamente (PAZ, 1917, p. 04-05).

³⁵Thersandro Gentil Pedreira Paz, teresinense, farmacêutico e industrial, foi prefeito de Teresina entre setembro de 1910 e janeiro de 1917.

Além do Jardim da Praça Rio Branco, Thersando Paz apresenta algumas outras obras que empreendeu, dentre estas, uma radical reforma na sede do Palacete Municipal (Figura 84), dando ao prédio – até então considerado impróprio para abrigar a prefeitura pelas suas características construtivas e arquitetônicas - uma fachada com feições neoclássicas, interior requintado e uma grande relevância ao jardim (Figura 85), e à Garagem Municipal (Figura 86), onde percebemos o emprego mais uma vez das características da arquitetura eclética notadamente pelas características de sua fachada, decorada com bossagens marcada pelo emprego da platibanda recortada com frontão triangular – que se apresentava-se como resposta ao surgimento das novas tipologias.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

A difusão do ecletismo (1900-1938).

Figura 84: Palacete Municipal reconstruído
Fonte: PAZ, 1917.

Figura 85: Jardim do Palacete Municipal.
Fonte: PAZ, 1917.

Figura 86: Garagem municipal
construída na administração de
Thersandro Paz.
Fonte: PAZ, 1917.

Thersandro Paz mostra ainda pequenas melhorias que empreendeu em infraestrutura, como iluminação pública e limpeza urbana, e se justifica pela omissão em algumas outras premências, como o calçamento das vias, pela

diminuta quantidade de recursos econômicos. Analisando todas as informações fornecidas em seu relatório, percebemos muito claramente sua opção pelo uso dos recursos disponíveis em alternativas que contribuíssem para construir uma boa imagem da cidade, especialmente perante as elites. Isto pode ser visto no próprio depoimento dele, ao falar do Palacete Municipal: “ao mesmo tempo que *podéssemos* apresentar às pessoas que nos visitam, um edifício que diga alguma coisa sobre a nossa cultura e civilização” (PAZ, 1917, p. 05). Mais uma vez, vemos uma forte reprodução dos discursos de modernização e civilidade, que mostravam-se elitistas e segregadores e inclusive estabelecendo fortes laços com o ecletismo que se constituía como parte deste cenário.

Todas essas mudanças estavam diretamente associadas ao novo estilo de vida que se buscava constituir na capital, sendo as novas formas de lazer – que manifestavam-se na forma de passeios nos jardins públicos, teatro, cinematógrafo, carnaval, dentre outros– importante parte deste processo que pouco a pouco ia modificando o modo de viver teresinense. Sobre isso, Queiroz (1994, p. 28) diz que

Em sentido literal, nem todas essas formas de lazer eram novas. Novo é o sentido que lhes é atribuído, nova é a sua condição de veículo civilizador e modernizador, novos são os conteúdos culturais que elas incorporam. As formas de se divertir, proceder, atuar, vestir, aparecer estão carregadas de símbolos [...].

Relacionado à isso, Queiroz (2008) pontua ainda outros tipos de diversão que, do início do século XX até o final da década de trinta, estiveram estreitamente associados à arquitetura eclética, como os jantares e reuniões festivas nas cuidadas residências. Também o hábito de ir a clubes e cafés se tornou mais popular, passando a serem frequentados por homens e também pelas famílias como um todo:

Lugar e frequência definidos como elegantes, em 1902 o nome de um deles é Café Chic. Misto de hotel, restaurante e casa de jogos, em especial jogo de bilhar, servia café, chocolates, chás, doces, refrescos, além de ser um local onde “palestra-se um pouco” conforme dizia um redator. [...] Em 1907, o Café Internacional oferecia bilhar, café, chocolate, gelados, além de ótima iluminação. Em seus reclames, realçava a condição de local familiar (QUEIROZ, 2008, p. 81-82).

Outro fato marcante nesse processo de transformações, que cada vez mais ganhava corpo na cidade, foi a inauguração de hotéis. Segundo Fontineles Filho (2008), havia ampla divulgação desses estabelecimentos nos jornais da época, no sentido de enfatizar as qualidades essenciais a um bom estabelecimento, como a excelência no atendimento e nas instalações, seguindo o padrão daqueles dos quais se tinha notícia em outros Estados do país. Desse modo, luxo, elegância, bom gosto e conforto eram os adjetivos mais utilizados nas propagandas dos hotéis que se instalavam em Teresina, fazendo questão de exigir “pessoas de primeira classe” como seus visitantes. Nas propagandas desses hotéis (Figura 87), percebemos

mais uma vez que o ecletismo foi eleito como a opção mais adequada para abrigar as novas tipologias que surgiam na cidade.

Figura 87: Propaganda do Hotel 15 de Novembro.

Fonte:Acervo FUNDAC.

A respeito de todo esse cenário que se edificou em Teresina nas primeiras décadas do Século XX, podemos acrescentar o que nos diz Queiroz (2004, p. 28):

Esse clima de grandes expectativas e de grande crença no futuro vem desde a década de 1880. Com a república, muitos projetos de mudança econômica foram gestados e tentaram se concretizar, o que foi conseguido ora com mais, ora com menos êxito. As tentativas malogradas, mais do que os sucessos alcançados, dão os elementos para se compreender a história do período. Ao tempo em que esses processos gerais se delineavam e a imposição de regulamentos sobre o território e a população como um todo avançava, também um nível mais microscópico, as alterações sociais ocorriam, afetando o *modus vivendi* da população da cidade.

Nesse contexto, é possível notar que a consolidação de Teresina demonstra total alinhamento à posição de Fabris (1993, p. 134) quanto à opção pela arquitetura eclética:

O que a atitude poliestilística do ecletismo denota não é apenas um fato artístico, mas uma nova organização social e cultural, que põe fim a toda e qualquer ideia de unidade para apontar para o múltiplo, o diversificado, para privilegiar o instável e o relativo em detrimento do absoluto e do eterno.

Dessa forma, o estabelecimento da sociedade teresinense, em meio à ascensão da navegação à vapor, à disseminação de novos ideais, dentre outros fatores relativos às três primeiras décadas do Século XX, constituiu o contexto propício para que o ecletismo se manifestasse – fosse em edificações públicas, privadas ou religiosas,

como mostramos nas imagens a seguir (Figura 88Figura 89Figura 90Figura 91) – segundo as limitações e possibilidades locais, originando uma produção com características muito singulares que, especialmente durante as primeiras décadas do século XX, foi a forma de construir predominante na região central e nobre da cidade.

Somado a todos estes aspectos se destaca a participação de engenheiros, arquitetos e mestres de obras como difusores dessa arquitetura – no caso de Teresina, o protagonismo de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves que, pela sua atuação e importância de suas obras, será discutido a seguir.

Figura 88: Casa Londres na América
Fonte: Acervo FUNDAC.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

A difusão do ecletismo (1900-1938).

Figura 89: Banco do Brasil
Fonte: Acervo FUNDAC

Figura 90: Usina elétrica
Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 91: Rua Senador Teodoro Pacheco no final da década de 1930.
Fonte: Acervo FUNDAC.

2.2 Agentes disseminadores do ecletismo: engenheiros atuantes na cidade.

Nas primeiras décadas do século XX Teresina começou a receber um contingente de engenheiros que se estabeleceriam na cidade, ao contrário do que acontecia no século anterior, quando estes frequentemente tinham uma curta estadia na capital apenas para avaliar e dar andamento às obras públicas. Vemos, nesse momento, o surgimento dos primeiros escritórios e construtoras especializadas e, nesse sentido, a propaganda no “Almanak Administrativo, Comercial e Industrial do Rio de Janeiro” do ano de 1938 (Figura 92) nos mostra alguns atuantes em Teresina nesse período.

Figura 92: Propaganda de engenheiros atuantes em Teresina no ano de 1938.

Fonte: ALMANAK ADMINISTRATIVO, COMERCIAL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO, 1938.

Na busca por maiores informações sobre esses nomes e suas obras, encontramos, majoritariamente, registros parcos e vagos. Dentre eles, registramos uma mais larga atuação de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves neste período, por isso sua trajetória será descrita de forma mais aprofundada no item a seguir; e uma grande quantidade de obras de Cícero Ferraz de Souza Martins na cidade especialmente a partir da década de 1940, detalhada no capítulo três, assim como a atuação de Luis Pires Chaves na determinação das características das reformas urbanísticas da cidade no mesmo período.

Não encontramos registros da atuação, da formação e das obras de Antônio Cavalcanti Vieira da Cunha, José João Neves Rodrigues, Olavo Nogueira, Ramiro Baptista e Domingos Fortes Castello Branco, enquanto Raymundo de Arêa Leão (1894-19??), formado pela Universidade Politécnica do Rio de Janeiro, destacou-se pela sua atuação como deputado federal e senador da república.

2.2.1 Luís Mendes Ribeiro Gonçalves

Filho de Elesbão Ribeiro Gonçalves e Amália Mendes Gonçalves, Luís Mendes Ribeiro Gonçalves (Figura 93) além de engenheiro, foi professor, geógrafo, político, jornalista, estudioso de sociologia, escritor e crítico literário, atributos que, ao exercer com maestria, fizeram dele um dos grandes intelectuais do Piauí e um grande nome na realização de obras neste estado.

Figura 93: Luís Mendes Ribeiro Gonçalves
Fonte: KRUEL, 2010.

Luís Mendes Ribeiro Gonçalves nasceu em sete de fevereiro de 1895 na cidade de Amarante³⁶, mas ainda jovem mudou-se para Teresina, onde estudou nas melhores escolas da capital e sempre se destacou entre os alunos da turma. No ano de 1911 deixou o Piauí para estudar em Salvador, onde cursaria Medicina, objetivo do qual desistiu muito rápido para cursar Geografia e Engenharia, que concluiu, respectivamente, em 1914 e 1916. Tendo se destacado bastante durante o curso,

³⁶ Amarante é uma cidade situada no interior do Piauí, às margens do Rio Parnaíba, cerca de 150 quilômetros da capital Teresina.

recebeu convites vários para trabalhar na Bahia, no Maranhão e no Rio de Janeiro, mas todos foram recusados pelo desejo de regressar ao Piauí (KRUEL³⁷, 2010).

Ao voltar para o Piauí, Luís Mendes tornou-se engenheiro na construção da primeira estrada de rodagem do estado, e a partir daí passou a ocupar uma série de cargos públicos, sendo isto uma marca em toda a sua carreira. Foi secretário de Agricultura, Terras, Viação e Obras Públicas do Piauí, foi senador pelo estado duas vezes, e, ainda,

[...] ocupou os mais destacados cargos e funções: diretor geral do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DENOCS), membro vitalício do Conselho Diretor do Clube de Engenharia, secretário-geral do Departamento Nacional dos Correios e Telégrafos e membro do conselho Federal de Engenharia e Arquitetura. Foi figura de proa na construção da sede própria do Clube de Engenharia – Rio de Janeiro, que contou com o apoio do presidente Getúlio Vargas. Foi homenageado em Paris, com o título de sócio da Société des Eginiers de France (KRUEL, 2010).

Sendo sua carreira sempre fortemente marcada pela prestação de serviço público, foi natural que Luís Mendes Ribeiro Gonçalves fosse o responsável por diversas obras públicas na capital. Dessa forma, dentre as várias obras atribuídas a ele, destacam-se o prédio da Escola Normal de Teresina (1919-1924) (Figura 94), o

³⁷KernardKruel foi o organizador do livro *Cartas para A. Tito Filho*, onde estão reunidas uma série de cartas que Luís Mendes Ribeiro Gonçalves mandou ao amigo Arimatéia Tito Filho, quando, já na velhice, residia no Rio de Janeiro. As cartas tratam de assuntos variados, e em alguns momentos nos fornecem informações acerca do exercício da engenharia.

Grupo Escolar DemóstenesAvellino (início da década de 1920) (Figura 95) o Quartel General do 25ºBC (1925) (Figura 96), a reforma do Palácio de Karnak (1926) (Figura 97), o Clube dos Diários (1927)(Figura 98); e o Liceu Piauiense (1930-1937) (Figura 99) que são todos edifícios icônicos da cidade. Apesar de não termos encontrado imagens ou informações mais precisas, Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves destaca bastante em sua obra a realização do projeto e a participação na construção da sede da Diretoria de Agricultura, Terras, Viação e Obras Públicas: provavelmente por ter sido um edifício importante para a cidade, pela própria relevância do órgão e sua localização na paisagem urbana, ele faz recorrentes menções em sua produção literária.

Observando as imagens dos edifícios projetados pelo engenheiro, observamos o quanto a produção arquitetônica de Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves acompanhou as transformações que aconteceram, no decorrer do tempo, no tocante aos estilos arquitetônicos, pois suas obras transitaram entre o neoclássico, o ecletismo, o neocolonial e o *Art Déco*. À frente de importantes e icônicas obras públicas da capital, a construção desses prédios está estreitamente associada ao estabelecimento das tipologias arquitetônicas – especialmente do ecletismo - em Teresina, o que juntamente com as residências que construiu, fizeram dele um dos grandes difusores das tendências arquitetônicas na capital.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

A difusão do ecletismo (1900-1938).

Figura 94: Escola Normal de Teresina
Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 95: Grupo escolar DemosthenesAvellino.
Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 96: 25º Batalhão de Caçadores
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 97: Palácio de Karnak
Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 98: Clube dos Diários
Fonte: PATRIMÔNIOS PIAUIENSES, 2015.

Figura 99: Liceu Piauiense
Fonte: Acerco FUNDAC.

O edifício da Escola Normal de Teresina foi o primeiro de grande porte e importância construído na capital pelo engenheiro. Sobre a autoria dessa obra, ele próprio diz, citado por Krue, que

Recordo-me haver lido, não me lembro onde, mas em nota de origem piauiense, que o Mestre Antônio Marvão fora o construtor do edifício da antiga Escola Normal, à Praça Deodoro da Fonseca. O equívoco, para os coetâneos da edificação, é profundamente chocante, mas está escrito e é o que fica, como diziam os latinos [...] Quando, no começo da vida profissional, tive de trabalhar na capital do Estado, aí encontrei apenas dois pedreiros em condições de ler, menos mal, a planta de uma construção. Um, o citado Marvão; o outro, o mestre Frederico. Aproveitei este nos reparos das fundações, em recalque, da parede ocidental da Delegacia Fiscal, e aquele na construção da antiga Diretoria de Agricultura, Terras, Viação e Obras Públicas. [...] Marvão, repito, sem querer diminuí-lo, de forma alguma foi o construtor da Escola Normal. Nem, mesmo, admitindo ao verbo construir o estrito significado de *fazer materialmente*, com as próprias mãos. [...] Fui eu, em verdade, quem a concebeu, desenhou, calculou, dirigiu a construção da primeira pedra dos alicerces à última telha da cobertura. O trabalho, em realidade, não é tão simples quanto possa parecer, após a construção pronta (KRUE, 2010, p. 84).

O prédio da Escola Normal foi implantado em uma área nobre e de forma a valorizar sua visibilidade, em uma das laterais da Praça Marechal Deodoro da Fonseca, o mesmo local onde há algumas décadas teria iniciado-se a cidade e onde foram construídos seus mais importantes prédios. Sobre a definição das características da Escola Normal, o próprio engenheiro diz, citado por Krue, que

Saído recentemente da Escola, entendi de fixar-me no estilo neoclássico, escolhendo a ordem jônica sobre embasamento *rediculatum*. Estabelecida a altura do pé direito do andar nobre, determinei o módulo e, em função deste elemento, o entablamento arquitrave, fuso e coruja; as colunas e as suas três partes: base, fuste e capitel e mais o galbo e a saliência das paredes. Além disso, defini e dimensionei o vigamento dos assoalhos, a estrutura do teto, a escadaria principal. Importa não esquecer que cada moldura, cada filete tem sua altura e saliência determinada em decorrência do módulo (KRUEL, 2010, p. 85).

A riqueza e abundância de detalhes e de elementos decorativos é marcante no prédio da Escola Normal. Apesar de ter privilegiado o uso de elementos da ordem jônica (Figura 08), o engenheiro também empregou alguns elementos remetentes à ordem toscana, como na porta principal do edifício (Figura 09). A platibanda é decorada com balaustradas, e marcada por um frontão triangular decorado internamente por ornatos denteados. Apresenta um entablamento completo (Figura 10), com cornija de molduras denteadas e friso de óvalos.

Figura 100: Elementos de ordem jônica
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 101: Elementos de ordem toscana
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 102: Entablamento
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

As aberturas da edificação são dispostas de maneira ritmada, apresentando duas configurações. A primeira delas se repete quatro vezes na fachada da edificação, em dois módulos de duas janelas, em vidro e madeira, encimada por um frontão triangular apoiado em consolos decorados em folhagens, guarda corpo em balaustradas com gárgula em forma de cabeça de leão no centro da parte inferior do mesmo (Figura 103). O segundo tipo de janelas (Figura 104), também em madeira e vidro, repete-se oito vezes na fachada, em módulos de quatro janelas. Com ornatos diferentes das primeiras, apresentam moldura em arco abatido, com fecho decorado em folhas e apoiado em pilastras de ordem jônica.

Figura 103: Janelas da Escola Normal (1)

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 104: Janelas da Escola Normal (2)

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

A partir da apreensão das características do edifício da Escola Normal, podemos perceber o quanto sua erudição foi determinante em toda a sua obra. Ao contrário de muitos edifícios construídos até então em Teresina, neste existia uma preocupação que se estendia desde a solidez da edificação até os detalhes decorativos, o que demonstra que o engenheiro dominava com grande competência o exercício da profissão e trouxe para Teresina um saber fazer em consonância com o que de melhor se praticava nas grandes cidades brasileiras da época.

Na sede do 25º Batalhão de Caçadores (Figura 13) o engenheiro adotou a tipologia eclética e estabelece relações claras com as características próprias das

fortificações, especialmente através do emprego dos elementos decorativos, a partir dos quais busca construir uma edificação com aparência pesada e sólida. Diante desse exemplo, percebemos a recorrência de Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves em buscar, geralmente, forma e tipologia que se associassem à função da edificação.

Figura 105: Sede do 25º Batalhão de Caçadores. Data imprecisa.

Fonte: Acervo CAB.

O prédio é formado por seis blocos, possui na cobertura de cinco destes grandes telhados aparentes de quatro águas, coroados por agulhas, sendo apenas o telhado do módulo central ocultado por uma platibanda dentilhada, remetendo aos

antigos fortes e castelos, e decorada com os símbolos do batalhão. Arrematando a cobertura, cimalha com bossagens. Complementando as características de tal edificação, todos os blocos têm na totalidade de sua extensão a decoração com frisos, e, No tocante às aberturas, as janelas do segundo pavimento são todas retangulares, de abrir, em madeira, com persianas na metade inferior e almofadas em vidro na metade superior. As janelas do pavimento térreo possuem bandeiras em vidro em forma de arco, e, assim como as anteriores, persianas na metade inferior e almofadas em vidro na metade superior.

Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves foi o responsável, também, pelo projeto de reforma do Palácio de Karnak, que passou de chácara para o palácio do governo a partir de um projeto desenvolvido por ele, no qual imprimiu, mais uma vez, feições neoclássicas à edificação. Assim como na Escola Normal, existiu uma preocupação com as características plásticas do edifício, com certa rigidez no uso das características das ordens e dos elementos decorativos. Para além das características projetadas para a edificação, percebemos uma busca em alinhar o Piauí ao que acontecia no restante do Brasil, ao conferir à sede do governo características neoclássicas.

No Palácio de Karnak (Figura 14), apesar de também ter adotado um estilo neoclássico, o fez de maneira distinta do prédio anterior – com uma menor quantidade de ornamentos, mas reconhecemos semelhanças em alguns aspectos, como emprego da ordem jônica como principal elemento decorativo.

Figura 106: Palácio de Karnak, data imprecisa.
Fonte: Acervo FUNDAC.

Assim como no edifício da Escola Normal, há, no Palácio de Karnak, um entablamento completo, com frisos também decorados com óvalos e dentículos, e platibanda lisa. No centro há um frontão triangular também decorado por frisos lisos, apoiado em colunata de ordem jônica, com um brasão do governo do estado no centro. As janelas (Figura 107) muito se assemelham as da escola normal, e se apresentam dispostas em dois módulos de duas janelas no decorrer da fachada principal. Em madeira e vidro, são encimadas por frontão triangular com frisos lisos, apoiado em consolos nas extremidades laterais, com guarda corpo em balaustrada. No Palácio de Karnak, a principal decoração das portas se dá pelo trabalho de marcenaria, com ornamentos curvos. Apresentam moldura em arco abatido, com fecho decorado em folhas e apoiado em pilastras de ordem toscana (Figura 108).

Figura 107: Janela do Palácio de Karnak.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 108: Portas do Palácio de Karnak.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

A sede da Sociedade Recreativa Club dos Diários foi inaugurada em 1927, no final da década marcada pela fundação de clubes na cidade, onde aconteceram animados bailes carnavalescos por toda a década e festas para sócios e convidados (QUEIROZ, 2008). No prédio sede do Clube dos Diários percebemos mais uma vez o emprego da tipologia eclética, só que, dessa vez, com características distantes da edificação eclética anterior, com a abundância de elementos decorativos, que remetem ao clássico e o emprego de formas mais leves.

Na sede do Clube dos Diários, o engenheiro optou por construir uma edificação com o telhado completamente aparente – que o aproxima das características do Grupo Escolar Demóstenes Avelino, com um volume único abrigando toda a edificação. Na área que abriga a entrada principal do prédio (Figura 17) são

encontrados mais uma vez decorações que remetem ao clássico, dessa vez, com adornos remetendo à ordem coríntia; e entablamento que repete as características encontradas no prédio da Escola Normal. As paredes são decoradas com frisos lineares que se associam com as molduras das portas e janelas. No interior, a decoração concentra-se principalmente no forro em madeira decorado com motivos florais (Figura 110).

Figura 109: Fachada principal da sede do Clube dos Diários.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 110: Interior da sede do Clube dos Diários

Fonte: PATRIMÔNIOS PIAUIENSES, 2015.

Construído quase uma década depois, no prédio do Liceu Piauiense, vemos mais uma vez o pioneirismo na obra de Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, a adoção da tipologia *art déco*. Tal linguagem expressou-se no Brasil principalmente em projetos que buscavam reproduzir uma noção de modernidade atrelada a programas novos (CORREIA, 2010), e no Piauí, como parte desse contexto, alguns prédios eram

erguidos como símbolos da nova era, como o edifício dos Correios e Telegráfos (NASCIMENTO, 2002), que apesar de ter sido inaugurado antes do edifício do Liceu Piauiense, teve sua construção contemporânea a este. Vemos no Liceu Piauiense uma composição da fachada marcada pelo jogo de formas geométricas de forma simétrica e hierárquica. Nos interiores, como se pode perceber através das Figuras Figura 111Figura 112, foram empregados elementos decorativos florais, que podem se vincular a uma influência do art-nouveau, com temas da flora e como também elementos relacionados à linguagem clássica. A estrutura do edifício foi toda executada em concreto armado.

Figura 111: Escadaria do Liceu Piauiense
Fonte: LIRA e MOURA, 2005.

Figura 112: Detalhes da parede do auditório do Liceu Piauiense.
Fonte: LIRA e MOURA, 2005.

Mediante essa vasta produção de obras públicas, identificamos poucas residências construídas ou projetadas por Luis Mendes Ribeiro Gonçalves em Teresina, sendoque algumas foram demolidas e assim não alcançamos registros. Dessa forma, destacamos como representativas de sua obra residencial a Casa do Dr. Eurípedes Aguiar (

Figura 113), construída no início da década de 1920, e sua residência na Avenida Frei Serafim (Figura 114).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

A difusão do ecletismo (1900-1938).

Figura 113: Residência do Dr. Eurípedes de Aguiar
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 114: Residência do engenheiro Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, na Avenida Frei Serafim.

O pioneirismo e as características das obras de Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves podem ser associados a uma série de fatores, que se estende desde o seu entendimento da função social do engenheiro até o contato e conhecimento da produção de grandes arquitetos.

Na extensa produção literária deste engenheiro, encontramos um texto no qual falava do arquiteto Le Corbusier, onde demonstra um conhecimento que não ficava apenas restrito à suas características e obras arquitetônicas, mas também sua biografia, sua trajetória acadêmica, sua produção literária (GONÇALVES, 1980). Apesar de não identificarmos com clareza a influência da obra de Le Corbusier na obra do engenheiro Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, o conhecimento tão

aprofundando de tal arquiteto demonstra o interesse deste pela questão da arquitetura contemporânea, o que seria uma possível justificativa para uma busca de soluções arquitetônicas usuais no período em que sua obra se insere, contribuindo para em Teresina uma arquitetura condizente com o seu tempo. Percebemos o interesse pela arquitetura e pela arte – quando não em primeiro plano – nas entrelinhas de toda a obra literária de Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves. Essa questão ganha corpo quando Kruehl (2010, p.11) demonstra o interesse de Luiz Mendes pela arquitetura desde chegou, formado, ao Piauí, ao encontrar o arquiteto Alfredo Modrack

Ribeiro, nomeado, seguiu incontinenti para a região, onde encontra, já fazendo parte da construção da estrada, a figura ilustre do Dr. Alfredo Modrack, alemão de nascimento, diplomado pela Universidade de Zurich, e, que fazia anos, vinha trabalhando no município de Oeiras [...] A respeito desse assunto, ou da figura exponencial de Alfredo Modrack, certa vez, em conversa particular comigo, Ribeiro disse-me que viu projetos e desenhos admiráveis, elaborados por Modrack, e deles destacava-se a maquete de uma ponte em rio da estrada Floriano-Oeiras, milimetrada à mão e com tanta perícia, que causaria entusiasmo a um engenheiro que convivesse com regras e instrumentos específicos à profissão. Ribeiro – dizia-me – “até hoje guardo com reverência a planta da ponte modelada em milímetros que foram traçadas à mão, por Modrack”.

Todos os aspectos e características acima reunidos fizeram de Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves um nome de grande importância na arquitetura e na engenharia do estado, e especialmente, a partir principalmente das suas obras públicas, ícones da arquitetura da cidade, fizeram deste um grande difusor das tipologias arquitetônicas – especialmente o ecletismo – na cidade de Teresina, onde praticou uma arquitetura com fortes raízes acadêmicas e baseadas em uma sólida erudição que adquiriu ao longo da vida.

2.3 A arquitetura residencial em Teresina (1900-1938).

Entre os anos de 1900 e 1938, Teresina consolida, definitivamente, a sua área central com edificações predominantemente ecléticas, em sua grande maioria residências, sendo, portanto numericamente superiores às demais tipologias, apresentavam-se como parte importante desse contexto, como mostram as Figura 115 e Figura 116. Nesse período sofreram significativas mudanças, não só em relação à herança do período anterior, mas se mostraram imbuídas de intensas transformações fortemente inspiradas pelo ecletismo. A fim de apreender as características, mudanças e permanências sofridas por estas edificações, utilizaremos como exemplo diversas residências construídas nesse intervalo, especificamente o exemplo das edificações apresentadas a seguir (Figura 117):

Figura 115: Trecho da Rua Senador Teodoro Pacheco, onde vê-se majoritariamente residências com características ecléticas.

Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 116: Trecho da Rua 7 de setembro, em 1937, ladeada por residências com características ecléticas.

Fonte: MONTEIRO, 1937.

Figura 117: Linha do tempo das principais edificações analisadas do capítulo.
Fonte: Produzido por A. C. Moreira

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital
nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Passados quase cinquenta anos da fundação da cidade de Teresina, praticamente todo o seu núcleo central, que constitui a área de ocupação inicial encontrava-se ocupado. Dessa forma, as residências construídas entre o início do século XIX e o fim da década de 1930 ocuparam lotes já adjacentes às quadras abrangidas pelo plano inicial, como mostra o mapa a seguir (Figura 118), e constituíram uma paisagem, de certa forma, diferente da que se apresentava na região mais antiga da cidade.

Figura 118: Representação do Perímetro Urbano de Teresina
Fonte: Resende, 2013.
Redesenhado pela autora.

○ primeiro aspecto que podemos destacar na análise destas residências é a implantação. Reis Filho (1970, p. 43), ao falar de maneira geral do período compreendido entre os anos de 1850 e 1900, diz que nas cidades brasileiras,

Com a decadência do trabalho escravo e com o início da imigração europeia, desenvolveu-se o trabalho remunerado e aperfeiçoaram-se as técnicas construtivas. As cidades e as residências são dotadas de serviços de água e esgoto, valendo-se de equipamentos importados. Surgem nessa época as casas urbanas com novos esquemas de implantação, afastados dos vizinhos e com jardins laterais.

Em virtude de diversos fatores socioeconômicos já apresentados, os serviços como água e luz só foram implantados em Teresina – ainda que de maneira precária – nas primeiras décadas do século XX. Assim como a navegação fluvial, que permitiu trocas e contatos com o exterior e as outras partes do estado, também intensificou-se apenas nesse período. Isso refletiu fortemente na arquitetura residencial produzida na cidade e ao contrapor a citação de Reis Filho com a realidade local, percebemos que esse “novo esquema de implantação” só passou a estar presente de maneira significativa na capital a partir do início do século XX, quando a descrição do autor adéqua-se em sua totalidade à maioria das residências assinaladas, mostrando total alinhamento às transformações:

As primeiras transformações verificadas então nas soluções de implantação ligavam-se aos esforços de libertação das construções em relação aos limites dos lotes. O esquema consistia em recuar o edifício dos limites laterais, conservando-o frequentemente sobre o alinhamento da via pública. Comumente o recuo era de apenas um dos lados; do outro, quando existia, reduzia-se ao mínimo. (REIS FILHO, 1970, p. 44).

As figuras a seguir, relativas a implantação de residências construídas em Teresina na segunda década do século XX, ilustram essa relação, ao apresentar duas configurações: a primeira, com entrada recuada e um estreito corredor na outra lateral; e a segunda, já com um distanciamento significativo dos limites laterais do lote (Figura 119Figura 120).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital
nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 119: Implantação da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar³⁸

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 120: Implantação da casa da Dona Carlotinha³⁹.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

³⁸ Eurípedes Clementino de Aguiar foi uma importante figura na história do Piauí, como médico e governador do estado. O artigo "Casa Eurípedes de Aguiar: ecletismo, preservação e memória na cidade de Teresina-Pi.", de nossa autoria, publicado nos anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo: arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva apresenta uma análise completa desta edificação.

³⁹ Carlota de Moraes Britto Mello, mais conhecida como Dona Carlotinha, nasceu em Piracuruca, a 03 de junho de 1896, e faleceu em Teresina, em 04 de novembro de 1989. Foi casada com Anísio Britto de Mello, que dentre tantas importantes funções, além de cirurgião dentista foi um importante historiador do estado, sócio fundador e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí e membro de várias entidades culturais brasileiras.

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Mas apesar da clara tendência no período de se construir preservando uma distância mesmo que mínima pelo menos uma das laterais do lote, verificamos a existência de permanências, como é o caso da residência da Rua Desembargador Freitas, 1057⁴⁰, construída nos últimos anos da primeira década do século XX, sem recuos frontal e laterais, como mostra a Figura 121.

Figura 121: Implantação da residência da Rua Desembargador Freitas, Nº 1057.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira. Desenhada pela autora.

Apesar de mais frequentes na cidade, não foram só as residências menores e mais simples que apresentaram a implantação mais arraigada à tradição colonial. Nossos levantamentos indicaram também até a existência de sobrados com implantação semelhante, como é o caso da imponente residência do Coronel Luís Ferraz (Figura 122), sem dúvida uma edificação muito sofisticada, que apresenta

⁴⁰ Não tivemos acesso ao proprietário original e atual do imóvel, que no ano de 1998 pertencia a Geraldo Magela Villa Nova Monteiro.

apenas um pequeno recuo em sua esquina, dando destaque à entrada principal, enquanto as laterais permaneceram presas aos limites do lote.

Figura 122: Sobrado do Coronel Luís Ferraz.

Fonte: Acervo CAB.

Em número menor, encontramos residências – especialmente os sobrados de maiores dimensões - construídas ainda nas décadas de 1920 e 1930 com implantação distante do que era mais corriqueiro na cidade, desprendendo-se totalmente dos limites do lote, como é o caso do sobrado do Sr. Antônio Ferraz⁴¹ e do sobrado da família Silveira (Figura 123). Isso fez com que a cidade constituísse um quadro de certa forma heterogêneo, adiantando uma tendência que se

⁴¹Antônio Leôncio Burlamaqui Ferraz (1875-1933) foi um importante comerciante piauiense, que também teve expressão na política local.

confirmaria na década seguinte, além de demonstrar o alinhamento das elites locais com o que acontecia nos grandes centros do país.

Figura 123: Sobrado da família Silveira.

Fonte: ARAÚJO; MENDES; MOURA, 2015

Um fato determinante na definição das características das residências construídas nesse período foi a promulgação do Código de Posturas de 1912, em substituição ao anterior, de 1905. O Código de 1912 trouxe novidades para as edificações construídas no perímetro urbano da cidade, e sobre a implantação, esse código determinou que

§ 3º Os prédios construídos ou reconstruídos nos ângulos das ruas e praças compreendidos os muros, terão uma terceira face, com o desenvolvimento no mínimo de dois metros.

§ 4º As casas construídas fora do alinhamento da rua devem ter neste muro um gradil, de bela aparência, e deixando uma área

ajardinada de, pelo menos três metros de largura, entre o muro e a casa. Espaço igual devem ter, no mínimo, as casas entre si, quando separadas umas das outras, ou dos muros laterais (PIAUHY, 1912, p. 17).

O quarto parágrafo do novo código deixa perceber a inexistência explícita de quaisquer determinações acerca da obrigatoriedade de recuos e a clara possibilidade de construir nos limites dos lotes, como era de praxe. Essa constatação nos leva a ver a implantação com recuos na região central de Teresina como uma tentativa de acompanhar os padrões dos centros urbanos de outras regiões brasileiras e mesmo do Piauí, e não propriamente de acompanhar a legislação vigente, uma vez que as permanências do antigo padrão de implantação, ainda que amparadas pela lei, com o passar dos anos aconteciam em menor número.

O terceiro parágrafo é uma resposta diretamente relacionada ao desenvolvimento da cidade: a difusão do automóvel exigia a necessidade de assegurar uma melhor visibilidade das vias e acreditava-se que a existência da terceira aresta na esquina seria a solução adequada, desse modo, ainda se conservam edificações com esta característica em alguns pontos da região central da cidade, como mostra a Figura 124. Mais do que uma determinação do Código de Posturas de 1912, tornou-se corriqueiro construir nas esquinas arestas chanfradas, mesmo em situações em que

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

não se aplicava a lei. A casa da Dona Carlotinha ilustra essa afirmação (Figura 125).

Figura 124: Residência com esquina chanfrada.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 125: Esquina chanfrada da casa da Dona Carlotinha.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Ainda sobre o quarto artigo do Código de Posturas de 1912, vemos, pela primeira vez na legislação, a exigência de jardins, elementos essenciais no embelezamento da cidade. Os jardins ganharam espaço na arquitetura residencial com a ascensão do ecletismo, na medida em que ofereciam às residências amplas possibilidades de arejamento e iluminação, até então desconhecidas nas tradições construtivas do Brasil (REIS FILHO, 1970). Além de tornar essas residências mais salubres, bonitas, confortáveis e proporcioná-las mais privacidade, os jardins tornaram-se partes importantes e valorizadas nessas edificações, a exemplo da residência da Dona Elvina Martins⁴². Ao ser questionado sobre esse espaço, seu neto Augusto Martins⁴³ deixa bem clara essa relação:

O jardim da minha avó era uma coisa belíssima. Cheio de helicônias, fica, sagu [...] umas mangas rosas maravilhosas [...] O jardim era o espaço mais importante da casa, a parte que ela mais valorizava (Martins, 2015).

Além das exigências relativas à implantação das edificações, o Código de Posturas de 1912 determinava ainda como condições indispensáveis para as edificações na zona urbana que

⁴²Elvina Martins é mãe do renomado engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins.

⁴³ Augusto Martins, engenheiro residente no Rio de Janeiro, é neto da Dona Elvina Martins e um dos dez filhos do engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins. Enquanto sua avó era viva, vivenciou muito o cotidiano da residência e atualmente é o principal responsável pela sua manutenção e preservação.

§ 1º Nenhum prédio poderá ter no primeiro pavimento altura inferior a cinco metros contados da soleira da porta principal até a linha da base dos frechais; nos pavimentos superiores, essa altura poderá ir decrescendo de acordo com o destino do edifício.

§ 2º O pavimento térreo deverá ter, pelo menos, vinte centímetros acima do solo natural e será a base tomada para medir – se a altura da soleira de que trata o antecedente; os porões, se houver, deverão ter, para serem utilizados, pelo menos 1,40 m de altura e ser cimentados, ladrilhados ou isolados com uma camada suficiente de matéria impermeável; e, em qualquer caso, deverão ser saneados por meio de qualquer matéria desinfetante e abertos com mezaninos à renovação suficiente de ar.

[...]

§ 5º São proibidas as goteiras salientes nos alinhamentos das ruas e praças, devendo os prédios terminar com cimalhas ou platibandas munidas de calhas destinadas ao escoamento das águas pluviais, que serão conduzidas por canos de metal, de grés ou de cimento armado, passando por baixo dos passeios, sempre que isto for possível.

§ 6º Todos os compartimentos devem ser arejados e iluminados por aberturas, portas e janelas deitando para a rua, área ou pátio. As dimensões mínimas das portas serão no mínimo de 2,50m de altura e 1,20 de largura, e os das janelas de 2 metros de altura e 1,10m de largura (PIAUHY, 1912, p. 18).

Todas essas determinações, associadas às influências externas e a um contexto socioeconômico e cultural distinto do visto no século anterior geraram uma série de transformações nas edificações residenciais construídas na cidade no período de 1900 a 1938.

A exigência de que todos os compartimentos fossem arejados e iluminados por meio de portas e janelas deitando para a rua, área ou pátio inviabilizou as construções com alcovas, até então comuns nas residências, colocando em desuso a planta típica do começo da ocupação urbana, ainda praticada na cidade até o início do século XX, como é o caso da residência da Rua Desembargador Freitas, 1057 (Figura 126).

Figura 126: Planta Baixa da residência da Rua Desembargador Freitas, 1057.

Fonte: PMT, 1998.Redesenhada pela autora.

Mas, ainda tratando dessas edificações com a planta ainda presa à uma conformação relaciona à arquitetura tradicional, pela sua ocorrência ainda no começo do século XX, foi possível encontrar nessas edificações os arcos ou portas que separavam o corredor entre parte social e parte íntima, como abordado no

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital
nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

capítulo anterior e exemplificado pelas imagens a seguir (Figura 127, Figura 128 e Figura 129).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 127: Casa do Sr. Valter Alencar
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 128: Arco interno no corredor da residência do Sr. Valter Alencar
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 129: Porta interna no corredor, formando vestíbulo em residência de Teresina .
Fonte: SILVA FILHO, 2007.

Para atender os códigos de posturas foram diversas as soluções adotadas nas plantas das residências pesquisadas. Nos lotes maiores, aconteceu, com frequência, o afastamento das duas laterais, como é o caso da Casa da Dona Carlotinha (Figura 130), e, nos menores, lançou-se mão dos poços de ventilação, como descreve Reis Filho (1970, p. 46-48) e exemplificado através da casa do Sr. Alberoni Borges Lemos (Figura 131).

As residências menores não podiam contar com lotes laterais ajardinados para resolverem seus problemas de iluminação e arejamento. Apresentavam, então, pequenas entradas descobertas, com portões e escadas de ferro. Internamente, lançavam mão de poços de iluminação, aproveitando as facilidades de obtenção de calhas, condutores e manilhas, para controle das águas pluviais e para resolver o problema dos telhados complicados, decorrentes das novas soluções de plantas. Em todos os tipos, porém, suprimiam-se as alcovas, com evidentes vantagens higiênicas.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital
nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 130:
Planta baixa
esquemática da
residência da
Dona Carlotinha
Fonte: Acervo
SDU
Centro/Norte,
2010.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 131: Planta baixa esquemática da casa do Sr. Alberoni Borges Lemos
Fonte: ARRUDA; NOGUEIRA; PÁDUA, 2007. Conferida e redesenhado pela autora.

Ainda na planta da casa da Dona Carlotinha (Figura 130) e nas imagens a seguir, destacamos a existência da varanda nas duas laterais da casa, o que Sá (2002) relaciona a lembranças da casa de fazenda do período colonial, um forte traço da identidade cultural e arquitetônica brasileira. Homem, ao tratar dos palacetes paulistanos construídos entre o final do século XIX e início do século XX, tece uma descrição que em muito se adéqua à citada residência, que não foi o único exemplo encontrado no cenário local: Multiplicaram-se as varandas ao redor das casas [...] Houve maior integração da casa com os jardins por meio de escadas e do crescimento do número de envasaduras envidraçadas (HOMEM, 2010, p. 205).

Figura 132: Fachada lateral da casa da Dona Carlotinha, onde vê-se o gradil metálico da varanda e sua escada de acesso.

Fonte: Acervo pessoal A.C. Moreira

Figura 133: Lateral da casa da Dona Carlotinha, onde se vê os esguios pilares metálicos ainda sustentando a cobertura da varanda.

Fonte: Google Street View, 2015.

O emprego do ferro na varanda preconiza a larga difusão dos gradis metálicos, que torna-se mais evidente na cidade no último período aqui estudado. Sobre a difusão desses elementos, Paulo Santos (1977, p. 71) diz que

Produtos pré fabricados de ferro vão ganhando também a edificação (...) se acrescentam, do lado, avarandados, ora extensos, ora reduzidos [...] e sustentados por esguios colunetas de ferro fundido[...] De ferro fundido também eram igualmente as bem-lançadas escadas, retas ou curvas, de acesso ao jardim.

Outra mudança trazida pelo ecletismo para as residências que também aconteceu em Teresina foi a inserção de novos ambientes. Segundo Sá (2002), esta ficou

repleta de cômodos com funções específicas, sendo ideal a edificação onde não houvesse sobreposição de funções: quando mais luxuosa a casa, maior o número de cômodos destinados a práticas específicas. Esta relação pode ser percebida entre a casa do Sr. Alberoni Borges Lemos, apresentada na Figura 131, menor e com menos cômodos, e a casa do Dr. Eurípedes de Aguiar, que tem nesses novos compartimentos, como o escritório (Figura 134) e o quarto de costuras, os protagonistas da fala de sua filha, D.Genu Moraes⁴⁴, sobre a configuração da planta da residência:

Então foi construído da seguinte maneira: o quarto que chamavam alcova que era do morador principal Eurípedes Clementino de Aguiar e a sua mulher Dona Gracy, quarto dos filhos, o escritório de Doutor Eurípedes - o escritório, toda casa tinha um escritório, onde ele recebia os amigos, os políticos [...] Aqui a sala de jantar, ali o quarto de costura - a mamãe gostava muito de costurar - e essa parte aqui que foi posteriormente feita que era o quarto dos meus irmãos (MORAES, 2014).

⁴⁴ Alguns anos após a morte do pai, Dona Genu Moraes mudou-se para a residência e, mais do que proprietária, buscou preservar ao máximo suas características originais e tornou-se uma entusiasta da preservação do patrimônio local.

Figura 134: Escritório do Dr. Eurípedes de Aguiar.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Como um terceiro – e não menos importante – aspecto relacionado às transformações ocorridas na planta casa, têm-se a inserção do banheiro. Sobre isso, Homem (2010, p. 29) diz que

[...] a maior revolução na casa estaria por vir, na segunda metade do século passado {Século XIX}, quando a maioria das cidades passou a ser regularmente abastecida de água, possibilitando a vulgarização da água corrente nas residências. Ela chegou primeiro ao andar de baixo, depois aos superiores, e finalmente a cada apartamento. A industrialização dos canos galvanizados e do material impermeável, a fabricação da torneira, bem como

ainvenção do sifão e da privada, patenteada pelos ingleses, permitiram que a água corrente passasse da pia da cozinha ao lavabo e ao w.c. e, daí, ao banheiro. Ao mesmo tempo, eliminava-se o mau cheiro e canalizavam-se as águas servidas. O banho pôde passar de nômade a estável, e as peças apropriadas, de móveis a fixas.

Em uma realidade temporal distinta da apresentada por Homem (2010), Teresina só teve seu abastecimento de água encanada inaugurado no início do século XX, tornando-o acessível a apenas uma diminuta quantidade de famílias abastadas que habitava a área mais nobre da cidade e fazendo com que finalmente ocorresse a inserção do banheiro nas edificações. Lemos (1976), por exemplo, apresenta o projeto de uma residência construída na cidade de São Paulo, no ano de 1896, onde já existia banheiro em seu interior (Figura 135), enquanto a residência do Dr. Eurípedes Aguiar foi construída no ano de 1922 por uma família abastada na zona nobre da cidade sem banheiro em seu interior, construído apenas após alguns anos.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 135: Projeto de residência construída na Rua do Arouche, N° 05, DE 1896, São Paulo.
Fonte: LEMOS, 1976.

D. Genu Moraes descreve o avanço que isto representou para a família:

[...] era uma casa muito simples, como as casas aqui do Piauí. Não tinha nem banheiro dentro, o banheiro era lá no quintal, como eram as casas naquela época.[...] Aí depois mamãe fez ali um banheiro, mamãe era muito [...] tinha ideias, viajou, fez tudo de modo... Tinha ideias de progresso, construiu um banheiro bem aqui. Então deu um certo conforto a casa porque naquela época todo quarto de dormir tinha uma cadeira com um urinolentão aqui você vai ver lá na frente tem um chamado retreta a cadeira com urinol. Então as pessoas faziam xixi era no urinol de manhã os serviçais pegavam aqueles urinóis pegavam jogavam na sentina. Sentina era o banheiro da época. Não tinha água encanada né então era desse jeito (MORAES, 2014).

Figura 136: Urinol de um dos quartos da casa doDr. Eurípedes de Aguiar

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

A fala de Dona Genu Moraes, que modestamente se refere à residência da família, nos mostra o quanto essa mudança foi importante para que se estabelecessem maiores condições de conforto e higiene e o quanto isto estava associado às ideias de progresso. Na planta da casa do seu pai (Figura 136), vemos além das grandes dimensões que esse cômodo sempre apresentava (LEMOS, 1976, p. 87), a relação entre ele e a cozinha:

Desse modo, a casa brasileira entrou no Século XX ostentando esses cômodos necessariamente vinculados, grudados, inseparáveis; mesmo nas casas assobradadas, o banheiro era sempre no pavimento térreo, ao lado das panelas. Só com a popularização das lajes de concreto armado é que o banheiro passou a ficar justamente em cima da cozinha, garantindo a proximidade sempre econômica.

Figura 137: Planta baixa esquemática da casa do Dr. Eurípedes Aguiar
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Ainda tratando dos aspectos espaciais das residências construídas entre 1900 e 1938 em Teresina, vimos o surgimento dos primeiros palacetes na definição de Homem (2010, p. 14), que foram, em Teresina, muito expressivos nas décadas seguintes pela sua larga difusão na Avenida Frei Serafim:

Constituiu um tipo de casa unifamiliar, de um ou mais andares, com porão, ostentando apuro estilístico, afastada das divisas do lote, de preferência nos quatro lados, situada em meio a jardins, possuindo área de serviços e edículas nos fundos. Internamente, sua distribuição era feita através ou de um *hall* com escada social,

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

resultando na divisão da casa em três grandes zonas: estar, serviços e repouso.

A expressão máxima dessa categoria em Teresina foi o sobrado do Sr. Antônio Leôncio Ferraz (Figura 138), construído em 1925, cujas peças de bronze dos gradis, as ferragens dos portões e das sacadas foram fundidas no Rio de Janeiro, a cerâmica do piso vinda da Europa, a madeira do assoalho vinda do Pará. Desse modo, pelas suas dimensões, exuberância e qualidade construtiva, esta residência tornou-se um importante exemplar da arquitetura local.

Figura 138: Figura de época do sobrado da família Ferraz.
Fonte: Acervo FUNDAC.

Além de destacar-se pela sua exuberância frente as outras construções locais, o sobrado do Sr. Antônio Leôncio Ferraz também foi um expoente na cidade pela adoção de características próprias da arquitetura neocolonial, que viriam a ser difundidas na cidade no momento posterior.

Em relação a seus elementos estruturais e construtivos, as residências construídas de 1900 a 1938 em Teresina apresentaram mudanças e permanências em relação ao período de ocupação inicial de formação da cidade. Conforme observamos nos levantamentos realizados, em alguns exemplares se manteve o uso do sistema construtivo simples com embasamento em pedra argamassada, e, em outras, como na residência do Dr. Eurípedes de Aguiar, a pedra foi substituída por blocos de tijolos, o que se tornou mais frequente na época.

Figura 139: Porão da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar, onde vê-se o uso de tijolos em seu embasamento.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

De acordo com os levantamentos e leituras realizados, percebemos que a cobertura dessas edificações sofreu grandes mudanças nesse período. Conforme discutido no capítulo anterior, as residências construídas em Teresina nas primeiras décadas tinham a estrutura de cobertura feita em troncos de carnaúba e raramente eram usadas tesouras. No início do século ainda foi comum o uso de carnaúba nas estruturas dos telhados das residências, como na casa da Rua Desembargador Freitas, nº 1057, ou da residência da mesma rua, nº 1029 (Figura 140), conforme encontramos nos levantamentos realizados pela Prefeitura de Teresina na década

1990 (PMT, 1998). A partir das fachadas e plantas dessas edificações percebemos o quanto, mesmo construídas já no século XX, estavam atreladas ao padrão construtivo predominante ainda no século anterior.

Figura 140: Casa da Rua Desembargador Freitas, nº 1029.
Fonte: PMT, 1998. Editada pela autora.

Em contraponto ao exposto acima, as residências construídas a partir da década de 1910, que pudemos incluir em nosso levantamento, passaram a empregar majoritariamente em sua cobertura a madeira serrada em vez dos troncos de carnaúba, mas o uso da tesoura continuou sendo restrito, enquanto que o uso da telha capa canal se manteve. As imagens a seguir, mostram em detalhe a cobertura de edificações com os aspectos mencionados.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 141: Casa da Rua Areolino de Abreu, 1634.

Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 142: Vista interna da cobertura da casa da Rua Areolino de Abreu, 1634

Fonte: BRAGA; CARVALHO; SAMPAIO; VELOSO. 2010.

Figura 143: Casa da Rua Eliseu Martins, 1459.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 144: Vista interna da cobertura da casa da Rua Eliseu Martins, 1459.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Percebemos, nesse aspecto, certa distinção da cidade de Parnaíba, pois Melo (2012) apresenta residências com telhado estruturado em carnaúba construídas em 1904 – quando o uso desse material ainda era comum em Teresina – e demonstra a permanência deste em residências construídas por volta de 1940, quando em Teresina não era mais comum.

Além das exigências de novos materiais construtivos, o artigo de nº 28 do código de posturas de 1912 determinava a proibição de goteiras salientes nos alinhamentos de ruas e praças, devendo as coberturas dos prédios terminarem com cimalhas ou platibandas, que exigiam a instalação de calhas e canos destinados ao escoamento das águas pluviais. Tudo isso provocou um maior cuidado na construção de telhados, que por vezes tornaram-se bastante complexos, como o exemplo da casa do Dr. Eurípedes Aguiar (Figura 145), que muito se distância dos telhados em duas águas predominantes no período anterior. Homem (2010, p. 87) relaciona essas novas coberturas com as alterações espaciais da casa e as novas técnicas construtivas:

A alteração espacial concomitante à renovação da arquitetura deveu-se à introdução de técnicas construtivas. Os condutores de cobre ou as folhas-de-flandres possibilitavam telhados isolados e recortados e, com eles, a nova disposição final da construção.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital
nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 145: Esquema de cobertura da casa do Dr. Eurípedes Aguiar.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Além da alteração na forma de construí-los, a determinação da obrigatoriedade de cimalhas ou platibandas também contribuiu para modificar a paisagem urbana de Teresina: ao invés de ostentar grandes telhados, as residências passaram a apresentar uma enorme variedade de platibandas, cujas formas eram as mais diversas (Figura 146, Figura 147, Figura 148).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 146: Residências construídas em Teresina em meados do século XX, apresentando platibandas com formas variadas.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 147:
Platibanda ornamentada com elementos florais.
Fonte: DINIZ; CADDAH, 2005.

Figura 148:
Platibanda ornamentada balastrada.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Além da determinação relativa à cobertura das edificações, o Código de Posturas de 1912, como forma de garantir a higiene, o conforto e a salubridade das edificações, exigiu também que as construções tivessem pelo menos 20 centímetros de altura a partir do solo natural e, quando existissem os porões, que medissem pelo menos 1,40m e tivessem abertura para a renovação de ar. A partir dos

levantamentos realizados, observamos larga adesão a essa determinação, que teve como consequência a difusão do porão – especialmente o porão-alto –, até então raro nas edificações residenciais da cidade, cuja intrínseca relação deste com a higiene e a salubridade que se buscava propagar na cidade Correia (2004, p. 28) explica a seguir:

Uma outra alteração importante da planta ocorrida no Brasil – embora limitada praticamente às casas da classe média e alta – diz respeito à introdução de porões. Os porões foram um recurso para combater a umidade – afastando o piso do solo e garantindo uma circulação de ar entre eles – e um meio de proteger a intimidade do interior das casas da vista dos que circulam nas ruas.

(a) (b)

Figura 149: Residências com porão alto construídas em Teresina em meados da década de 1930.

Fonte: (a) Acervo pessoal A. C. Moreira; (b) Google Street View, 2015. Editada pela autora.

Mesmo diante da heterogeneidade própria da arquitetura eclética, algumas características se tornaram comuns nas residências da cidade. As ogivas, por exemplo, que foram elementos característicos nas fachadas, foram praticamente abolidas neste momento, dando espaço a vãos de formas variadas. Predominavam como elementos decorativos nas fachadas as molduras das janelas, os simulacros de pilastras e os ornatos nas platibandas, sendo que todos esses

tinham,notadamente, formas geométricas. Em menor número foram os ornatos florais e bossagens.

As paredes das fachadas das residências construídas neste período em Teresina eram, majoritariamente revestidas por reboco liso, e recorrentemente apresentavambarrado em pedra na altura do porão⁴⁵. Uma exceção a essa configuração que resistiu ao tempo, a "Casa dos Azulejos", que tornou-se emblemática na cidade por apresentar um barrado em azulejos cuja origem não foi possível identificar, mas guardam muita semelhança com os azulejos portugueses empregados em outros locais do país, como Recife e Rio de Janeiro. Em nossa pesquisa encontramos referências a apenas um único edifício com revestimento de azulejos na fachada, que Castello Branco Filho (1978) intitula de "Sobrado dos Azulejos Amarelos". Segundo este autor, foi construído em um terreno de esquina no cruzamento das ruas Bela e Boa Vista pelo fazendeiro José Felix Alves Pacheco, que fez vir de São Luís um mestre de obra para realizar o assentamento dos azulejos portugueses. Lamentavelmente o sobrado foi demolido no ano de 1969.

⁴⁵ Ver figuras 141 e 146.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 150: Imagens da fachada da “Casa dos Azulejos”.
Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 151: Barrado de azulejos da “Casa dos Azulejos”.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Outro aspecto que deve ser ressaltado, é o papel importante que engenheiros e mestres de obra tiveram na disseminação das características da arquitetura eclética em Teresina. Vemos nas primeiras décadas do século XX surgirem os primeiros projetos para residências, o que vai se tornar mais comum no período seguinte. Apesar da dificuldade em obter dados relativos à origem das edificações, como data de construção e autoria dos projetos, exemplificamos tal afirmação com a residência do Dr. Eurípedes de Aguiar, projetada pelo engenheiro Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves; e do palacete do Dr. Leôncio Ferraz, projetado por um arquiteto vindo da Áustria. A atuação desses profissionais na cidade pode ser vista como fruto de um período que teve início principalmente na virada do século, quando Souza (1918) mostra que houve um enaltecimento do papel do engenheiro no país e este era considerado o único profissional capaz de conduzir uma nação ao progresso.

Correia (2004, p. 44) confirma essa relação entre a difusão de projetos e modificações nas características das plantas:

Rapidamente difundidas entre as pessoas mais ricas – cujas casas eram frequentemente concebidas por engenheiros e arquitetos -, as modificações na concepção da planta e nas técnicas construtivas foram sendo progressivamente assimiladas por setores de classe média, seduzidos pelos argumentos higienistas, mais acessíveis aos valores do alojamento confortável e/ou constrangidos pelas determinações de leis e posturas municipais.

Verificamos, ainda nesse período, o início de uma tendência que se tornou comum em Teresina nas décadas seguintes: a repetição de padrões – casas com características extremamente semelhantes eram construídas em pontos distintos da cidade, como nos exemplos a seguir:

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 152: Casa da Rua Eliseu Martins, 1373.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 153: Casa da Rua Senador Teodoro Pacheco, 892.

Fonte: Google Maps, 2015. Editada pela autora.

Os elementos construtivos das residências construídas nesse período, empregados segundo as limitações técnicas, financeiras e climáticas, seguiram basicamente o que acontecia nas décadas anteriores. Encontramos a predominância de pisos como o ladrilho hidráulico com desenhos variados (Figura 154 e Figura 155) e tábuas ou tacos de madeira (Figura 156), que na casa do Sr. Alberoni Borges (Figura 157), ganharam novas formas o que representou uma inovação frente aos pisos usados anteriormente. Ratifica-se a preferência pelos pisos em madeira nas áreas sociais e, nas áreas molhadas, os ladrilhos, além da maior abundância do primeiro nas residências mais sofisticadas, como é o caso da residência do Sr. Eurípedes Aguiar.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 154: Piso em ladrilho hidráulico da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 155: Piso em ladrilho hidráulico da casa da Sr. Elvina Martins.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 156: Piso em tábuas de madeira claras e escuras da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Figura 157: Piso em tacos de madeira da casa do Sr. Alberoni Borges.

Fonte: ARRUDA; NOGUEIRA; PÁDUA, 2007.

Nas calçadas, apesar de não ser mais uma exigência do código de posturas vigente como era no anterior, a pedra foi largamente empregada. Na casa da Sr. Elvina Martins, por exemplo, foram utilizados placas de pedra de Piracuruca⁴⁶, uma opção barata e local para esse tipo de finalidade.

Figura 158: Pedra de Piracuruca na residência da Sra. Elvina Martins.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Assim como nas residências construídas no século XIX, vemos, no forro dessas edificações – ainda usado com restrições especialmente nas áreas sociais -, mais uma vez a recorrente opção por proporcionar melhor conforto térmico nos ambientes. O forro da sala na casa do Dr. Eurípedes Aguiar apresenta um quadro treliçado ao centro para proporcionar a saída de ar quente (Figura 159). No forro da residência do Sr. Benjamin Lima (Figura 159 e Figura 160) e do Sr. Valter Alencar (Figura 161) encontramos um discreto, porém primoroso trabalho decorativo com recortes na madeira para propiciar a ventilação natural. Isto evidencia a intenção de imprimir a essas residências a sofisticação estimulada e disseminada pelo ecletismo aliada à adoção de soluções ao clima.

⁴⁶ A pedra de Piracuruca é extraída na região da cidade de mesmo nome, situada a cerca de 180 quilômetros da capital. Apresenta um custo relativamente baixo, e é largamente usada até hoje como revestimento para áreas externas.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 159: Forro da residência do Dr. Eurípedes de Aguiar.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 160: Casa do Sr. Benjamin Lima
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 161: Forro decorado com recorte na madeira para ventilação natural da casa do Sr. Benjamim Lima.
Fonte: CARLOS; MIRANDA, 2007.

Figura 162: Forro trabalhado com recorte na madeira para ventilação natural da residência do Sr. Valter Alencar.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Melo (2012) nos apresenta forros de residências ecléticas da cidade de Parnaíba e Silva Filho (2007) de outras partes da província, que evidenciam que as soluções para promover o conforto térmico não eram exclusivas da capital, evidenciando que nesta reproduzia-se a continuidade de um saber fazer local.

Nas esquadrias repete-se a mesma busca pelo conforto térmico, proporcionando a ventilação sempre que desejada, o que fazia-se geralmente por meio do uso de venezianas. A iluminação dos ambientes era possibilitada pelo emprego de vidro em parte das janelas, que era vedada por uma segunda folha em madeira a fim de garantir a privacidade. Essas características são comentadas por Silva Filho (2007, p. 120) e vistas nas imagens a seguir (Figura 163):

Com o ecletismo, as esquadrias ganharam uma certa padronização, embora com diversidade de formas, predominando as janelas de dupla vedação, com as folhas externas de venezianas e vidro e as internas de almofadas baixas, justapostas em dobradiças de pino móvel e travadas com ferrolhos ou cremonas. As portas, igualmente de almofadas leves, e como as janelas, são providas de bandeiras de folhas fixas, ora de vidro, ora de madeira recortada.

(a)

(b)

(c)

Figura 163: (a) Janela da casa do Sr. Alberoni Borges; (b) Janela da casa do Sr. Eurípedes de Aguiar; (c) Janela da casa da Dona Elvina Martins.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Além da relação entre as esquadrias e os conceitos de conforto e de privacidade, percebemos mudanças em seus formatos frente às décadas anteriores. O ecletismo

trouxe consigo inúmeras possibilidades: acabou com a predominância dos arcos abatido e ogival; e originou uma variedade de formas inexistentes até então nas vergas das janelas, como mostram as figuras a seguir (Figura 164, Figura 165 e Figura 166).

Figura 164: Vista interna das janelas da fachada da residência do Sr. Benjamin Lima.
Fonte: Fonte: CARLOS; MIRANDA, 2007.

Figura 165: Vista externa das janelas da fachada de uma residência do centro de Teresina.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 166: Fachada de residência da região central de Teresina, onde vê-se suas portas e janela com vergas em arco flamígero.
Fonte: Google Street View, 2013. Editada pela autora.

A descrição de Melo (2012, p. 142) das vedações das residências ecléticas parnaíbanas evidencia a relação de semelhança com as teresinenses apresentadas acima:

Outro marco da arquitetura parnaibana foram as vedações, principalmente as janelas. Para fechar os vãos, os parnaibanos variaram, foram muitas opções, como janelas e portas com duas folhas, em madeira, almofadas, de calhas, com postigos, venezianas, com vidros inclusive coloridos, com painéis importados [...] Finalizando essas vedações, foram utilizados também vários tipos de verga, característica marcante de todo o ecletismo, variando desde as vergas retas, em arco pleno, até as vergas em arco ogival, recortadas ou em ferradura.

Apesar da abundância de elementos decorativos própria do ecletismo nas residências sofisticadas e luxuosas dos grandes centros, não encontramos nos levantamentos, nas entrevistas ou na bibliografia referências a pinturas ou quaisquer tipos de elementos decorativos que exigissem maior experiência técnica. Muito provavelmente isto tenha ocorrido devido à escassez desses profissionais na região, mantendo assim a prática que já era recorrente na cidade. Dessa forma, a decoração dessas edificações esteve fortemente associada aos objetos, ao mobiliário e demais peças de ornamentação, por exemplo. Lemos (1989, p. 46), ao falar desse aspecto da casa – especialmente na eclética – do século XIX, diz que

Aliás, toda casa, como já insinuamos, alterou-se em seu equipamento, passando a mostrar uma profusão de objetos puramente decorativos. Ganhou vaso de flores (antes só imaginados nos oratórios ou nas igrejas e cemitérios) caixinhas de música, relógios de mesa ou parede, espelhos de cristal na sala nobre, bibelôs de variadas origens, escarradeiras de porcelana, cadeiras de palhinha (as primeiras de Thonet) tapetes do oriente – enfim, conheceu uma ornamentação vitoriana às custas de estilos franceses a partir do neo-clássico de Napoleão. Os antigos despojados e vazios interiores da casa brasileira tornaram-se repletos de quinquilharias próprias de uma nova qualificação social. Alguém mesmo chegou a dizer que naquele tempo trocou-se o “útil pelo fútil”. Agora, as diferenças não mais eram quantitativas, tornaram-se qualitativas. Era a modernidade do Império, da nova nação americana.

Como já afirmado anteriormente, em Teresina, em virtude do seu contexto social e econômico, a configuração urbana só alcançou condições para que a arquitetura eclética fosse a tipologia vigente no início do Século XX, sendo grande parte das características descritas por Lemos aplicáveis às residências construídas em Teresina somente a partir do início do século XX. O mobiliário ganhou novos sentidos, devendo não ser somente funcional, mas traduzir o status e o requinte do seu proprietário, e expressar o gosto individual do mesmo. Ao falar do mobiliário da casa do seu pai (Figura 167, Figura 168Figura 169), Dona Genu Moraes deixa clara essa conotação:

Sem nenhuma dúvida os móveis são especiais! [...] Os móveis da mamãe são muito bonitos, são Leandro Martins⁴⁷, que era a maior casa do Rio de Janeiro, ela comprou esses móveis no Rio e trouxe, cristal Bizotê... Aquele ali da cristaleira [...]. Então os móveis da mamãe são Leandro Martins e toda vida ela teve muito cuidado [...] (MORAES, 2014).

⁴⁷ Leandro Martins, citada por Dona Genu Moraes era uma tradicional loja de móveis, tapetes e decoração de interiores situada no Centro do Rio de Janeiro, no princípio do século, famosa pela técnica de efeitos e desenhos conseguidos pela alternância de madeiras nobres (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2010; BONI, 2010).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 167:
Cama do
quarto do
casal da
casa do Dr.
Eurípedes
de Aguiar.
Fonte:
Acervo
pessoal A.
C. Moreira

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 168: Cristaleira da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 169: Piano da casa do Dr. Eurípedes de Aguiar

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

Apesar da fala de Dona Genu Moraes não deixar claro se sua mãe empreendeu o esforço de ir até o Rio de Janeiro escolher os móveis de sua residência na casa Leandro Martins, verificamos a existência de um revendedor desses produtos na cidade, como mostra a figura a seguir, o que demonstra a existência de um público requintado e sofisticado na cidade, e certamente a preferência por esses móveis não ficou restrita à residência da família citada. Também Silva Filho (2007) relata ainda

a ocorrência de outros fornecedores: *J J Kohn, Westin-Austria e Jacob & Josef Kohn* – *Actien-Gesellschaft Wien* em Teresina, Campo Maior, Parnaíba e Floriano.

Figura 170: Propaganda de venda de móveis Leandro Martins.
Fonte: O APÓSTOLO, 1910.

Apesar de não termos conseguido verificar a origem dos móveis do palacete do Dr. Leôncio Ferraz, percebemos a partir do mobiliário da sala de jantar, que conseguiu traduzir o propósito de evidenciar o cuidado com a edificação, o status e o requinte de seus proprietários.

Figura 171: Figura de época de peças do mobiliário da sala de jantar do sobrado do Sr. Antônio Lêoncio Ferraz, onde se vê também o piso de madeira em tábuas claras e escuras empregado.

Fonte: Acervo fotográfico Nieta Ferraz. MATOS, 2011.

Reis Filho (1970) nos mostra que desde as maiores residências até as edificações mais simples houve uma clara intenção em aderir às características do ecletismo, que uniu e traduziu através da arquitetura o desejo de uma parcela da população que buscava evidenciar seu progresso material, usufruir do conforto, mostrar-se civilizada. Em Teresina isso aconteceu tardiamente. Entre os anos de 1900 e 1938 vimos o surgimento de desde grandes e luxuosas e até pequenas e simples residências ecléticas, como comprovam as imagens a seguir (Figura 172 e Figura 173):

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 172: Residência construída em Teresina na década de 1920

Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 173: Residência construída em Teresina na década de 1930

Fonte: Google Maps, 2012. Editada pela autora.

Vemos assim que as residências construídas entre os anos de 1900 e 1938 foram o resultado da associação entre o desejo de construir edificações belas e sofisticadas e do contexto social e econômico existente. Como produto disso, estabeleceu-se na cidade uma arquitetura eclética que, com mudanças e permanências frente às décadas anteriores, imprimiu uma nova e peculiar roupagem à região central e nobre da cidade.

A implantação dessas edificações é, sem dúvida, uma das mais importantes evidências das transformações sofridas por essa arquitetura, ainda que essas transformações tenham sido graduais e por vezes presas à tradição, mesmo quando o discurso mais disseminado era o de mudança, salubridade, higiene e progresso. A variedade de formas de implantação existente sinalizou a heterogeneidade dessa arquitetura, que estendeu-se aos demais aspectos da edificação: encontramos grande variedade de fachadas, elementos decorativos, diversidade de dimensões, dentre outros aspectos construtivos.

Fruto do momento pelo qual passava a cidade e do desejo do poder público de vê-la limpa, salubre e moderna, o Código de Posturas de 1912 foi um importante instrumento na definição das características dessa arquitetura. Suas exigências atuaram na modificação das plantas baixas, que passaram a apresentar janelas para o exterior em todos os cômodos; porão e jardins frontal e/ou lateral. ○

Código de 1912 foi, notadamente, um elemento de difusão das características do ecletismo.

Além do Código, as influências externas e a disseminação dos ideais de privacidade e conforto atrelados à arquitetura eclética também agiram fortemente na determinação das características dessa arquitetura, principalmente na sua organização espacial, na forma de um novo padrão de circulação e na inserção de novos cômodos. Destacamos, nesse sentido, o protagonismo do banheiro, que teve sua temporalidade – tardia, se comparada a outros centros – definida pela efetivação do abastecimento de água na cidade. Associado a tudo isso, destaca-se o início da atuação de engenheiros e mestres de obras nos projetos dessas residências.

Ressaltamos a busca por conforto térmico, mais uma vez, como uma das prioridades nessas edificações, o que é perceptível principalmente nas soluções para cobertura, forro e esquadrias. E também que, apesar da existência de limitações técnicas e de materiais na cidade, algumas vezes o poder econômico as superou, como foi o caso do sobrado do Sr. Antônio Ferraz, constituindo uma arquitetura exuberante frente a que era comum na cidade (Ver figura 136).

Mas, em contrapartida devemos lembrar que, apesar dessa ser a arquitetura tida como representativa de Teresina nesse período e a que ficou registrada em livros, jornais, discursos oficiais, ocupando a região mais nobre da cidade e que o tempo

ainda não conseguiu apagar por completo, teve um alcance muito pequeno quando confrontado com a realidade do todo, sendo as características e as habitações aqui apresentadas vivenciadas por poucos e abastados. Essa realidade é mostrada no Cadastro Predial e Condições Sanitárias das Habitações de Teresina do ano de 1941, disponível em Alvarenga (2011), que nos possibilitou fornecer um panorama do ambiente construído no período aqui analisado (Tabela 01).

Aspectos das residências teresinenses no ano de 1941		
Discriminação	Total (numérico)	%
Casas de telha	2020	25,4%
Casas de palha	5881	74,6%
Casas com um só compartimento	402	5,08%
Casas com mais de um compartimento	7499	74,9%
Casas sem sentina	6071	76,8%
Casas de com piso de terra solta	5694	70,0%
Casas sem instalação de água	5789	74,1%

A partir dos dados acima, podemos perceber que no máximo cerca de um quartadas residências em Teresina eram construídas em alvenaria de tijolos, enquanto a grande maioria da população se abrigava em casas de palha. A tabela também nos oferece dados sobre as instalações sanitárias da época: na

contrapartida das edificações que passaram a abrigar banheiro em seu interior, a maioria efetivamente não os possuía e nem tinha essa possibilidade, pois 74,1% não eram servidas por instalação de água. Confrontando esses dados com os números apresentados no início do capítulo, que afirmavam a existência de 600 casas cobertas de telhas e 1800 de palha no início do século XX, deduzimos que, mesmo passados mais de quarenta anos e promulgados dois Códigos de Posturas que proibiam a construção de edificações cobertas de palha, essa proporção se manteve. Dessa forma, apesar da arquitetura eclética ter sido predominantes na região mais central e nobre durante o período compreendido entre os anos de 1900 e 1938, as casas de palha também faziam parte desse cenário, como mostra Dias (1998 apud NASCIMENTO, 2002, p. 214) e eram predominantes na paisagem urbana, especialmente da periferia.

“...A dos parentes era coberta de palha, como inúmeras outras da vizinhança (...) Naquele tempo, em Teresina, não era motivo de reparo ou mal-estar residir-se em casa de palha. As pessoas de classe média dificilmente possuíam casa de telha, por isso não era motivo ignorar-se uma casa de palha, mesmo no centro da cidade”.

Com a aproximação do centenário da cidade de Teresina e conseqüentemente das suas festividades, as casas de palha, que sempre foram o pesadelo dos dirigentes da cidade, tornavam-se cada vez mais inoportunas, e apontava-se a necessidade de um plano completo de melhoramento e expansão. Como resposta essa

necessidade, foi promulgado o código de posturas de 1939, que marcou o início de um período com grandes mudanças, com reflexos diretos na sua produção arquitetônica, que estendeu-se até o centenário da cidade e é abordado no capítulo seguinte.

Capítulo 03: ○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

De linda roupagem
Agora te vejo
[...]
De 'Cidade Verde
Alguém te chamou
E o lindo apelido
Depressa pegou
E nas asas do vento
O mundo levou.
Tu és Teresina,
Que em festas e galas,
Ostentas nas salas
O teu Piauí.[...]
(Cidade Verde: Ferry, 1952)

3.1 Aspectos de Teresina entre 1939 e 1952

Passados quase cem anos de sua fundação, Teresina nos anos quarenta possuía uma população de 67.641 habitantes, dos quais 34.695 viviam nas zonas urbana e suburbana, e continuava sendo uma cidade eminentemente de funcionários públicos, com uma divisão entre campo e cidade ainda indefinida: os trabalhadores da construção civil, no período das chuvas, voltavam para a zona rural do município, ou mesmo para lugares mais distantes para cultivarem roçados, pois a quantidade de obras diminuía e ainda era no campo que garantiam o sustento familiar. Isso foi se modificando com o avançar das décadas seguintes: em 1940, cerca 51% da população morava na zona urbana, e dez anos depois, essa porcentagem alcançou 56,6%. (NASCIMENTO, 2002). Ramos⁴⁸ (2014) descreve as lembranças que tem da cidade nesse período:

A infraestrutura urbana de Teresina era minguada por vários motivos. O fornecimento de energia elétrica residencial, diariamente, só era feito até as 22 horas; não havia esgotos sanitários; o abastecimento domiciliar de água era insuficiente. Os usuários compravam água captada "in natura" no Rio Parnaíba, acondicionadas em depósitos transportados por carroças; o

⁴⁸Antônio Carlos Moreira Ramos é advogado, formado pela primeira turma de Direito da Universidade Federal do Piauí, reside em Teresina desde a década de 1940 e participou de muitos eventos alusivos ao centenário da capital.

sistema de telefonia era utilizado apenas por repartições públicas e pessoas de grande poder aquisitivo.

No entanto, Teresina estava prestes a passar por um período de grandes remodelações urbanas, iniciadas especialmente em 1932, quando o engenheiro Luís Pires Chaves⁴⁹ – a quem Silva (2011) atribui a responsabilidade desse processo de urbanização da cidade - assumiu o cargo de prefeito da capital e intensificadas a partir de 1939, quando ele já era diretor de obras públicas. Segundo Nascimento (2002), ficava claro no discurso do engenheiro o desejo de construir uma nova imagem para uma cidade, que sequer tinha um plano regulador, e sua preocupação com a aproximação do centenário.

Visando a implantação do seu projeto de melhorias à infraestrutura urbana, Luis Pires Chaves fez duras críticas ao *Plano de Saraiva*:

Graças ao plano original, que não sendo perfeito, resultado das condições da época em que foi elaborado, apresenta, contudo, uma orientação urbanística já bem sofrível, o que nos facultará o aproveitamento, quase sem alteração, da parte da cidade já edificada (MONTEIRO, 1942a).

Luís Pires Chaves afirmava ainda serem muito pequenos os quarteirões projetados, sendo outro grande defeito a largura das ruas, onze metros, que acarretava

⁴⁹ Luís Pires Chaves, engenheiro civil, foi prefeito de Teresina no período compreendido entre 17 de março de 1932 e 10 de maio de 1935, e diretor de obras públicas de seu sucessor, Lindolfo do Rego Monteiro, entre dezembro de 1936 e novembro de 1941 (FORTES FILHO, 1993).

problemas para as edificações, para a arborização e para a circulação. Sendo assim, ainda antes do Código de Posturas de 1939 ser promulgado, buscava-se a correção dessas falhas, especialmente através da abertura de vias. Essas correções recorrentemente esbarravam na carência de recursos financeiros (NASCIMENTO, 2002).

Mas apesar de consideráveis medidas para dar à cidade uma melhor infraestrutura urbana terem sido tomadas antes de 1939, notadamente essas medidas foram intensificadas a partir de então, e o Código de Posturas de 1939, promulgado através do decreto de lei de nº54 de 3 de abril de 1939 foi um marco nesse sentido, ao tentar regulamentar a cidade em seus mais variados aspectos.

Um dos aspectos de destaque nessa lei foi o tratamento dado à higiene. A partir de então, as edificações da zona urbana deveriam ser varridas diariamente, e ter seu lixo depositado em recipientes estanques cobertos e com alças, que seria recolhido pela Prefeitura e despejado em um local adequado. É notório, entretanto, que essa preocupação concentrava-se especialmente na região central – a mais nobre da cidade – onde haveria serviço diário de limpeza e apanhamento de pequeno lixo, como por exemplo papéis e pontas de cigarro, visando a permanente limpeza de suas vias. Esse código fixava ainda uma multa caso os moradores ou inquilinos que ali residissem despejassem águas sujas ou servidas nas vias públicas, terrenos baldios ou na vizinhança (TERESINA, 1939).

As determinações acerca da higiene estendiam-se também ao âmbito privado, na medida em que, proibia e estabelecia multa ao acúmulo de lixos, restos de cozinha, estrumes, animais mortos e resíduos de qualquer natureza nos pátios e quintais das habitações e também a criação de porcos nas zonas central, urbana e suburbana da cidade, prática corriqueira na capital. Estabelecia ainda que as edificações que não atendessem aos critérios de limpeza e salubridade, representando perigo aos moradores ou inquilinos ou para vizinhança seriam interditados, havendo inicialmente o estabelecimento de um prazo para que fossem feitos os devidos reparos, mas, na condição de poder passar por melhoramentos, deveria ser demolido e construído conforme as normas vigentes do novo código (TERESINA, 1939).

Finalmente, dentre outras determinações, como era comum aos Códigos de Posturas, as sociabilidades também eram abordadas nestes. O artigo de nº 111 proibia a população de

Dar gritos a noite, dentro das zonas central e urbana, depois das 22 horas, sem necessidade ou utilidade; Dar tiros, a qualquer hora do dia ou da noite, não sendo no desempenho dos deveres do serviço publico ou nos casos de legitima defesa, da pessoa ou da propriedade; Tocar ou ensinar musica, com pancadaria, depois das 22 horas, sem licença da Prefeitura, exceto nos locais permitidos; Usar sinais sonoros, tímpanos, buzinas, e outros meios de aviso,

próximo de locais onde se realizem representações teatrais, cinematográficas, comemorações cívicas e atos religiosos ou nas imediações de casas de saúde, hospitais, sanatórios e escolas; Usar escapamento livre de veículos, automotor, nas zonas central, urbana e suburbana; Abusar de sinais sonoros a qualquer hora do dia e da noite, causando incomodo momentâneo; Realizar, á noite, carreiras de automóveis e motocicletas; Soltar foguetes, bombas, foguetões ou coisas equivalentes: Tocara sinos depois de 18 horas e antes das 4 horas da manha; Realizar batucadas em qualquer parte das zonas central e suburbana, salvo quando permitir a Prefeitura.[...] Lançar nas ruas, praças ou jardins públicos ou terrenos baldios papeis vidros, lixo, imundices, águas servidas, objetos imprestáveis, animais doentes ou mortos; Estender, colocar tapetes, capachos, roupas, etc., nas sacadas e janelas que sejam visíveis das vias públicas; Pendurar gaiolas em fachada construída no alinhamento das vias públicas; Deitar para via pública água suja proveniente de lavagem ou baldeação, entre 6 e 22 horas; Urinar ou defecar fora dos lugares destinados a esse fim; Conduzir, descobertos, pelas vias públicas, animais mortos, inclusive peixes, para consumo público (TERESINA, 1939, p. 09).

Reunidos, esses e os demais artigos do Código de Posturas de 1939 visavam, junto com a execução de obras e a implementação de outras medidas que estavam sendo adotadas pela administração, dar uma nova roupagem à cidade e prepará-la para o seu centenário, o que estava diretamente relacionado à sua infraestrutura e arquitetura.

No relatório apresentado pelo prefeito Lindolfo do Rêgo Monteiro ao interventor Federal sobre sua administração durante o ano de 1939 percebemos o quanto

intensificou-se esse processo de remodelação, quando cita a reforma de várias praças, com destaque para a Praça Marechal Deodoro (Figura 176 e Figura 174), a execução de terraplenagem, de calçamentos e reforma de vias, como por exemplo a Avenida Frei Serafim – então Avenida Getúlio Vargas, que a Prefeitura Municipal queria transformar no cartão de visitas da cidade (Figura 176) (NASCIMENTO, 2002).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 174: Praça Marechal Deodoro da Fonseca em 1939 em processo de calçamento.

Fonte: MONTEIRO, 1941.

Figura 175: Praça Marechal Deodoro da Fonseca em construção, em 1939.

Fonte: MONTEIRO, 1941.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 176: Avenida Frei Serafim em 1939, já arborizada porém com poucos edifícios em sua extensão.

Fonte: MONTEIRO, 1941.

Luis Pires Chaves torna público, no ano de 1941, o Plano Regulador de Teresina, onde estabelecia diretrizes diversas para sanar os problemas das vias, que Silva (2011, p. 124) resume a seguir:

- a) diante da impossibilidade de se alargar as estreitas ruas do centro urbano (11,00 metros), a municipalidade adotou os alargamentos progressivos para as novas construções em toda a cidade;
- b) considerando que o excesso de cruzamentos e a pequena dimensão das quadras do centro da cidade (Plano Saraiva) - 70,00 x 70,00 a 90,00 x 90,00 metros - implicavam em muitos cruzamentos, viários potencializando a ocorrência de acidentes com veículos, e que demandavam maior extensão das redes de serviço (água, esgoto e energia elétrica) e maior despesa para a manutenção das vias existentes (pavimentação, conservação e limpeza), o plano estabeleceu a circulação de mão única em cada via do Plano Saraiva, o que permitiu o alargamento dos passeios existentes e espaço para a implantação das redes de serviço;
- c) em relação à preocupação quanto à salubridade pública, face ao clima quente da região, o plano previu algumas medidas, tais como o sombreamento das vias públicas através do plantio de árvores, arborização de praças, alargamento das ruas, retificação e abertura de novas vias públicas com dimensões especificadas e regulamentadas pela Diretoria de Obras Públicas Municipais;
- d) quanto à regularização das novas áreas em formação, o plano incluía a remoção das moradias de palha e determinava que as áreas de expansão deveriam apresentar o seguinte traçado: uma avenida central, com 30m; ruas com largura mínima de 18m; quarteirões de no mínimo 100m x 100m; praça central com 110m x 213m; um estádio; e um grupo escolar;
- e) o plano também incluía um estudo que orientava a arborização das ruas de toda a cidade, como mostram os três perfis transversais da Figura 9: fila dupla de árvores de pequeno porte para as ruas com orientação Leste-Oeste; arborização unilateral “no lado do sol à tarde”, para as ruas com orientação Norte-Sul; e recuo progressivo das construções em dupla fila nas ruas orientadas segundo a direção Leste-Oeste.

Percebemos que o engenheiro avaliou a rua como principal elemento de estruturação urbana, levando em consideração a incidência solar, a arborização e a ventilação dominante. Propôs a organização de uma rede principal de ruas, a divisão da cidade em diversas zonas, a definição das principais linhas de comunicação entre a área central e a área de expansão e a criação de um ambiente urbano acolhedor e pitoresco. Trabalhou ainda o saneamento e o embelezamento da cidade par a sua renovação urbana, demonstrando total alinhamento do seu Plano Regulador estava com as ideias e princípios urbanísticos que orientaram a modernização das principais cidades-capitais brasileiras, evidenciando a oposição entre o novo e o velho, que foi a saída encontrada pelo Estado Novo para demonstrar a fortaleza do novo projeto de governo (SILVA, 2011; NASCIMENTO, 2002). Inaugurava-se, assim, uma nova forma de ver, planejar e construir a cidade.

No relatório do prefeito Lindolfo do Rêgo Monteiro relativo ao ano de 1941, mais detalhado do que o de 1939, evidencia uma clara intensificação nos trabalhos relativos à infraestrutura da cidade. Mas além dos serviços executados, destacamos uma seção intitulada “Trabalhos técnicos de campo e escritório” e outra “Sugestões e comentários explicativos”, ambas escritas pelo então diretor de obras, Luís Pires Chaves. Na seção “Trabalhos técnicos de campo e escritório”, que somam 45 itens,

dada a quantidade de cálculos, projetos e orçamentos enumerados e descritos, percebemos o cuidado com o planejamento prévio com as obras que seriam executadas, o que denota maior qualidade técnica e, muito provavelmente, resultou também em maior qualidade visual e construtiva frente aos momentos anteriores. Dentre estes itens, destacamos o de número 44, que afirma que “foram examinados e censurados 76 projetos de construções, sendo 44 de casas de um pavimento, 21 de casas de dois pavimentos, seis de reforma de prédios e cinco para a construção de fossas liquefadoras (MONTEIRO, 1942b)”. Esse item sinaliza a obrigatoriedade da apresentação de projetos na prefeitura e sua aprovação para a construção de edificações e demonstra a atuação do poder público na determinação das características da arquitetura que se constituía na cidade, como parte do seu projeto modernizador.

Na seção “Sugestões e comentários explicativos”, o então diretor de obras da cidade, o engenheiro Luis Pires Chaves, tece alguns esclarecimentos sobre importantes aspectos da cidade: “trabalhos de agrimensura”; “espaços livres” e “arborização da cidade”, onde são evidenciadas várias nuances do seu projeto modernizador. Ao falar dos espaços livres, ele diz que

As cidades têm imperiosas necessidades de possuir espaços de público, destinados a reuniões, estacionamento, exercícios de atividades coletivas ou religiosas ou ainda para efeitos estéticos, higiênicos, esportivos ou de simples divertimentos, denominados

praças. Esses espaços livres, segundo alguns urbanistas, devem guardar determinadas proporções com a superfície total da cidade, variando conforme o critério adotado de 10 a 25 por cento. A nossa zona urbana conta cerca de 3.000.000 m. q. de área e possuímos espaços livres, discriminados pelas praças, montando em 229,300 m.q. o que corresponde, apenas, a 7,7%. Verificamos que, no momento, já estamos com uma proporção muito baixa, especialmente se considerarmos as nossas condições climáticas. Desse modo bem se justifica a orientação seguida pelas nossas administrações de evitar quaisquer mutilações em nossas praças públicas, promovendo, preferentemente, a abertura de novas áreas livres e melhorando as existentes. A nossa Capital conta, na zona urbana, as doze praças [...] A metade destas praças:—Rio Branco, Marechal Deodoro, João Luiz, Pedro II, Conselheiro Saraiva e Marechal Floriano, já recebeu melhoramentos. As outras ainda permanecem sem tratamento, além das limpezas habituais. Algumas destas praças merecem receber urgentes benefícios, especialmente, as Landri Sales, Frei Serafim e Demóstenes Avelino (MONTEIRO, 1942b, p. 30).

Continuando suas sugestões e comentários explicativos, no item “Arborização da cidade” Luis Pires Chaves afirmava que

Com a expedição do Decreto-Lei n. 118, de 21 de novembro de 1941, que estabeleceu medidas referentes à arborização da cidade, Teresina deu um grande passo para uma solução adequada às suas peculiaridades, neste importantíssimo problema urbano. [...] Como trabalho inicial e imprescindível estamos preparando as mudas a serem distribuídas pelas ruas, no Viveiro Municipal. [...] Façamos um ligeiro comentário dos gabaritos

adotados no Decreto-Lei n. 118, para as nossas atuais ruas, que possuem uma largura de onze metros, dimensão essa que nos parece derivar de um múltiplo exato de uma braça (5x2,20-11,00) medida ainda em uso na ocasião do traçado, por outra razão achamos para a fixação e generalização de uma largura tão limitada e hoje sem propósito. O tipo I, com a seguinte disposição: dois passeios com 2,90m cada e uma faixa de rolamento com 5,20m apesar da exiguidade das suas dimensões, já sofreu a comprovação de êxito razoável, onde se encontra no nono ano de emprego. [...] A faixa de rolamento, com 2,60m., para cada fila de veículos, ainda é um pouco maior do que a estritamente mínima, 2,50m., admitida por urbanistas consagrados como Ed. Joyante, em seu *Traite d'Urbanisme*, prof. Ewald Genzmer, de Desde, em *Piani Regolatory*, e, no Brasil, o engenheiro Paulo Peltier de Queiroz, no Novo Plano Regulador da cidade de Ilhéus. O tipo II, apresenta um passeio com largura de 2,30m., destinado a receber árvores de grande porte, como o oití, ficando o alinhamento arborizado do lado do sol à tarde, por ser de aplicação em ruas com a orientação Norte-Sul. Este gabarito poderá ser utilizado, ainda, para as ruas dirigidas de leste para oeste, ficando o passeio mais largo do lado do Sul, que recebe maior insolação, no correr do ano. [...] No tipo III, foi dada à faixa de rolamento, ainda a largura de 5,50m., os dois passeios ficaram cada um, com 2,75m. e foi previsto o recuo progressivo das construções, mínimo de 3,00m. Quando haja possibilidade de ser feito o recuo dos prédios, em construções ou reconstruções, que venhamos a realizar em períodos próximos, este tipo é o ideal para nossa cidade. Com ele prosseguiremos uma faixa de circulação razoável, permitindo o cruzamento de dois veículos com uma folga grande, dois passeios bem amplos e as árvores ficarão distantes de 5,00m das fachadas, o que lhes facultará um exuberante desenvolvimento [...] (MONTEIRO, 1942b, 31-32).

Percebemos, mais uma vez, a erudição do então diretor de obras e sua intenção de promover uma renovação radical na cidade com base nas diretrizes urbanísticas da época. Neste trecho em que trata da arborização e dos espaços livres da cidade, o engenheiro deixa clara a importância de sua atuação para o crescimento de Teresina. Tendo por base esses pressupostos teóricos, Luís Pires Chaves define o Plano Regulador, e Lindolfo do Rêgo Monteiro empreende uma série de obras em seu governo nos anos de 1941 e 1942, imprimindo à cidade consideráveis transformações. Nesse sentido, apresentando total alinhamento com a importância de espaços livres expressa pelo diretor de obras, destacamos a criação do Parque da Bandeira (Figura 177 e Figura 178) e a remodelação das vias, com a execução de guias, calçamentos galerias e coletores de águas pluviais, com especial atenção para a Avenida Frei Serafim (FigurasFigura 179 eFigura 180).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 177: Um trecho do Parque da Bandeira em 1941, onde vê-se a vegetação utilizada e a presença de aves. Fonte: MONTEIRO, 1942b.

Figura 178 Um trecho do Parque da Bandeira em 1941, onde vê-se a arborização e a área destinada a estacionamentos. Fonte: MONTEIRO, 1942b.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 179: (a) Escavação da Avenida Frei Serafim para construção da galeria de águas pluviais, no ano de 1941. (b) Construção da galeria de águas pluviais na Avenida Frei Serafim, em 1941.

Fonte: MONTEIRO, 1942b.

(a)

(b)

Figura 180: Calçamento da ala sul da Avenida Frei Serafim em 1941, onde ainda vê-se, a esquerda, uma residência pequena e simples.

Fonte: MONTEIRO, 1942b.

A intensidade dos serviços de infraestrutura urbana se manteve especialmente até 1945, quando Luís Pires Chaves deixou o cargo de diretor de obra, mas em decorrência das comemorações de seu centenário, a cidade continuou recebendo importantes obras. Destacamos, nesse sentido, a construção de uma importante avenida na zona norte, batizada de Avenida Centenário, a construção do Hospital Getúlio Vargas⁵⁰, um expressivo marco para a saúde local e a tentativa de conclusão do Hotel do Estado para receber os convidados ilustres, que gerou muitas expectativas nos teresinenses, uma vez que não possuíam lugar adequado para tal fim. O Hotel do Estado não foi concluído a tempo para receber os visitantes que vieram para o centenário e foram hospedados no Sanatório Meduna, recém construído. As festividades, por outro lado, aconteceram conforme o esperado (Figura 181 e Figura 182)(MORAIS, 2010):

O prefeito de então constituiu uma comissão encarregada de programar os eventos alusivos ao centenário. Participaram desses eventos, além das autoridades de todos os níveis, os políticos mais importantes, jornalistas renomados, notadamente os vinculados aos diários associados, e o diretor foi escolhido como patrono das festividades. Participaram também das festividades do centenário intelectuais de grande renome, artistas, cantores, músicos, celebridades em folclore, etc. [...]Na parte literária tiveram

⁵⁰ Trataremos da construção do Hospital Getúlio Vargas e do Meduna no item seguinte, que aborda as obras do engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

conferências e saraus literários, lançamento de livros, representações teatrais por grupos de renome nacional, folguedos populares sobre os temas de... Bumba meu boi, lenda do cabeça de cuia, danças, subida do pau de sebo, queda de braço, peleja entre violeiros, disputa entre bandas de músicas. O povo de Teresina comemorou, com entusiasmo e, sobretudo com amor o centenário da capital piauiense (RAMOS, 2014).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 181: Pórtico em comemoração ao centenário de Teresina na praça Pedro II.
Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 182: Desfile em comemoração ao centenário de Teresina, na praça Pedro II.
Fonte: Acervo FUNDAC.

Passadas as festividades, mesmo com a conclusão de várias obras de infraestrutura, a cidade ainda continha muitos dos seus primeiros problemas. Pela concentração dos investimentos especialmente no centro da cidade, a tão desejada modernização não alcançava toda a capital, quer era repleta de serviços precários, como a rede de abastecimento de água, a quase inexistência de rede de esgotos e a energia elétrica que tinha seu fornecimento interrompido as 21 horas (MORAIS, 2010). Diante das pressões por transformações, foi inevitável que a arquitetura – especialmente da parte central – passasse também por mudanças. Sendo assim, além da influência do já citado engenheiro Luis Pires Chaves, outros personagens atuaram nesse sentido, o que discutiremos no item a seguir.

3.2 Engenheiros e mestres de obras atuantes na cidade.

Como já afirmamos no capítulo anterior, descobrir a autoria dos projetos das residências construídas no recorte temporal da pesquisa foi uma das nossas grandes dificuldades, que se manteve até o final da coleta de dados. Conseguimos identificar poucos nomes de profissionais que atuaram na elaboração de projetos de edificações em Teresina no período de 1939 a 1954 – Domingos Pinheiro da Silva e Luís Plácido⁵¹, mestres de obras; Cícero Ferraz de Souza Martins e Carlos Galvão Castro; engenheiros. Isso certamente significa que apesar de uma maior difusão dos projetos residenciais frente às décadas anteriores, eles ainda mantinham-se escassos. A estes nomes somava-se também o de Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, que apesar de ter tido sua mais larga atuação no começo do século XX, manteve-se ativo na cidade por várias décadas. Na edição de 1940 do *“Almanak Administrativo, Comercial e Industrial do Rio de Janeiro”*, encontramos mais uma propaganda dos engenheiros atuantes na cidade cujos nomes eram os mesmos da edição de 1938⁵² e, com exceção de Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves e de Cícero Ferraz de Souza Martins, não encontramos registros de obras projetadas por eles.

⁵¹ Não encontramos referência à nenhuma obra de Luís Plácido, Matos (2011) apenas nos revela que este era um conhecido mestre de obras na capital em meados da década de 1940.

⁵² Ver Figura 92.

As informações sobre o engenheiro Carlos Galvão Castro foram muito limitadas, restringindo-se a dois projetos de residências (Figura 183 e 184) de construídos em Teresina, o primeiro, do ano de 1938, e o segundo do ano de 1954, o que mostra a continuidade de sua atuação na cidade e sua franca adesão às características neocoloniais. Sendo esse o padrão dessas residências muito repetido e difundidos na cidade, serão objeto de análise do item seguinte.

Figura 183: Fachada da “Casa da Dona Madalena”, construída em 1938, em seu projeto original.

Fonte. Acervo da família de José Lincoln Correia. Cedido por Nina Vieira Campos.

Figura 184: Fachada da casa da família de José Lincoln Correia., construída em 1954, em seu projeto original. Fonte. Acervo da família de José Lincoln Correia. Cedido por Nina Vieira Campos.

Matos (2011) nos revela a existência de um famoso mestre de obras em Teresina por volta da década de 1950, Domingos Pinheiro da Silva, que era muito conhecido e reconhecido pela qualidade do seu trabalho e pela sua criatividade, sendo uma de suas obras a residência (Figura 185) do coronel Otávio Miranda, que foi deputado estadual, comandante de 25º Batalhão de Caçadores, dono do Jornal "O Dia" e diretor do Jôquei Clube. Essas relevantes atribuições do Coronel nos mostram a importância e, conseqüentemente, o prestígio do mestre de obras contratado como responsável por esta importante residência na Avenida Frei

Serafim, a mais sofisticada da cidade, mesmo que não tenhamos encontrado outras obras projetadas por ele.

Figura 185: Residência do Coronel Otávio Miranda projetada pelo mestre de obras Domingos Pinheiro da Silva
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Apesar das alterações sofridas por esta residência, observando suas características percebemos um total alinhamento com as outras edificações da avenida, com a predominância da arquitetura neocolonial que foi marcante nesse logradouro e também nas obras do engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins, que foi, sem dúvidas, o profissional mais renomado da cidade na execução e no projeto de edificações residenciais, cujas principais características trataremos a seguir.

3.2.1 Cícero Ferraz de Souza Martins

Filho de Elvina Ferraz Martins e Augusto de Souza Martins, Cícero Ferraz de Souza Martins foi um engenheiro de grande importância e larga atuação profissional na cidade de Teresina. Estudioso e intelectual, acabou se tornando um homem de grande prestígio e influência na sociedade teresinense (MARTINS, 2015). Nascido em Teresina no ano de 1909, mudou-se para o Rio de Janeiro por volta do ano de 1928 para cursar Engenharia Civil na Universidade do Brasil – atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – a mais antiga escola de engenharia civil do país. Mantido pelos tios, Cícero Ferraz de Souza Martins concluiu o curso e, por motivos familiares, regressou à Teresina no ano de 1933, tendo sua atuação profissional se intensificado no final dessa década (MARTINS, 2015).

A trajetória do engenheiro foi marcada por grande diversidade de atuação. Além de atender projetos particulares – residenciais e comerciais, Cícero Ferraz de Souza Martins atuou no setor público como fiscal do DNER e também como secretário de obras, cargo que ocupou por cerca de dez anos durante o governo de Leônidas Melo⁵³ (MARTINS, 2015).

Conforme propaganda no *“Almanak Administrativo, Comercial e Industrial do Rio de Janeiro”* do ano de 1940 (Figura 186), atuou, assim como Benjamim Alves

⁵³ O médico e professor Leônidas de Castro Melo governou o Piauí entre os anos de 1935 e 1945.

Ferreira, Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e Raymundo de Arêa Leão, como empreiteiro e construtor, o que era comum aos engenheiros na época.

Figura 186: Propaganda de construtores e empreiteiros em atuantes em Teresina no ano de 1940.

Fonte: Almanak Administrativo, Comercial e Industrial do Rio de Janeiro, 1940.

Augusto Martins, um dos seus dez filhos, nos informou em entrevista, que Cícero Ferraz de Souza Martins era um leitor assíduo de livros e revistas, acumulando vasta biblioteca. Sobre as relações profissionais, destacou o grande aprendizado com o colega de profissão Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves e a estreita relação com o

engenheiro de projeção nacional Antônio Alves de Noronha⁵⁴, que fora seu contemporâneo na Escola Politécnica e, apesar de viver no Rio de Janeiro, mantinham contato, permitindo que Cícero Ferraz estivesse sempre a par das inovações da época. Augusto Martins destaca também a ida de seu pai à Cuba, como parte de um esforço do governo estadual, para aprender a técnica para a construção de lajes pré-moldadas empregada no país na época.

Apesar da produção residencial ser o expoente na obra de Cícero Ferraz, destacamos na sua carreira a o preoieto de importantes prédios públicos, elencados a seguir: Hospital Getúlio Vargas (Figura 187); Casa Anísio Brito – Arquivo Público do Piauí (Figura 188) e Sanatório Meduna (Figura 189).

⁵⁴ Antônio Alves de Noronha nasceu em Teresina, no ano de 1904, mas fixou residência no Rio de Janeiro, onde viveu a maior parte da sua vida. “Seu acervo de trabalhos realizados no campo do concreto armado é constituído por cerca de 2.000 obras em diversos Estados do Brasil, dentre estas, o Hotel Quitandinha, em Petrópolis, e o Estádio Municipal Maracanã. Publicou várias obras de referência em concreto armado, recebeu uma série de homenagens e honrarias no Brasil e no exterior e fez parte da comissão de normas da ABNT, tendo sido presidente da comissão de estudos da 1ª norma brasileira de concreto protendido (VASCONCELOS, 1992).

⁵⁵ A ponte recebeu esse nome em homenagem ao engenheiro e amigo de Cícero Ferraz de Souza Martins.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 187: Projeto do Hospital Getúlio Vargas, cuja construção foi iniciada em 1938.
Fonte:Acervo FUNDAC.

Figura 188: Casa Anísio Brito – Arquivo Público do Piauí.

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ, 2013.

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 189: Propaganda do Sanatório Meduna.

Fonte: SANTANA, 2011.

Segundo Silva⁵⁶ (2014), o Hospital Getúlio Vargas foi um dos principais frutos do Estado Novo em Teresina, momento em que as instituições de saúde agiram em conjunto com as práticas de urbanização e higienização. Situado na Avenida Frei Serafim, que era à época ainda pouco habitada e distante do centro, mas já dava sinal de sua importância pela construção dos seus primeiros palacetes, o moderno hospital contrastou com a imagem da até então decadente Santa Casa de Misericórdia⁵⁷ e representou a política de modernização da rede hospitalar na

⁵⁶Ilêda Moura Silva é historiadora (UFPI) e mestre em História do Brasil (UFPI). Empreendeu vasta pesquisa sobre o Hospital Getúlio Vargas, que resultou na dissertação *Hospital Getúlio Vargas: a atuação da política de saúde pública em Teresina (1937-1945)*.

região, uma vez que se tratava da construção de um hospital com instalações e equipamentos modernos, capacitando o Estado do Piauí para atender sua população numa gama maior de especialidades médicas.

No projeto do Hospital Getúlio Vargas, Cícero Ferraz de Sousa Martins adotou a arquitetura *Art-Decó*, que foi utilizada em Teresina majoritariamente a partir da década de 1930, principalmente em edificações institucionais e comerciais, como resposta estilística a uma demanda por infraestrutura na capital, que, por meio desses prédios com fachadas geometricamente ordenadas e limpas, transmitiu o devido ar de modernidade (NASCIMENTO, 2002; SILVA FILHO, 2007). O engenheiro projetou um edifício em concreto armado de três pavimentos – inicialmente, só foram construídos dois e a última laje ficou preparada para receber mais tarde o terceiro pavimento (MARTINS, 2015), com fachada limpa, simétrica e marcada por grandes panos de esquadrias. As quinas eram arrematadas em curvas suaves. No pavimento térreo havia uma marquise definindo o acesso principal ao edifício, e formando um largo balcão no pavimento superior. O domínio destes recursos formais e técnicos demonstra o largo conhecimento da arquitetura em voga que o engenheiro detinha.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 190:
Hospital Getúlio
Vargas. Data
Imprecisa.
Fonte: Acervo
FUNDAC

Praticamente contemporânea ao Hospital Getúlio Vargas, foi a construção do Arquivo Público do Piauí⁵⁸, também seguindo a mesma tendência *Art-Decó* do Hospital Getúlio Vargas. Sua fachada foi marcada por limpeza e simetria, com discreta decoração em frisos que percorriam todo o prédio e marcavam a parte central, que assim como o Hospital Getúlio Vargas, também continha um balcão(Figura 191).

⁵⁸ Anos depois, O Arquivo/Biblioteca estadual ganhou o nome de Casa Anísio Brito.

Figura 191: Detalhe da fachada do Arquivo Público do Piauí.

Fonte: *Google Street View*, 2015.

O concreto foi a técnica construtiva utilizada, da mesma forma que no hospital, e representou, além de modernização, uma maior liberdade para trabalhar o interior desse edifício, que ganhou ambientes muito espaçosos. Destacam-se, ainda, o uso de variados tipos de ladrilho hidráulico (Figura 192) e o emprego de diversas composições de pastilhas (Figura 193). E mais uma vez se constata o franco domínio das características da arquitetura *Art-Decó* por parte do engenheiro.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 192: Ladrilhos hidráulicos encontrados no Arquivo Público do Piauí.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 193: Composições de pastilhas no Arquivo Público do Piauí.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Como mais uma das importantes obras de Cícero Ferraz de Souza Martins, citamos o Sanatório Meduna, que destaca-se no âmbito local não somente pela sua arquitetura, mas pela aplicação dos novos preceitos do tratamento psiquiátrico. O Sanatório Meduna foi fruto de um esforço de um médico – o psiquiatra Clidenor de Freitas – para a mudança de tratamento da loucura na cidade, fugindo do modelo

do Asilo de Alienados de Teresina, onde os doentes eram mantidos em espaços pequenos, isolados, fechados. Dessa forma, ao se basear nos conceitos mais adequados e modernos de tratamento— principalmente com o uso de várias alas, abertas, porém constantemente vigiadas - na época de sua inauguração o Sanatório foi reconhecido como um hospital de características inovador tanto no que concerne a sua estrutura física como em relação a sua proposta de tratamento dos doentes mentais, coisas intrinsecamente relacionadas.

Figura 194: Vista aérea do Sanatório Meduna. Data imprecisa.
Fonte: Acervo FUNDAC.

Mas apesar da importância das obras públicas de Cícero Ferraz de Souza Martins no cenário local, sua atuação em Teresina destaca-se principalmente pela vasta quantidade de projetos residenciais que desenvolveu, especialmente para edificações construídas na Avenida Frei Serafim, a mais importante da cidade e que concentrava os mais elegantes palacetes da capital e que eram referência de boas construções. Percebemos, assim, a importância relevante do engenheiro na

definição da nova paisagem urbana de Teresina na medida em que avançava o século XX. Na sequência, apresentamos imagens de algumas das residências projetadas por ele, cujos proprietários foram principalmente médicos, políticos e comerciantes⁵⁹.

⁵⁹ Essas edificações foram identificadas como projetos do engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins a partir de entrevistas com proprietários; entrevista com o filho do engenheiro e informações contidas em Matos (2011).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 195: Residência da Família do industrial Álvaro Freire, situada na Avenida Frei Serafim.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 196: Residência da avó do engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins, que teve a fachada projetada por em meados da década de 1930.

Situada na Avenida Frei Serafim.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 197: Residência da família do comerciante João Carvalho, situada na Avenida Frei Serafim.

Fonte: Acervo FUNDAC.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 198: Residência da família do ex-governador Leônidas Melo, situada na avenida Frei Serafim.
Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 199: Residência da família do advogado Ney Ferraz, situada na Avenida Frei Serafim.
Fonte: MATOS, 2011.

Figura 200: Residência da família do médico Lineu Araújo, situada na Avenida Frei Serafim, no ano de 2006.
Fonte: MATOS, 2011.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 201: Residência da Família Lobão de Castro Lima, construída no início da década de 1950.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 202: “Casa cor de rosa”, residência construída pelo engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins para a sua família.
Fonte: MATOS, 2011.

Reunidas, estas residências evidenciam a importância dos projetos do engenheiro no cenário local e o gosto da elite política e econômica local pelo seu trabalho, além de revelar a relação entre os projetos de Cícero Ferraz de Souza Martins e o cenário rico e sofisticado que buscou-se e teve êxito com a reforma da Avenida Frei Serafim.

É evidente o gosto pela arquitetura neocolonial nas residências projetadas por Cícero Ferraz de Souza Martins e o número expressivo de residências construídas por ele na cidade faz com que essas características de sua obra se confundam com as mais recorrentes características na arquitetura residencial da própria cidade, fortalecendo inclusive o processo de difusão. Sendo assim, estas embasarão muitas das características das residências construídas no centro da capital entre os anos de 1939 e 1954, analisadas a seguir.

3.3 Análise das residências construídas em Teresina entre 1939 e 1952.

Alinhadas com um contexto de grandes transformações na cidade que a administração queria apresentar bela e sofisticada em seu centenário, as residências construídas entre os anos de 1939 e 1952 adquiriram novas formas, intrinsecamente relacionadas à adoção de características próprias da arquitetura neocolonial, que encontrou sua hegemonia a partir dos anos de 1930⁶⁰(KESSEL, 2008) e nesse momento se afirmava em Teresina. Como parte desse contexto, em Teresina essa foi a arquitetura adotada como resposta às novas necessidades da cidade, originando assim uma paisagem já distinta daquilo que se praticou nas décadas anteriores, evidenciada nas imagens a seguir, onde fica clara a existência de vários sobrados onde as características dessa arquitetura eram dominantes (Figura 203e Figura 204).

⁶⁰ Ver mais sobre esse assunto em Pinheiro (2011) e Mascaro (2008).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 203: Praça Pedro II na década de 1940, ladeada por palacetes com feições neocoloniais. Era um local de sociabilidades muito valorizado na época. Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 204: Imagem de desfile comemorativo de 07 de setembro no fim da década de 1940, onde vê-se a Avenida Frei Serafim com seus palacetes de feições neocoloniais. Fonte: Acervo FUNDAC.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Para compreender as características, mudanças e permanências destas edificações, utilizaremos o exemplo de diversas residências construídas nesse intervalo, especialmente das ilustradas de maneira cronológica a seguir.

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Figura 205: Linha do tempo das edificações mais importantes a serem analisadas no capítulo.
Fonte: Produzida por A. C. Moreira.

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1954).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Estando a cidade em um acentuado processo de crescimento urbano, como demonstra o mapa a seguir (Figura 206), foi natural que essas residências ocupassem áreas ainda mais afastadas do núcleo inicial da cidade em relação às edificações analisadas anteriormente. Percorrendo Teresina nos dias de hoje, ainda é possível perceber a sutil mudança que se constituiu em sua paisagem em virtude da transição nessas residências.

Figura 206: Expansão urbana de Teresina até o ano de 1950.

Fonte: RESENDE, 2013.

O Código de Posturas promulgado em 1939, além de influenciar os hábitos da população, a higiene urbana, entre outros fatores, foi determinante na conformação das características das residências que seriam construídas a partir de então, na medida em que estabeleceu uma série de novas regras que deveriam ser seguidas por estas, enquanto que regulamentava as práticas das residenciais mais abastadas com o desejo de expandi-la para o restante da cidade.

Como um primeiro aspecto relativo à construção de residências nesse código, Nascimento⁶¹ (2002, p. 152) destaca às determinações específicas para a construção de prédios na Avenida Frei Serafim, que segundo o autor deveria ser o cartão de visitas da cidade:

Entre as medidas aprovadas destacam-se: a proibição da construção de prédios de um só pavimento e o estabelecimento do prazo de 180 dias para a demolição das casas cobertas de palhas. Fica patente o desejo das autoridades municipais de higienizar, limpar a área de construções que poderiam comprometer a “avenida dos sonhos”.

Essa legislação determinava ainda o gabarito das edificações que seriam construídas na avenida, correspondente a, pelo menos, dois pavimentos, resultando

⁶¹ Apesar de termos realizado buscas em arquivos diversos, não conseguimos ter acesso ao Código de Posturas de 1939 na íntegra. O documento encontra-se lacrado para restauro no Arquivo Público do Piauí, pelo seu péssimo estado de conservação. Sendo assim, localizamos neste apenas trechos da referida legislação, por isso nos valem em alguns momentos da análise que Nascimento (2002), sendo uma autoridade no assunto, faz do mesmo.

em interferências no zoneamento e na paisagem urbana da cidade. Comum a esta e a outras vias da cidade, havia a determinação de que as novas construções tivessem paredes de alvenaria de pedra, tijolo ou concreto simples (NASCIMENTO, 2002; LEAL JÚNIOR, 2014). O artigo de nº 365 do referido código estabelecia ainda que, na cobertura das novas edificações deveriam ser empregados materiais “impermeáveis, imputrescíveis, mau condutores de calor, incombustíveis e capazes de resistir aos agentes atmosféricos”, exceto se fossem construções provisórias e que não excedessem o limite da via pública (TERESINA, 1939).

Vemos, no Código de Posturas de 1939, pela primeira vez determinações acerca dos ambientes que deveriam existir nas residências: pelo menos um aposento, cozinha, um compartimento para banheiro e gabinete sanitário, segundo as características a seguir:

Ter a altura do piso acima do meio fio existente ou projetado; devem ter no piso a superfície mínima de nove (9) metros quadrados; apresentar forma tal que se possa inscrever, no piso, entre as faces opostas ou convergentes, um círculo de raio igual a um metro, no mínimo; Se as paredes formarem entre si diedros de sessenta graus ou menos, deverão ser concordadas por uma terceira face de sessenta centímetros (0m, 60) de largura, no mínimo; A alínea “E” não se aplicará as cozinhas, copas, dispensas, banheiros, e gabinetes sanitários; Nas casas isoladas com mais de três dormitórios, poderá ser tolerado um deles com área de seis (6) metros quadrados, tendo este pelo menos, uma comunicação com um dos outros (TERESINA, 1939, p. 09).

Esta legislação estabelecia ainda regras particulares para cozinhas, copas, dispensas e banheiros. A cozinha e a copa deveriam ter uma área mínima de seis metros quadrados e possuir piso impermeável, lavável e incombustível. A dispensa deveria possuir iluminação direta, além de piso impermeável e lavável e, finalmente, os banheiros e sentinas deveriam conjuntamente possuir uma área mínima de quatro metros quadrados, onde o piso e as paredes – até a altura de 1,50m - deveriam ser revestidos de material liso, resistente e impermeável. Determinava, ainda, pela primeira vez, regras para a construção de casas populares, que exigindo que fossem edificadas na zona suburbana ou na área rural da cidade mantendo uma distância de 1000 metros da zona urbana, ou ainda dentro do limite urbano desde que em ruas não calçadas, distante de praças, avenidas e até da área central, mediante a autorização da Prefeitura.

Devem ser feitas em solo seco ou artificialmente dessecado; As paredes mestras devem ser afastadas um metro e cinquenta centímetros (1.50m), no mínimo, da linha divisória do terreno contíguo; O pé direito, mínimo, será de três metros (3m) em todos os compartimentos, com abertura para o espaço exterior livre; As paredes serão revestidas até a altura de dois metros; As paredes externas e internas deverão ser regulares, rebocadas, caiadas ou pintadas; O piso poderá ser de tijolo ou de cimento; A cobertura será de telha, ou outro material incombustível, não sendo obrigatório o forro; A área coberta não poderá ser maior de cem metros (100m²) quadrados; Haverá, pelo menos, três compartimentos para habitação, um dois quais com doze metros quadrados (12m.00), no mínimo, os outros dois destinados a

cozinha, banheiro e sentina; Poderá ser empregada na continuação argamassa de barro; A altura, mínima das portas exteriores será de dois metros e vinte centímetros (2m.20) e a largura mínima, de um metro (1m.00) (TERESINA, 1939, p. 09).

Iniciando a nossa análise pela implantação das residências, encontramos residências completamente soltas dos limites dos lotes (Figura 207 e Figura 208), como uma clara e natural transformação em relação às residências analisadas anteriormente. Diante da impossibilidade de acesso ao Código de Posturas de 1939 na íntegra, não foi possível relacionar a configuração que agora se apresentava a essa legislação, mas é fato que elas apresentavam um novo esquema, do qual trata Reis Filho (1970, p. 58):

Em algumas dessas residências maiores, iriam sendo aperfeiçoadas muitas das características que marcariam quase toda a arquitetura residencial que medeia entre as duas guerras mundiais: a preocupação de isolar a casa em meio a um jardim, a tendência a conservar um paralelismo rígido, em relação aos limites do lote, a transformação progressiva dos pavilhões externos de serviço das chácaras em edículas, o desaparecimento das hortas e pomares [...] e, de modo geral, a transferência, para os jardins e todos os espaços externos, dos antigos preconceitos de fachada e hierarquia dos espaços, da arquitetura tradicional.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 207:
Implantação da
residência da Rua
Quintino Bocaiúva, N°
567.

Fonte: Acervo pessoal
A. C. Moreira.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital
nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 208: Implantação da residência da Rua Benjamin Constant, N°1650.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Como já afirmado em um momento anterior, Teresina não enfrentou a escassez de terrenos, que desde o início apresentaram dimensões generosas, mesmo nos anos de 1939-1952 com a intensa expansão da cidade e não apenas nas residências maiores. Na verdade, isso se mantém até os dias atuais, quando observamos que, independentemente das áreas de construção, as residências usufruem dessa disponibilidade de espaço livre.

Como um segundo aspecto de análise, ressaltamos o rígido paralelismo entre as edificações e os limites do lote. Alinhado com o que afirmou Reis Filho (1970), ao dizer que o paralelismo com os limites do terreno lembra ainda padrões tradicionais, encontramos, na bibliografia consultada e nos nossos levantamentos apenas uma residência que fugia a esse esquema, como mostram as imagens a seguir (Figura 209 e Figura 210). Situada na Avenida Frei Serafim, foi construída na pela família de um importante comerciante local, de nome João de Deus (MATOS, 2011).

Figura 209: Casa do comerciante João de Deus.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 210: Vista aérea do quarteirão da casa do comerciante João De Deus – demarcada em amarelo – onde se vê o desalinhamento desta em relação à via, aos limites do lote e as outras residências.

Fonte: Google Earth, 2015. Editada pela autora.

A popularização dessa forma de implantação desprendida dos limites dos lotes, trouxe ainda uma maior difusão dos gradis metálicos, que com o uso da técnica do ferro rebitado, permitiu inúmera variedade de desenhos que asseguravam a visão das belas moradias por parte dos transeuntes (Figura 211, Figura 212, Figura 213 e Figura 214).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 211: Abundância de gradis na residência da Rua São João, nº 1111.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 212:
Gradis
abundantes na
fachada da
residência da
Rua Quintino
Bocaiúva,
2515.

Fonte: *Google
Street View,*
2015.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 213: Detalhe do gradil na janela da fachada do palacete do Sr. China Freitas.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 214: Detalhe do gradil trabalhado projetado com riqueza de detalhes para a residência da Rua Quintino Bocaiúva, 567.

Fonte: Imagens cedidas por Nina Vieira Campos. Editada pela autora.

A obrigatoriedade do Código de 1939 de construir residências com pelo menos dois pavimentos na Avenida Frei Serafim(Figura 215) gerou grandes mudanças na paisagem urbana local, originando um logradouro extremamente sofisticado e distinto do restante da cidade, que por sua vez também passou a abrigar maior número de sobrados frente às décadas anteriores (Figura 216, Figura 217, Figura 218, Figura 219).

Figura 215: Vista aérea da Avenida Frei Serafim (ao centro), onde vê-se a predominância de sobrados. Data imprecisa.
Fonte:Acervo FUNDAC.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 216: Sobrado construído no final da década de 1940 na Rua Coelho Rodrigues. Data imprecisa.

Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 217: Sobrado construído na Rua Álvaro Mendes, nº 1888. Data imprecisa.

Fonte: Acervo FUNDAC.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 218: Sobrado construído no final da década de 1940 na Avenida Miguel Rosa.
Fonte: Acervo FUNDAC.

Figura 219: Sobrado construído na década de 1940 na Avenida Miguel Rosa.
Data imprecisa. Fonte: Acervo FUNDAC.

Além da difusão dos sobrados, a planta baixa das residências construídas nesse período apresentou significativas mudanças frente às décadas anteriores. Destacamos, nesse sentido, a inserção da garagem especialmente nos sobrados - que pela popularização do automóvel, tornou-se indispensável e frequentemente ocupava uma das laterais da residência, como no sobrado construído na Avenida Miguel Rosa, nº 3300 na década de em 1940 (ver imagem 219), em um processo semelhante ao que descreve Alembert (2003, p. 99):

A vulgarização do "morar à francesa" durante as primeiras décadas do século XX em São Paulo fez com que os programas residenciais de classe média dos anos 20 e 30 procurassem se adaptar às novas expectativas programáticas. A maior diversidade funcional dos cômodos e circulações e o estabelecimento de um zoneamento interno distinguiam as residências populares, que naquele momento passavam a adquirir um valor simbólico, revelador da posição social e econômica do seu proprietário. Desta forma, sempre que possível, eram previstas entradas independentes sociais e de serviço (com acesso por passagem lateral); surgiam pequenos vestíbulos de distribuição no térreo e no superior interligados por escada interna; a sala de visita ou estar era independente da sala de jantar e situada com destaque na frente da casa; as áreas de repouso (dormitórios e banheiro completo) eram localizadas no andar superior; e a copa, a cozinha, o quarto da criada e o WC eram posicionados no fundo da habitação de modo a criar uma zona de serviço.

Foi possível ainda encontrar, como uma exceção a essa configuração, a garagem descolada do volume principal da residência, que, mais do que uma opção para

este ambiente, nos revela a ascensão da técnica do concreto armado na cidade (Figura 220).

Figura 220: Vista da residência da Rua São João, N°1111, com a garagem descolada do volume principal da edificação.

Fonte: *Google Street View*, 2015.
Editada pela autora.

Além da inserção da garagem, outras significativas mudanças foram verificadas na configuração dessas residências. Lemos (1985) ao falar das residências com feições neocoloniais construídas em São Paulo a partir da década de 1920, afirma que sempre possuíam um hall de entrada e sala de estar separada da sala de jantar. Alembert (2013), ao falar das demais transformações no programa de necessidades das residências também construídas a partir dos anos de 1920 nos revela transformações que também aconteceram em Teresina, só que com maior peso no período aqui estudado:

Com a chegada da água encanada domiciliar as instalações sanitárias e de banho puderam ser incorporadas no corpo da edificação, proporcionando maior conforto e sensíveis melhorias nas condições higiênicas das habitações. Nas casas de classe média estas áreas e a cozinha apareciam sistematicamente próximas umas das outras, devido principalmente ao alto custo das tubulações hidráulicas, que eram importadas, o que caracterizava quase uma dependência programática deste período. Cabe ressaltar aqui que o modelo de instalação sanitária doméstica que se vulgarizou na cidade de São Paulo (e, em todas as cidades brasileiras) foi o norte-americano, que ao contrário do europeu, não separa a latrina das outras peças sanitárias, reunindo num mesmo cômodo bacia, bidê, lavatório ou pia e a banheira ou semicúpio.¹ A introdução da copa nas casas de classe média paulistanas foi outra novidade surgida nos anos 20. Originada nos programas diversificados dos palacetes, que adotavam como norma a especialização funcional decorrente do "morar à francesa", a copa apareceu neste período nas residências populares como um espaço de convivência doméstica; era o local no qual a família se reunia de maneira informal para fazer as refeições do dia, substituindo de certa forma as funções de estar da antiga varanda. Situada sempre junto à cozinha, a copa configurava-se nestas casas, via de regra, como um cômodo de transição entre a zona social (sala de jantar ou de estar) e a de serviço (cozinha, dependências de serviço, quarto da criada e o quintal).

Apesar do avançado estado de descaracterização das residências teresinenses, que muito provavelmente apresentaram essa conformação em seu estado original, ainda foi possível confirmá-la na cidade nos exemplos a seguir. Ressaltamos ainda que devido ao aumento da rede de abastecimento de água na década de 1930, passou a ser recorrente o banheiro no interior das casas apresentando grandes dimensões como uma exigência do Código de Posturas de 1939 e, finalmente, destacamos o

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

surgimento de um pequeno alpendre – que até então não havia tido tão grande espaço na moradia urbana teresinense - como primeiro cômodo dessas edificações.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 221: Planta Baixa esquemática da residência da Rua Dr. Arêa Leão, Nº 1820.

Fonte: HOLANDA; LIMA; MAIA; RODRIGUES, 2013. Redesenhada pela autora.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

○ código de posturas de 1939 e o centenário da capital
nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 222: Planta Baixa esquemática da residência da Rua Quintino Bocaiúva, N° 567.
Fonte: ARCANJO; CAMPOS; VELOSO; VINÍCIUS. 2013. Redesenhada pela autora.

Diretamente relacionado à conformação da planta dessas edificações, verificamos, a partir do final da década de 1930 um progressivo desuso do porão alto, o que Correia (2004) relaciona ao afastamento das casas da rua, que consolidou-se em Teresina nesse momento. Reis Filho (1970, p. 78) expõe causas e consequências:

O desaparecimento dos porões habitáveis conduziria ao uso das edículas, com garagens, quartos, canis, depósitos etc., onde ainda seriam reconhecíveis facilmente os traços das antigas senzalas, cocheiras, oficinas de serviço e locais. Transferiam-se para os fundos das casas aquelas dependências, uma vez que, longe do alinhamento e das vistas dos passantes, as residências reduziam seus embasamentos, conservando apenas porões discretos, com galerias para arejamento. Em seguida, com o uso de impermeabilizantes e pisos de tacos de madeira, mesmo aqueles afastamentos do nível do terreno seriam abolidos. Quebrava-se, pois, um entrave de quatro séculos e conquistava-se a possibilidade de incorporação do espaço exterior e da paisagem à arquitetura, o que desde logo seria aproveitado pelo nascente movimento de arquitetura contemporânea.

No corte apresentado no projeto original da residência da Rua Quintino Bocaiúva, percebemos a inexistência do porão, além aplicação do impermeabilizante e a evidência dada a este, ilustrando em Teresina o que Reis Filho (1970) mostrou acontecer no cenário nacional.

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Além do surgimento das lajes de concreto, que se apresentou de maneira gradual até atingir um maior uso só na década de 1950, não encontramos grandes

mudanças nas soluções construtivas dadas a essas residências, concordando com a fala de Reis Filho sobre as residências construídas entre 1920 e 1940 (1970, p. 78)

No conjunto, porém, pode-se dizer que as residenciais individuais dessa época não apresentavam alterações tecnológicas fundamentais. Apenas, pouco a pouco, substituíam-se, por produtos nacionais, equipamentos e materiais inicialmente importados. As soluções técnicas eram sempre mais ou menos semelhantes. As paredes de tijolos forçavam a repetição das plantas nos dois pavimentos. Os pisos de madeira exigiam a existência de porões no pavimento térreo e de forros de gesso ou madeira nos dois andares. Os telhados amplos, quase sempre com beirais, lançavam as águas sobre os jardins, ou, quando possível, ostentavam um sistema completo de condutores e calhas em balanço.

Percebemos assim uma similaridade no tocante em quase todos os aspectos mencionados por Reis Filho, com exceção aos pisos de madeira, que em Teresina nesse momento se difundiu o uso do taco.

Vemos, em Teresina, uma grande profusão de materiais importados, especialmente nos requintados e sofisticados palacetes da Avenida Frei Serafim, onde buscava-se ao máximo exprimir o *status* privilegiado dos seus proprietários. Matos (2011) baseando-se em entrevistas com familiares, afirma que o mármore empregado no palacete da família do advogado Ney Ferraz (ver imagem 200) foi comprado na Europa, enquanto Mello (1976) relata em seu livro de memórias que na sua residência (ver imagem 199) o portão principal, as grades de ferro e as portas

foram trazidas do Rio de Janeiro e do Paraná. Finalmente, Augusto Martins (2015) ao nos falar da “*Casa cor de Rosa*” – luxuosa residência que o engenheiro Cícero Ferraz de Souza Martins construiu para a sua família - afirma que todas as portas eram de Pau-Brasil, o que, mediante o cenário local, muito provavelmente foi trazida de fora do estado.

Em virtude da situação de extrema descaracterização dessas residências, pouco foi registrado dos seus pisos e forros originais. Diante disso, o que pudemos perceber foi um cenário diversificado nesse quesito. Augusto Martins (2015) nos relata, por exemplo, que o piso da “*Casa cor de Rosa*” era todo em granito branco e preto. Pergentino Lobão de Castro Lima (2014), ao falar dos materiais construtivos empregados na residência de sua família⁶², diz que

O piso da casa era todo em tacos de madeira, menos exceção do banheiro, que era de pastilha, e dacozinha, que era de ladrilho hidráulico [...] O forro era de madeira de lei com possuía rodafio decorado e as janelas e as portas da residência eram em cedro.

Registramos ainda o uso de tacos de madeira e de ladrilho hidráulico em outras residências (Figura 224 e Figura 225), mas, destacamos como característica própria desse momento o emprego de pastilhas (Figura 228) – que tentava-se reproduzir nos ladrilhos hidráulicos - até então inexistentes nas residências locais.

⁶² Atualmente a edificação possui outro proprietário e, apesar de preservadas suas fachadas e seu volume, o interior encontra-se completamente descaracterizado.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 224: Pisos em ladrilho hidráulico encontrados na residência da Rua Barroso, Nº 632.
Fonte: BRAZ; CASTILHO; MACÊDO.

Figura 225: Piso em ladrilho hidráulico na “Casa da Dona Madalena”.

Fonte: Emerson Mourão. Acervo do movimento VIVA MADALENA⁶³.

Figura 226: Piso de pastilha encoberto na residência da Rua Miguel Rosa, .

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

A única forração original que conseguimos registrar, associada à descrição do Sr. Pergentino Lobão de Castro Lima, demonstra que, quando empregados – o que em decorrência da popularização das lajes acontecia com menor frequência do que nas décadas anteriores – seguiam as características apresentadas até então (Figura 227). Ressaltamos, assim, que diante do emprego da laje, prejudicou-se o conforto térmico no interior dessas edificações, que até então era muito valorizado em seus aspectos construtivos.

⁶³ VIVA MADALENA foi um movimento composto majoritariamente por jovens estudantes para a evitar a demolição da residência, julho de 2015.

Figura 227: Forros em madeira trabalhados na residência da Rua Barroso, Nº 632.

Fonte: BRAZ; CASTILHO; MACÊDO.

Além da inovação dos vidros coloridos, que foram largamente difundidos nesse período, destacamos a forma arredonda incorporada pelas janelas em virtude das feições neocoloniais e da facilidade do emprego de esquadrias metálicas, como exibem as figuras a seguir. Mais uma vez o conforto térmico foi determinante nas soluções arquitetônicas dessas edificações, materializado nas portas e janelas através do emprego de bandeiras vazadas – presentes desde as residências das primeiras décadas da capital – ou em venezianas, que proporcionavam a ventilação permanente. Vemos, ainda, larga semelhança com o que Alembert (2003, p.96) nos mostra acontecer em São Paulo no mesmo período:

Estimulada pela moda *Art Déco* indústria começou a produzir a partir da década de 30 vários tipos de janela de ferro de correr, de

bascular, de pivotar, etc. Com um design mais moderno estes caixilhos foram usados comumente nas salas, cozinhas e banheiros das residências populares construídas nesta época. Para os quartos surgiu a novidade das janelas de madeira com venezianas tipo “Ideal”, que possibilitavam o controle da luminosidade interna dos cômodos de dormir.⁶⁴

⁶⁴A partir de uma leitura completa desta tese, afirmamos que a autora emprega o termo *popular* com o sentido de comum.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 228: Janelas da residência da Rua Miguel Rosa 3300.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira

(a)

(b)

(c)

Figura 229: Esquadrias da casa da Dona Madalena. (a) Porta com bandeira vazada (b) janela com bandeira em veneziana (c) janela curva.

Fonte: Acervo do movimento VIVA MADALENA.

Até aqui, foi, notadamente, no exterior dessas residências que encontramos as maiores transformações frente às décadas anteriores, pela larga adesão ao neocolonial, acompanhando uma tendência nacional na qual eram apresentadas várias combinações de características e estilemas, até mesmo traços inventados entre gradações que iam das menos elaboradas até as mais rebuscadas (MASCARO, 2008). Considerando a difusão dessa arquitetura na cidade, concordamos com Lemos (1994, p. 160) quando afirma que

Sin embargo, lo más interesante de todo es que la variante eclética historicista lanzada por Severo al el “estilo colonial” agradó a todos los gustos y se popularizó, inclusive, en el ámbito de la arquitectura sin arquitectos, pues adoptaba posiciones inesperadas cuya filiación a la gramática erudita era, a veces, difícil de identificar. Eran soluciones emanadas de la incorporación espontánea por parte del pueblo. No se trataba de una idea estilista, sino de una tipología “moderna” que hacía olvidar las tristes casas de antes de la guerra.

Ainda concordamos com Lemos, ressaltamos também a posição de Ramalho (1989, p. 234), que discute a naturalidade com a qual difundiu-se a arquitetura neocolonial no Brasil:

Aqui, mais uma vez, nota-se a ausência de qualquer polêmica a respeito do estilo neocolonial, que parece ter sido “naturalmente” aceito pelos arquitetos em atividade. Na verdade, sabemos que o neocolonial foi violentamente contestado por alguns profissionais de renome na época, como é o caso do arquiteto Cristiano Stocker das Neves, que escreveu uma série de virulentos artigos contra o no estilo na REVISTA DE ENGENHARIA DO MACKENZIE COLLEGE, a partir de 1919. Entretanto,

essa polêmica, que depois estendeu-se a publicações de mais ampla circulação, parece ter passado completamente despercebida aos arquitetos ligados à Escola Politécnica, a julgar pela ausência de qualquer posicionamento a respeito na REVISTA POLYTECHNICA. De qualquer maneira, se são poucos os comentários sobre a arquitetura residencial paulista encontrados nas revistas especializadas, o fato é que ela parecia gozar de muito prestígio perante a sociedade em geral, como se pode depreender de alguns artigos publicados em revistas de generalidades.

Frente a grande variedade de características proporcionadas pela arquitetura neocolonial, foi acertadamente o *Estilo Missões* que teve maior espaço na arquitetura, manifestação arquitetônica que tem sua origem discutida por Fernando Atique (2007, p. 287) em sua tese de doutorado:

Como visto, o missões não é uma arquitetura originada no Brasil, mas, aqui, ele encontrou campo e foi desenvolvido, dentro de um movimento de pan-americanização cultural e arquitetônica que se tem procurado historiar. Expressão arquitetônica de um fenômeno decorrente da expansão territorial dos Estados Unidos, no século XIX, por áreas que eram de origem hispânica, o *Mission Style* é, na verdade, apenas uma parcela de um processo maior de criação cultural transcorrido na América do Norte. Iniciado no período posterior à *Guerra México – Estados Unidos* (1846 e 1848) significou, num primeiro momento, a atribuição de novas interpretações aos presídios, aos ranchos e às missões da *Califórnia, do New Mexico e do Texas*, mais afinados com os com os pressupostos político-sociais estadunidenses. Segundo apontou o historiador urbano *Roberto Lint Sagarena*, com essa atitude intentava-se apagar as marcas da dominação mexicana, ocorrida entre 1821 – ano da independência do México, da Espanha – e 1848 – ano do início do

domínio dos Estados Unidos. A idéia era transformar a recém incorporada região em uma idealizada “*Arcádia Espanhola*”.

Diante disso, Atique (2007, p. 298) diz que ao se tratar de composição espacial e de ornamentação, as convenções sobre o que é o *MissionStyle* são muito amplas, mas alguns elementos se tornaram característicos:

pátios internos, geralmente conformados por arcadas; poucos andares; uso de telha cerâmicas do tipo capa canal; a quase inexistência de beirais – já que as missões ficavam em áreas desérticas, onde pouco chovia -; lajotas cerâmicas ou lajes de pedra para os pisos, dentre alguns outros.

De fato, a maioria das características destacadas por Fernando Atique como signos do *MissionStyle* foi largamente empregada em Teresina, mas é importante destacar que o pátio interno praticamente inexistiu nos exemplares teresinenses, sendo essa uma das importantes peculiaridades locais. O *MissionStyle* teve como principais características na cidade a maior parte das assinaladas por Alembert (2002) como recorrentes em São Paulo: presença de torreão de planta circular coberto por telhado cônico; telhado movimentado coberto com telhas de capa canal, além de da fachada principal arrematada por telhado de duas águas e telhados secundários interceptando segmentos de fachadas. Alembert (2002) relata ainda uma série de estilemas mais frequentes na *arquitetura missões* em São Paulo que são os mais constantes em Teresina: balcões alpendradas no pavimento superior guarnecidos

por colunas; alpendres com arcos plenos, abatidos ou goticizantes, as vezes, arrematados por tijolos ou pedras dispostos aleatoriamente imitando aduelas; grupos conjugados de duas ou três janelas em arco, as vezes separadas por pequenas colunas estriadas, torneadas, torças; janelas com venezianas; molduras de portas e janelas recortadas em forma de plissados ou ondulados; gradis de ferro trabalhados em portas e janelas e nos guarda-corpos de balcões; alpendres suspensos; Acrescentamos à estes o revestimento rústico das fachadas com reboco grosso em relevo; revestimento em pedras simulando embasamento da construção; ornamentação parietal em relevo em torno das aberturas; base de sustentação das sacadas em forma de conchas. A estas acrescentamos as características elencadas por Geoffroy (2004) ao tratar das missões do Rio de Janeiro: arcadas em arco pleno; a coluna salomônica retorcida; o reboco grosso com texturas e desenhos informais e variados, lembrando a decoração árabe; e envasaduras com trabalho de serralheria. A maioria destes encontra-se exemplificado nas imagens de residências situadas em Teresina, expostas a seguir (Figura 230).

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 230: Exemplos no estilo *missões* encontrados em Teresina.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 231: Exemplar residencial no estilo missões ladeado por uma residência com características ecléticas.

Fonte: Acervo MP.

Diante das características expostas, vemos grande proximidade entre as manifestações dessa tendência em Teresina e o que era produzido em outras partes do país (Figura 232) ou divulgados em catálogos e revistas especializadas, que foram um importante meio de difusão das características dessa arquitetura.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

(a)

(b)

Figura 232: Residências no estilo Missões. (a) Teresina (b) São Paulo.

Fonte: (a) Acervo pessoal A. C. Moreira (b) ALEMBERT, 2002.

Alembert (2002) resalta a recorrência dos painéis de azulejos quadribolados nessas residências, o que nos chamou atenção para a existência de um painel desse tipo em apenas um exemplar, apresentado na Figura 234.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 233: Residência no estilo *Missões* construída pela família do médico Helvídio Aguiar na Avenida Frei Serafim.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 234: Detalhe do painel de azulejos quadribolados na fachada da residência.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Ainda sobre o emprego dos azulejos nas fachadas dessas residências, Silva Filho (2007, p. 79) demonstra a escassez que já tínhamos evidenciado anteriormente, acrescentando que

Alguns bangalôs de Teresina exibem no alto das fachadas adornos isolados constituídos de 4 peças de azulejos, lembrando o costume adotado em São Luís do Maranhão de aproveitamento de sobras ou de composições de fachadas revestidas com esse elemento. Nesse caso, o mais provável é tratar-se de peças especialmente adquiridas para esta finalidade decorativa. Nos interiores das residências, a aplicação de azulejos teria igualmente em escala muito reduzida.

Figura 235: Exemplo da composição de quatro azulejos recorrente nas fachadas das residências da região central de Teresina.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Ainda tratando da conformação das características dessas edificações, Pinheiro (1998, p. 04) reconhece como manifestação do estilo pitoresco⁶⁵ os estilos Tudor, Chalet e Normando, segundo a descrição a seguir:

⁶⁵ Ver sobre a definição dos estilos *pitorescos* em “Uma Cidade Pitoresca: São Paulo Nas Décadas De 1930 E 1940” de autoria da Profa. Dr. Maria Lucia Bressan Pinheiro, disponível em <http://unuhostpedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/587/563>.

Mas as manifestações mais caracteristicamente pitorescas do período são o estilo Tudor, o chalet e o Normando - denominações estas por vezes consideradas intercambiáveis. Estes estilos configuram-se como variantes regionais da arquitetura vernaculareuropéia, e, por consequência, constituem os estilos pitorescos originais. Trata-se de manifestações românticas, até certo ponto escapistas; exemplos por excelência da "nostalgia pelo passado e pela natureza" tipicamente pitorescos. Presentes na paleta dos arquitetos brasileiros desde o fim do século XIX - e desde muito antes, na dos europeus -, estes estilos recebem novo influxo no período entre guerras, devido à tendência de reafirmação das raízes locais, ligada em parte à ideologia nacionalista dos partidos totalitários em ascensão no cenário político europeu (caso da Alemanha, da Itália e de Portugal), em parte devido à necessidade de reconstrução ocasionada pela 1ª. Guerra Mundial (caso da França, principalmente). Como de costume, esta situação encontrará eco na arquitetura residencial paulistana, conforme evidenciado em nossa pesquisa.

Percebendo uma radical predominância do estilo missões em Teresina, as manifestações descritas acima constituíram raras exceções na paisagem locais. Sendo assim, encontramos em nossos levantamentos e na bibliografia consultada apenas um exemplar com referências ao estilo Normando, construído e projetado pelo engenheiro Luís Mendes Ribeiro Gonçalves na Avenida Frei Serafim para a sua residência (Figura 236). Curiosamente, isso não se repetiu nas outras cidades da província. Encontramos, por exemplo, em Parnaíba e Piracuruca exemplares diversos dos estilos Tudor e Normando.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 236: Residência do engenheiro Luís Mendes Ribeiro Gonçalves em estilo normando.
Fonte: MATOS, 2011.

Observamos ainda, em concordância com Pinheiro (1998) que as tendências neocoloniais/pitorescas por vezes encontravam-se fundidas, quando valiam-se de recursos como a variedade e originalidade arquitetônicas. Sendo assim, em Teresina, nem sempre o neocolonial prevalece na unidade estilística da edificação. Algumas características –a exemplo dos telhados movimentados sempre aparentes –mas coexistiam com outros na mesma edificações. É o caso da residência a seguir, com claras influências da arquitetura *Art Déco*.

Figura 237: Palecete com características da arquitetura ArtDéco.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Ressaltamos ainda que, nesse momento, popularizou-se uma tendência já sinalizada no período anterior: a repetição de padrões, onde residências com características extremamente semelhantes foram construídas em pontos distintos da cidade, como evidenciam as imagens a seguir.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 238: Residências com características missões extremamente semelhantes construídas na região central de Teresina.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 239: Padrão de residências largamente difundidos na cidade.

Fonte: *Google Street View*, 2015. Editada pela autora.

Figura 240: Edificações semelhantes construídas já na década seguinte, evidenciando a manutenção da prática.

Fonte: *Google Street View*, 2015. Editada pela autora.

Diante de residências com interiores extremamente descaracterizados, pouco foi possível apreender sobre os seus elementos decorativos internos. Diante disso, mais uma vez, as escadas cuidadosamente torneadas em madeira como apresentam-se como protagonistas nesse cenário (Figura 241). Juntam-se à elas como elementos de sofisticação nesses espaços os vitrês, comuns nos mais ricos e elegantes palacetes da Avenida Frei Serafim. Martins (2015) nos conta que na “*Casa corRosa*” havia um grande vitrê colorido projetado por seu pai.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 241: Detalhes da escada e do guarda corpo da residência da Avenida Frei Serafim, Nº 1656.
Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952)

O código de posturas de 1939 e o centenário da capital nas residências construídas em Teresina (1939-1952).

Figura 242: Detalhe da escada do palacete do Sr. Leônidas Melo.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Figura 243: Vitrô do palacete do Sr. Leônidas Melo, descaracterizado pelo uso de adesivos.

Fonte: Acervo pessoal A. C. Moreira.

Finalmente, um último aspecto observado na conformação das características dessas edificações foi o mobiliário, o que também foi prejudicado pelas descaracterizações nessas residências. Diante disso, frente ao mobiliário original da residência da Rua Quintino Bocaiúva, Nº 567 e da propaganda da tradicional loja de móveis teresinense “Primos Stambowski”, percebemos o emprego do mobiliário de linhas Art-Decó, segundo a tendência nacional da época.

Figura 244: Guarda-Roupa integrante do mobiliário original da residência da Rua Quintino Bocaiúva, Nº 567.

Fonte: ARCANJO; CAMPOS; VELOSO; VINÍCIUS. 2013.

Figura 245: Propaganda da loja de móveis Primos Stambowski, onde vemos a presença de móveis em linhas Art Déco.

Fonte: GAZETA, 1942.

Diante da análise das residências em construídas em Teresina entre 1939 e 1952, alguns aspectos manifestaram-se como principais características ou influências na sua composição. Ressaltamos, assim, o estabelecimento da forma de implantação “solta dos limites do lote” que a maioria das residências construídas na cidade

nesse período passou a apresentar e constitui o modo mais recorrente na capital até os dias atuais.

Verificamos que, apesar das grandes transformações relativas ao programa de necessidades – surgimento da garagem; da copa; do hall e presença da varanda – não houveram grandes mudanças em seus materiais e/ou técnicas construtivas, sendo a principal delas o início da difusão das lajes em concreto armado.

Salientamos como traço mais característico do período a larga adesão da arquitetura neocolonial e a disseminação de residências no estilo missões, que frequentemente foram construídas sob a forma de padrões repetidos em pontos variados da cidade. Isso representou o fim do abismo temporal, e muitas vezes construtivo, entre as residências de Teresina e dos grandes centros nacionais. Finalmente, destacamos a atuação do Código de Posturas de 1939 – especialmente ao determinar as características das residências a serem construídas na Avenida Frei Serafim – e também dos engenheiros – com destaque para Cícero Ferraz de Souza Martins – na determinação das características das residências desse período e consequentemente na paisagem urbana da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu, ninguém precisou de me vir dizer
que o Brasil era interessante”
[Mário de Andrade]

“... desejamos, pois, chegar à seguinte conclusão:
entre nós deve e é forçoso que haja um estilo nosso.
Que o chamem colonial, tradicional, regional, nacional
ou outro epíteto mais saboroso, a juízo dos críticos
Este estilo terá que ser como em toda parte
a consequência do nosso clima,
nossa cultura, nosso temperamento...”
[Armando de Oliveira, 1922]

Depois de alguns anos debruçadas em livros, imagens, documentos, plantas, levantamentos ou quaisquer outros tipos de informações que nos levassem à apreensão de características das residências construídas em Teresina desde a sua fundação até o seu centenário, concluimos esse texto – porque essa pesquisa não se encerra aqui – com a certeza de que Vauthier apressou-se ao afirmar que todas as casas brasileiras eram iguais. Encontramos em Teresina, como buscamos

demonstrar ao longo dos capítulos, cem anos de casas repletas de particularidades, que se modificaram ao longo desse século e se reinventaram diante das novidades. Encontramos também cem anos de muitas casas carentes de sofisticação, recursos técnicos e financeiros, ou elementos decorativos, porém, ricas em soluções criativas diante de todas essas limitações. Agora, mais do que antes do início da pesquisa, compreendemos essa produção arquitetônica como mais uma importante manifestação do cenário heterogêneo e diversificado que é a arquitetura brasileira.

Diante desse objeto complexo e que, muitas vezes, foi pouco linear, nos deparamos com três momentos principais– deixando claro que não é nossa intenção classificar ou categorizar essas edificações e que essa não é uma divisão rígida, até por causa da existência de exemplares que transitam entre esses.

O primeiro momento correspondente à arquitetura que se constituiu nas primeiras décadas de fundação da cidade, com formas ainda intrinsecamente relacionadas à arquitetura tradicional e às casas de fazendas e um grande abismo entre o que se praticava nos centros maiores, especialmente em consequência do isolamento da cidade e da carência de recursos financeiros extrema nesse período.

Com o aumento da população, da infraestrutura urbana, das possibilidades de contato com outros centros e uma melhor condição financeira na virada para o século XX, ocorre um segundo momento no qual as influências ecléticas predominaram na conformação dessas residências, produzindo um ecletismo com

características tardias frente aos grandes centros do Brasil, mas totalmente adequado à temporalidade da cidade, que encontrou neste a resposta para o momento que atravessava. Uma arquitetura simples e carente de sofisticação, mas exuberante e elaborada frente ao que havia sido construído no início da cidade.

Como um terceiro momento destacamos a ascensão da arquitetura neocolonial, na qual se desfez o grande abismo existente entre Teresina e o restante do país. Encontramos, afinal, uma arquitetura coetânea e de proporções semelhantes às manifestações nacionais, que apesar de ter se estendido um pouco mais no tempo, ganhou corpo paralelamente à difusão ocorrida no país.

Todo esse cenário é consequência de uma série de fatores que tiveram maior ou menor peso em cada um desses momentos, mas atuaram constantemente na determinação das características da arquitetura residencial dos primeiros cem anos de Teresina. Como um desses fatores destacamos o clima. Mediante a ocorrência de altas temperaturas na cidade, buscou-se, com êxito, soluções para que os interiores fossem mais confortáveis e agradáveis. Sendo assim, isso interferiu no emprego dos materiais construtivos, por meio dos quais era preciso barrar a maior quantidade possível de calor, adotando esquadrias e forrações, que proporcionavam ventilação permanente, e também alturas internas dos ambientes bastante generosas.

Como um segundo fator nesse sentido, destacamos a importância dos códigos de postura, que pode ser entendido como uma influência externa, pelas recorrentes semelhanças entre os códigos promulgados no restante do país. Ao estabelecer as características dessas residências, ou diretrizes específicas para sua construção em pontos determinados da cidade, atuou-se diretamente não só na materialização da arquitetura, mas também na paisagem urbana, interferindo nas sociabilidades e no modo de vida da sua população. As limitações técnicas e financeiras locais também foram determinantes nesse contexto, pois, à medida que se trabalhava basicamente com os profissionais e materiais disponíveis na cidade, estabeleciam-se características distintas das de outros lugares, com diferentes níveis de formação técnica, ou utilizando outros materiais disponíveis, devido às limitações locais para exportar materiais e mão de obra.

**

Diante dos resultados alcançados nessa pesquisa, constatamos o quanto arquitetura teresinense modificou-se ao longo dos primeiros cem anos, adquirindo uma gama de nuances, de relações, de complexidades, que fizeram com que fosse preciso percorrer diversos caminhos investigativos até chegar à sua revelação. Adquiriu, assim, uma dimensão bem maior do que imaginávamos, deixando margem para novos estudos e desdobramentos, que possibilitarão ampliar a abordagem e o conhecimento dessa arquitetura produzida no Piauí, bem como evidenciar a

necessidade e a importância desse rico patrimônio que precisa e merece ser salvaguardado.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 2000.

ALEMBERT, Clara Correia d'. **Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as Grandes Guerras**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, COMERCIAL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. **Engenheiros**. Rio de Janeiro: 1940.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, COMERCIAL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. **Construtores e empreiteiros**. Rio de Janeiro: 1940.

ALVARENGA, Antônia Valtéria Melo. **Desenvolvimento e segregação: políticas de modernização e isolamento compulsório de famílias afetadas pela lepra no Piauí (1930-1960)**. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

ANDRADE, Andréia Rodrigues. **A estruturação Urbana de Teresina e seus primeiros prédios públicos**. In: Anais do XII Encontro Nacional de História Oral. Associação Brasileira de História Oral. Universidade Federal do Piauí: 2014.

ARAUJO, Maria Mafalda Baldoíno. **Cotidiano e Pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

ARAÚJO, Sammia; MENDES, Ana Clarisse; MOURA, Laís. **Trabalho final de disciplina: Inventário do patrimônio imóvel de Teresina**. Universidade Federal do Piauí, 2015.

ARCANJO, Davidson; CAMPOS, Nina Vieira; VELOSO, Ezequiel; LEONE, Vinícius. **Casa da Rua Quintino Bocaiúva**. Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2013.

ARRUDA, M; NOGUEIRA, L. PÁDUA, C. Residência do Sr. Alberoni Borges de Lemos. **Trabalho final da disciplina Técnicas Retrospectivas**. Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2007.

APEPI. **Relatório Presidencial de novembro de 1862**.

ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ. **Overmundo**. Disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/overblog/arquivo-publico-do-piaui>. Acesso em:
01/05/2014.

ATIQUE, Fernando. **Arquitetando a “Boa Vizinhança”**: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano (1876-1945). Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BARBOSA, Edison Gayoso Castelo Branco. **Therezina Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1991.

BARRETO, Paulo. **O Piauí e sua Arquitetura**. In: FAU/USP – MEC/IPHAN: Arquitetura Civil I: textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo: FAU/USP, 1975.

BARROS, Eneas. **O Turco e o Cinzelador**. Recife: Bagaço, 2009, p. 15.

BORTOLUCCI, Maria Ângela P. Castro e Silva. **Moradias urbanas construídas em São Carlos no período cafeeiro**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

BRAGA, Nádia ; CARVALHO, Thaís Marjore; SAMPAIO, Nayara; VELOSO, Samara. **Trabalho final de disciplina:** Levantamento do Colégio Terra. Universidade Federal do Piauí, 2010.

CARLOS, Samuel; MIRANDA, Charles. **Residência do Sr. Benjamin Lima.** Trabalho final da disciplina Técnicas Retrospectivas. Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2007.

CARVALHO, Elmar. **Uso e descaso.** Disponível em: <http://poetaelmar.blogspot.com.br/2012/05/uso-e-descaso.html> . Acesso em: 05 de ago. de 2015.

CARVALHO, Genimar Machado Resende de. **Construtores e aprendizes:** cativos da Nação e educandos artífices nas obras públicas da construção de Teresina (1850-1873). Porto Alegre: FCM Editora, 2013.

CASA JOCA (1910-2015). **Teresina Antiga**, 12 de jun. de 2015. Disponível em: <http://teresinaantiga.com/casa-joca-1910-2015.php> Acesso em: 30 de out. de 2015.

CASTELLO BRANCO FILHO, Moysés. **A habitação:** arquitetura colonial do Piauí. Fascículo V Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1978.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Desejos, tramas e impasses da modernização (Teresina 1900-1930). **ScientiaetSpes.** Teresina, Ano I. n° 02, ICF, 2002. p. 295-313.

CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. **História de Teresina.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. **Teresina:** Subsídios para história do Piauí. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. **Obra completa.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

CORREIA, Telma de Barros. **A Construção do Habitat Moderno no Brasil – 1870 – 1950**. São Carlos – Rima, 2004.

CRUZ, Andréa; SILVA, Paula. **CENTRO HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DE PARNAÍBA – PI**: sobrado Dona Auta. In: IX Colóquio Luso- Brasileiro de História da Arte (Anais). Belo horizonte, Nov. de 2014. Disponível em: <http://www.forumpatrimonio.com.br/aleijadinho/artigos/pdf/48.pdf> Acesso em 07 de set. de 2015.

DELSON, Roberta Marx. **Novas Vilas para o Brasil-Colônia**: Planejamento Especial e Social no Século XVIII. Brasília: Editora Alva, 1997.

DE RELANCE. **O estado**. Therezina, Piauh, 6 de novembro de 1902.

DINIZ, Andreza Galindo. CADDAH, Yasmine Ibiapina. Elementos de influência árabe na arquitetura de Teresina. In: **História da arte e da arquitetura no Piauí**. Instituto Camillo Filho. Teresina: 2005.

FABRIS, Annateresa. **Arquitetura eclética no Brasil**: o cenário da modernização. In: Anais do Museu Paulista Nova Série, Nº01, v. 01, 1993.

FAÇANHA, Antônio Cardoso. **A evolução urbana de Teresina**: Agentes, processos e formas espaciais da cidade. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

FALCI, Miridan Britto Knox. **A cidade de Oeiras do Piauí**. Revista do Instituto Histórico de Oeiras. Teresina: Expansão, n.17, p.165-206, 2000/2001

FONSECA NETO, Antônio. **Teresina 160 anos**. Teresina: O Dia, 2002.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio. **Desafiando o olhar de medusa:** a modernização e os discursos modernizadores em Teresina, nas duas primeiras décadas do século XXI. Dissertação: Mestrado em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, 2008.

FORTES FILHO, José. **De Saraiva a Heráclito:** pesquisa sobre a história de Teresina. Teresina: Gráfica e Editora Junior Ltda., 1993.

FURTADO, Maria Betânia Guerra Negreiros. ABREU, Renata Pereira de. Levantamento do edifício do Museu Histórico do Estado como medida de salvaguarda patrimonial. In: **Anais do 3º Seminário Arquitetura e Documentação.** Belo Horizonte: UFMG, 2013.

GAZETA. **Primos Stambowski.** Teresina, 4 de Nov. 1942.

GEOFFROY, Nora Maria Mendes Guimarães. **A morada carioca no contexto das zonas norte e sul nos anos 20.** (Dissertação). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2004.

GONÇALVES, Luiz Mendes Ribeiro. **Impressões e Perspectivas.** Brasília: 1980.

HOLANDA, Luna; Luíza, MAIA; RODRIGUES, Ana Bárbara. **Residência da Rua Arêa Leão.** Trabalho final da disciplina Técnicas Retrospectivas. Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2013.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

KESSEL, Carlos. **Neocolonial no Brasil:** entre o pastiche e a modernidade. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2008.

KRUEL, Kenard. **Cartas para A. Tito Filho.** Teresina: Zoodíaco, 2010.

LEAL JÚNIOR, José Hamilton. **Expansão Urbana, planos urbanísticos e segregação urbana: O caso de Teresina-PI.** Dissertação (Mestrado): Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

LEMOS, CARLOS A. C. **Alvenaria burguesa:** breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Cozinhas, etc.** São Paulo: Perspectivas, 1976.

_____. El estilo que nunca existió. In: AMARAL, Aracy. **Arquitectura neocolonial:** América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Memorial: Fondo de Cultura Económica, 1994.

_____. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **História da casa brasileira.** São Paulo: Perspectivas, 1989.

_____. **Transformações do espaço habitacional ocorridos no arquitetura brasileiro do século XIX.** In: Anais do Museu Paulista. São Paulo, 1993.

LIRA, Jacinta Francisca Lopes de. MOURA, Maria Geni Batista. Liceu Piauiense: História e Arquitetura. In: **História da Arte e da Arquitetura no Piauí.** Instituto Camillo Filho. Teresina: 2005.

MARTINS, Elias. **Frei Serafim de Catânia.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917.

MARTINS, Augusto. **Cícero Ferraz de Souza Martins.** Rio de Janeiro, 20. Nov. 2015. Entrevista concedida a Amanda Cavalcante Moreira.

MARTINS, Marina de Miranda. Do mar ao ultramar: a transmigração do lioz português para São Luís do Maranhão. **Revista de História da Arte e Arqueologia, Brasil**, nº19,

jan./jun. de 2013. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/revista19.htm>. Acesso em: 09 de dez. 2015.

MASCARO, Luciana Pelaes. **Difusão da arquitetura neocolonial no interior paulista, 1920-1950**. Tese (Doutorado) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.

MATOS, Matias Augusto de Oliveira. **Avenida Frei Serafim: Lembranças de um tempo que não acaba**. Teresina: W Lage – Alínea Publicações Editora, 2011.

MIRANDA, Agenor Augusto de. **Estudos Piauienses**. Companhia editora nacional: 1938.

MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. **O ecletismo parnaíba: hibridismo e tradução cultural na paisagem cultural da primeira metade do século XX**. Teresina: EDUFPI, 2012.

MELLO, Leônidas de Castro. **Trechos do meu caminho**. Teresina, Comepi, 1976

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Fundação Casa de Rui Barbosa** – Conhecendo um pouco o museu. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/> Acesso em 27 jul. 2014.

MONTEIRO, Lindolfo do Rêgo. **Relatório do Prefeito Municipal Lindolfo Monteiro referente ao exercício de 1937**. Teresina: Tipografia Popular, 1937.

MONTEIRO, Lindolfo do Rêgo. **Relatório do Prefeito Municipal Lindolfo Monteiro referente ao exercício de 1939**. Teresina: Tipografia Popular, 1941.

MONTEIRO, Lindolfo do Rêgo. **Relatório do Prefeito Municipal Lindolfo Monteiro. Teresina: Tipografia Popular, 1942a.**

MONTEIRO, Lindolfo do Rêgo. **Relatório do Prefeito Municipal Lindolfo Monteiro referente ao exercício de 1941**. Teresina: Tipografia Popular, 1942b.

MONTEIRO, Orgmar. **Teresina descalça**: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimento dos novos. Fortaleza: Ico, 1987.

MORAIS, Eliane Rodrigues. **A comemoração do centenário de Teresina, um exemplo de práticas e representações**. (Dissertação) – Mestrado em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NOVAIS, Fernando A. Condições da privacidade na colônia. In: SOUZA, Laura de Mello. **História da vida privada no Brasil**: Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Pags. 13-40.

NUNES, Odilon. **Súmula de história do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para a História do Piauí**: Lutas partidárias e a situação da Província. Teresina: FUNDAPI; Fund. Mons. Chaves, 2007. v. IV.

NUNES, Maria C. P. & ABREU, Irlane G. de. Vilas e Cidades no Piauí. In: SANTANA, R. N. M. de (org.). **Piauí: formação, desenvolvimento e perspectiva**. Teresina: FUNDAP, 1996.

O COMMÉRCIO. Therezina: 17 de ago. de 1907.

O APÓSTOLO. Therezina, 18 de jan. de 1910.

OS IMPOSTOS MUNICIPAES. **O estado.**Therézina, Piauhý, 3 janeiro de 1903.

PARTE OFFICIAL. In: **O PIAUHY:**Orgão do partido conservador. Ano III, Nº131. Therésina, 23 de mai. De 1870.

PATRIMÔNIO PIAUIENSES. **Clube dos Diários – Teresina.** 2015. Disponível em: <https://patrimoniospiauienses.wordpress.com/2015/05/28/clube-dos-diarios-teresina/>. Acesso em: 20/09/2015.

PAZ, Thersandro Gentil Pedreira. **Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Therézina pelo intendente Thersandro Gentil Pedreira Paz.** Rio de Janeiro: Graphics do Jornal do Brasil, 1917.

PIAUHY. **Código das leis piauihyenses.** Maranhão: Typ. Do Observador, 1854.

PIAUHY. **Código das leis piauihyenses de 1907.** Teresina, 1907.

PIAUHY. **Código das leis piauihyenses de 1912.** Teresina, 1912.

PIAUÍ, FUNDAÇÃO CULTURAL. **Bens tombados no Piauí.** Julho, 2009. Disponível em: http://www.fundac.pi.gov.br/download/200908/FUNDAC07_c552bc2f3a.pdf Acesso em: 12/11/2015.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. **Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos de 1920 no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. Uma cidade pitoresca: São Paulo nos anos 30 e 40. In: **Anais:** Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. V. 5, nº 3. São Paulo: 1998. Disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/587/563> Acesso em 28 de fev. 2016.

PINTO, Rubyane Costa; MIZUTA, Celina Murasse. Breve biografia de Zacarias de Góes e Vasconcellos. In: **Anais / 4º Encontro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Artes, 2º Encontro do Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação Oitocentista**, 08 e 09 de dezembro de 2011 . – Curitiba : Faculdade de Artes do Paraná, 2011.
Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br>.

PMT. **Inventário de proteção do acervo cultural do Piauí – IPAC**. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves 1998.

PMT. **Lei nº 3.602, de 27 de dezembro de 2006**. Teresina, 2006.

PREÇOS CORRENTES DOS GÊNEROS DO PAIZ. In: **Revista Mensal**, nº33, anno 3º, Theresina, 1º de set. de 1876.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900-1920**. Teresina: FUNDAPI, 2006.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930**. Teresina: FUNDAPI, 2008.

RAMOS, Antônio Carlos Moreira. **O centenário de Teresina**. Entrevista concedida a Amanda Cavalcante Moreira. Teresina: 01 de dez. de 2014.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

RESENDE, Samuel Carvalho. **Os planos de Urbanismo de Teresina e a Agenda 2015**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2013.

RODRIGUES, José Wasth. **A casa de moradia no Brasil antigo**. In: Revista do serviço do patrimônio histórico e artístico nacional. Nº9. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

SÁ, Marcos Moraes de. **A Mansão Figner: o ecletismo e a casa burguesa no início do século XX**. Rio de Janeiro: SENAC, 2002.

SANTANA, Márcia Castelo Branco. As teias da loucura: da construção do Asilo de alienados a construção do Sanatório Meduna em Teresina. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho de 2011.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro. **Evolução histórica da economia piauiense. Teresina: Cultura**, 1964.

SILVA, Ângela Napoleão Braz. **Entre rios: a modernização e o crescimento urbano de Teresina (1889-1940)**. Tese – Doutorado em Arquitetura e Urbanismo: Universidade Federal da Bahia, 2011.

SILVA, Ângela Napoleão Braz. Planejamento e Fundação da primeira cidade no Brasil Império. In: **Cadernos PROARQ 18**. UFRJ, 2012.

SILVA, Iêda Moura. A institucionalização da saúde pública no Estado do Piauí, 1937-1945. In: **Anais** [recurso eletrônico]/ XII Encontro da Associação Brasileira de História Oral, 6, 7, 8 e 9 de maio em Teresina, PI; Márcia Ramos de Oliveira (Org.) – Teresina, UFPI, 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares>.

SILVA FILHO, Olavo P. da. **Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte, 2007.

SOUZA, A. F. de P. Discurso pronunciado em 1901 na Escola Polytechnica. *Revista Polytechnica*, número extraordinário, abr. 1918.

TERESINA. **Diário oficial de Teresina**: Código de Posturas. Lei n. 69, 02 set. de 1905.

TERESINA. **Código de Posturas de Teresina**. Teresina: Diário Oficial de Teresina, 3 de abril de 1939.

TITO FILHO, Arimathéa. Ruas de Teresina. **O Dia**, 10 de Nov. de 1989. Disponível em: <http://acervoatitofilho6.blogspot.com.br/2011/08/ruas-de-teresina.html> Acesso em: 08 de Nov. de 2015.

VASCONCELOS, Carlos Augusto de. **O concreto no Brasil**. São Paulo: PINI, 1992.

VAUTHIER, L. L. In: FAU/USP – MEC/IPHAN: **Arquitetura Civil I**: textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo: FAU/USP, 1975.